

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

GABRIEL ESTRELLA D'ÁVILA

**UNIFORME INCOLOR**  
**DA CONSTRUÇÃO DOS IMAGINÁRIOS À RECUSA DA PROFISSIONALIZAÇÃO**  
**NO FUTEBOL MASCULINO (1902-1933)**

Niterói

2022

GABRIEL ESTRELLA D'ÁVILA

**UNIFORME INCOLOR**  
**DA CONSTRUÇÃO DOS IMAGINÁRIOS À RECUSA DA PROFISSIONALIZAÇÃO**  
**NO FUTEBOL MASCULINO (1902-1933)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre.

Orientador:

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Livia Gonçalves Magalhães

Niterói

2022

GABRIEL ESTRELLA D'ÁVILA

## **UNIFORME INCOLOR**

### **DA CONSTRUÇÃO DOS IMAGINÁRIOS À RECUSA DA PROFISSIONALIZAÇÃO NO FUTEBOL MASCULINO (1902-1933)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre.

Aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_.

#### BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Livia Gonçalves Magalhães – Orientadora UFF

---

Prof. Dr. Renato Soares Coutinho  
Universidade Federal Fluminense (UFF)

---

Prof. Dr. Sérgio Settani Giglio  
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

---

Prof. Dr. Mario Grynszpan (suplente)  
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Niterói

2022

À minha mãe, Maria, meu maior exemplo.  
Ao meu avô, Guilherme, minha maior inspiração.

## AGRADECIMENTOS

Quatro anos depois estou aqui de novo escrevendo os agradecimentos ao final de um trabalho acadêmico e a primeira pessoa permanece a mesma: minha mãe Maria. Obrigado por tudo sempre, inclusive pelo que nem sabemos, porque eu sei que você vai saber exatamente o que fazer. Por ser meu maior exemplo e meu maior orgulho. Eu faço isso por você. E fica tranquila, mãe, eu estou no caminho certo. Te amo muito!

Em seguida, agradeço à minha maior inspiração há muito tempo, meu avô Guilherme. Primeiro porque tudo começou em 2002, quando você me levou pela primeira vez a um estádio. Eu sei que não falo com você todos os dias, mas saiba que não passo um dia sem pensar em você. E se você não sabe o quanto eu te amo, é um erro meu.

Tendo agradecido essas duas pessoas essenciais para mim, gostaria de agradecer ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (PPGH/UFF) pela oportunidade de produzir a presente pesquisa.

Não menos importante foi minha orientadora Prof<sup>ra</sup>. Dr<sup>a</sup>. Livia Gonçalves Magalhães, que acreditou em mim mesmo quando eu não conseguia mais. Sua compreensão, cuidado e apoio foram um dos principais combustíveis à conclusão desse trabalho.

À banca da qualificação, composta pelos Profs. Drs. Mario Grynszpan e Renato Soares Coutinho, ambos da UFF, bem como à banca examinadora da defesa, a quem se junta o Prof. Dr. Sérgio Settani Giglio, da Unicamp.

Agradecer ao meu pai. Por sempre estar disponível e sempre me salvar quando eu preciso. Pela sua humildade e paciência comigo. Te amo.

Eu sou mais do que grato pelos meus dois principais pilares nessa vida, Caio e Freitas. Meus irmãos de outras mães, meus melhores amigos. Obrigado por ouvirem todos os meus choros, desabafos e piadas ruins em qualquer hora em qualquer lugar! Eu amo muito vocês e faço questão de dizer sempre que posso

À minha maior saudade cotidiana, Ana Carolina Padovani. Saudade das nossas fofocas, saudades das nossas conversas, saudades dos nossos dia-a-dias. Que você saiba o quanto eu te amo e torço por você!

Agradeço à Paulinha, amiga querida, que faz o meu irmão mais feliz e por me aceitar quase como uma “vela” eterna e pela paciência nos processos de regressão que eu e Freitas voltamos a ter 15 anos de idade. E à Dedessa, que tem um espacinho no meu coração, a quem admiro a habilidade de equilibrar todo dia entre a agitação da Tapi e a tranquilidade do Caio.

Agradeço ao querido amigo Lima, que vai dizer que não liga, mas eu amo ele mesmo assim.

À Aline e Bianca, amigas que o Salesiano me deu, que me ouviram reclamar várias vezes e continuam me contando as fofocas mesmo assim. Sinal que me ama e eu a elas.

Ao André Ximenes, meu terapeuta, que parece saber exatamente o que eu preciso quando eu preciso, dos puxões de orelha aos conselhos.

Por fim, agradecer ao Flamengo, por me ensinar o que é amar um clube e um esporte e fazer disso a minha vida.

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG  
Gerada com informações fornecidas pelo autor

E82u Estrella D'Ávila, Gabriel  
UNIFORME INCOLOR : DA CONSTRUÇÃO DOS IMAGINÁRIOS À RECUSA DA  
PROFISSIONALIZAÇÃO NO FUTEBOL MASCULINO (1902-1933) / Gabriel  
Estrella D'Ávila. - 2022.  
117 p.

Orientador: Livia Gonçalves Magalhães.  
Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,  
Instituto de História, Niterói, 2022.

1. Futebol. 2. Elites. 3. Rio de Janeiro. 4.  
Profissionalização. 5. Produção intelectual. I. Gonçalves  
Magalhães, Livia, orientadora. II. Universidade Federal  
Fluminense. Instituto de História. III. Título.

CDD - XXX

“Eu como futebol, eu durmo futebol, eu respiro futebol. Eu não sou louco, sou um apaixonado.”

— Thierry Henry, ex-atacante da seleção da França.

## RESUMO

A presente pesquisa tem o objetivo de entender os imaginários e sua construção por trás das recusas à profissionalização do futebol masculino no Rio de Janeiro, que, posteriormente, foram o foco da análise ao longo da chamada Primeira República. Tentaremos demonstrar como esse foi um fenômeno próprio das elites intelectuais do início do período republicano. Esse grupo tentou imprimir à sociedade brasileira e, mais especificamente, carioca da época, uma modernização à europeia. Apesar das complexidades internas da Europa da época, buscaremos desassociar somente à importação de modelos franceses, reconhecendo no futebol, uma tentativa dentro do mesmo processo de importação de um processo civilizador próprio da Inglaterra. Para tanto, o conceito de “desportivização” de Norbert Elias, é essencial para o desenvolvimento dessa problematização, reconhecendo esse mecanismo como parte do impulso civilizador inglês. Anos mais tarde, buscaremos analisar os discursos de recusa à profissionalização a partir da década de 1930, com o início do processo de adoção do regime profissional no futebol masculino carioca, em que essa mesma elite encontra-se, agora, em um processo de disputa para assegurar ao futebol o caráter distintivo que tivera no início do século XX.

Palavras-chave: futebol; profissionalização; elites; Rio de Janeiro; recusa; “desportivização”.

## **ABSTRACT**

The present research aims, first, to understand the mentality and its construction behind the refusals to professionalize men's football in Rio de Janeiro, which, later, were the focus of the analysis throughout the so-called First Republic. We will try to demonstrate how this was a phenomenon typical of the intellectual elites at the beginning of the republican period. This group tried to imprint on Brazilian society and, more specifically, carioca at the time, a European-style modernization. Despite the internal complexities of Europe at the time, we will seek to disassociate only the importation of French models, recognizing in football, an attempt within the same process of importation of a civilizing process typical of England. Therefore, Norbert Elias's concept of "sportivization" is essential for the development of this problematization, recognizing this mechanism as part of the English civilizing impulse. Years later, we will seek to analyse the discourses of refusal to professionalize from the 1930s onwards, with the beginning of the process of adoption of the professional regime in Rio de Janeiro's men's football, in which this same elite finds itself, now, in a dispute process to assure football the distinctive character it had at the beginning of the 20th century.

Keywords: football; professionalization; elites; Rio de Janeiro; refusal; sportsmanship.

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| Introdução .....  | 1  |
| Capítulo 01 — Da cidade aos gramados: do projeto modernizador de Pereira<br>Passos ao dissídio esportivo no Rio de Janeiro do século XX<br>.....              | 14 |
| 01.1. “Desportivização” e Grande Reforma Urbana — O futebol como agente civilizador da<br>Reforma Passos .....  | 15 |
| 01.2. Onde tudo começou... — Tensão turfe/aristocrático x remo/pequeno-burguês<br>.....   | 21 |
| 01.3. Uma “coisa moderníssima” — Futebol, <i>sportsmen</i> e o espaço das elites no início do século<br>XX .....  | 23 |
| 01.4. O dissídio esportivo — A disputa por trás das recusas à profissionalização<br>.....   | 28 |
| Capítulo 02 — Do <i>sportsmen</i> à demoiselle: os imaginários aristocráticos nas pá-<br>ginas de jornais e na figura de Marcos Carneiro de Mendonça<br>..... | 34 |
| 02.1. <i>Status</i> , modernidade e civilização — Os <i>sportsmen</i> como espelho e máscara da sociedade<br>carioca do início século XX .....                | 34 |
| 02.2. “Seleta assistência” e “distintas famílias” — O reforço do ambiente aristocrático nos jor-<br>nais cariocas dos anos 191.....                           | 36 |
| 02.3. Entre tapas e beijos — O dilema da imprensa carioca com as transgressões das normas<br>sociais nas partidas de futebol .....                            | 40 |
| 02.4. O “tipo perfeito” — Marcos Carneiro de Mendonça como modelo de <i>sportsmen</i> no futebol<br>carioca dos anos 1910 .....                               | 43 |
| Capítulo 03 — Da aversão à “boa vizinhança”: os tipos de discursos de recusa à<br>profissionalização do futebol masculino na imprensa carioca<br>.....        | 49 |

|   |    |
|---|----|
| 03.1. Escolas, clubes e <i>sportsmen</i> — O pano de fundo das recusas .....  | 50 |
| 03.2. “Quero conservar minha liberdade” — Estudos concretos de discursos de recusa à profissionalização do futebol masculino no rio de janeiro..... | 52 |
| 03.2.1 Definindo os dois tipos de discursos .....   | 52 |
| 03.2.2 “Vadios” e “infeciosos”: os discursos de aversão à profissionalização (e aos profissionais).....   | 53 |
| 03.2.3 Do “não quero” ao “não preciso”: os discursos com aparência de “boa vizinhança” .....  | 61 |
| <br>  |    |
| Considerações finais.....   | 69 |
| Referências.....  | 75 |
| Anexos.....   | 80 |

## INTRODUÇÃO

“Despiste a tua gloriosa camiseta — rubro-negra de amator [...] — [...] para envergar de hoje em diante o uniforme incolor e sem realce do profissional!” É assim que José Agostinho Pereira da Cunha define a adesão do Flamengo ao profissionalismo em 1933. A frase do antigo sócio número um do clube não é única, nem isolada dentre as reações à profissionalização do futebol masculino no Rio de Janeiro do início do século XX. Mais do que isso, ela nos mostra um profundo ressentimento com a adesão do seu clube ao profissionalismo.

O “uniforme incolor” foi a imagem escolhida pelo sócio para definir esses novos tempos. Por contraste, temos a “gloriosa camiseta” que era “rubro-negra de amator”. É a visão de uma época de brilho e colorida das glórias do amadorismo, que seriam substituídas pela gélida relação profissional, mercantilizada, onde não mais se jogaria por amor, mas sim por dinheiro.

O jogo de palavras escolhido por José Agostinho Pereira da Cunha nada mais é do que a exposição de um sentimento que era comum entre as elites do Rio de Janeiro das três primeiras décadas do século XX. O que havia era a defesa do jogar futebol apenas como *hobby*, isto é, sendo a única maneira digna de praticá-lo. Para emprego, era considerado mais nobre exercer as atividades chamadas “intelectuais”, enquanto defender o futebol profissional era algo de classes inferiores.

Tanto durante seu desenvolvimento na Inglaterra, como quando exportado para o Brasil e para o mundo, o futebol esteve ligado ao “processo civilizador”, como descrito por Norbert Elias no estudo do esporte e do lazer.<sup>1</sup> Para isso, um dos conceitos que conduzirão essa pesquisa é o de “desportivização”, do próprio Elias, onde as formas de ocupação do tempo livre sobre a forma de “desporto”, segundo o autor, caminham em paralelo com a difusão, também, dos modelos de produção industrial, de organização e de trabalho ingleses.<sup>2</sup>

Nesse sentido, destaca-se que:

sob a forma de “desportos”, os confrontos de jogos envolvendo esforços musculares atingiram um nível de ordem e de autodisciplina nunca alcançados até aí. Além disso, sob a forma de “desportos”, as competições integraram um conjunto de regras que asseguravam o equilíbrio entre a possível obtenção de uma elevada tensão na luta e uma razoável protecção contra os ferimentos físicos. A “desportivização”, em resumo, **possui o carácter de um impulso civilizador [...]**.<sup>3</sup> (Grifo nosso)

<sup>1</sup> ELIAS, Norbert. Ensaio sobre o desporto e a violência. In: DUNNING, Eric; ELIAS, Norbert. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992b. p. 223-256.

<sup>2</sup> ELIAS, Op. Cit, p. 223-224.

<sup>3</sup> Ibidem, p.224.

Tentaremos, aqui, identificar os primeiros passos rumo a essa “desportivização”, ainda no Reino Unido, preparando o futebol para se tornar um artigo de exportação e, mais do que isso, um mecanismo civilizador, que é como buscaremos entender o caráter da entrada desse esporte no Rio de Janeiro, ainda nos primeiros anos do século XX.

Analisar o desenvolvimento do futebol na Inglaterra é essencial para compreender, tanto as suas ramificações, quanto a difusão destas pelo mundo, mas, principalmente, para compreender a sua formação em esporte<sup>4</sup>, isto é, em:

[...] uma actividade de grupo organizada, centrada num confronto entre, pelo menos, duas partes. Exige um certo tipo de esforço físico. Realiza-se de acordo com regras conhecidas, que definem os limites da violência que são autorizados, incluindo aquelas que definem se a força física pode ser totalmente aplicada. As regras determinam a configuração inicial dos jogadores e dos seus padrões dinâmicos de acordo com o desenrolar da prova.<sup>5</sup>

Essa é a definição de esporte que será trabalhada ao longo de toda a pesquisa. No entanto, nenhuma atividade alcança essa categoria ao acaso. É o que alerta o próprio Elias, ao dizer que:

[...] o crescimento, da forma “adulta”, de um desporto não pode ser apresentado de modo adequado, se for encarado antes, como um emaranhado fortuito de actividades e de decisões de alguns indivíduos ou grupos conhecidos. [...] As alterações que se podem observar no desenvolvimento de desportos como o críquete e o futebol, assim como a caça à raposa e as corridas de cavalos, possuem não só um padrão, mas uma direcção próprios. Este é o aspecto da história dos desportos salientado por quem se refere a ela como um “desenvolvimento”.<sup>6</sup>

Como curiosidade, cabe notar que a forma “adulta” do futebol não existe, ou melhor, não existe no singular. O que há são as formas “adultas” do futebol, isto é, o *Association Football* — mais conhecido simplesmente por futebol no Brasil —, e o *Rugby Football*. É através dessas vertentes que o futebol se espalha como parte do processo civilizador.

Cabe, no entanto, destacar os caminhos que levam a essa ramificação do jogo até a formação dos esportes no último estágio. As formas primárias da atividade foram denominadas de *folk-football*, que já no início do século XX começavam a perder sua força na sociedade inglesa. No entanto, como mostrado por Eric Dunning e Kenneth Sheard, nas *public schools* inglesas, essas formas sobreviviam.<sup>7</sup>

<sup>4</sup> Parece-me importante destacar que a tradução da obra de Eric Dunning e Norbert Elias, “A Busca da Excitação” está em português de Portugal, por isso pode haver a diferença de terminologia entre a forma brasileira (esporte) e a forma portuguesa (desporto). Darei preferência à terminologia brasileira.

<sup>5</sup> ELIAS, 1992b, p. 230.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 231.

<sup>7</sup> O termo *public schools* não foi traduzido pois a noção de público aqui pode causar confusão. Segundo Eric Dunning e Kenneth Sheard, “Elas ficaram conhecidas como ‘públicas’ porque seus diretores, diferente dos das escolas ‘privadas’, não eram donos do estabelecimento, mas sim empregados assalariados indicados pelos

Essa “sobrevivência” é muito bem apresentada pelos autores, que ressaltam seu desenvolvimento dentro delas, como veremos a seguir. As especificidades de cada escola foram objetos fundamentais para a posterior codificação do jogo em esportes. Em muitas maneiras portanto, o trabalho de Dunning e Sheard corrobora e, mais que isso, completa a visão de Norbert Elias sobre esse processo de “desportivização”.

A Inglaterra passava por um período em que, apesar de sua nobreza rural estar dividida em grupos por vezes conflitantes, “[esses grupos] lentamente elaboraram regras para lutas parlamentares, acima de tudo, não violentas”.<sup>8</sup> Tal apontamento nos é interessante, uma vez que dialoga diretamente com o processo de “desportivização”.

Essa forma primitiva de futebol era, portanto, um dos meios pelos quais os mais velhos atestavam sua dominação dos mais novos.<sup>9</sup> Para manter essa estrutura, os alunos faziam da prática compulsória, ou seja, todos os meninos deveriam participar do jogo. Seu papel dentro do jogo era correspondente ao seu papel dentro do sistema de autoridade dos garotos. Os mais velhos se afirmavam assumindo as posições de ataque, enquanto os mais novos eram relegados às posições defensivas, que tinham o objetivo de proteger a meta. Dessa maneira, eram os próprios meninos os responsáveis por comandar a forma de futebol jogada na sua escola.

Ao dizer que as *public schools* mantinham relações “não-civilizadas”, os autores corroboram com o defendido por Norbert Elias.<sup>10</sup> Isso porque a “monopolização relativamente firme, estável e impessoal e o controle dos meios de violência é um dos traços centrais dos Estados-nações contemporâneos”.<sup>11</sup> Esse é um estágio essencial no processo de civilização, do qual outro processo, o de “desportivização”, faz parte. Para Elias, “o estágio que atingiram na organização social e controlo da violência física: isto é tão significativo de um aspecto do desenvolvimento das sociedades como a organização e o controlo dos meios “económicos” de produção”.<sup>12</sup>

---

conselhos administrativos”. Ou seja, era pública pois pertencia a um conselho, e não a um dono específico. Tradução livre. Do original: “They became known as ‘public’ principally because their headmasters, unlike those of ‘private’ schools, did not own the establishments but were salaried employees appointed by boards of trustees”. DUNNING, Eric; SHEARD, Kenneth. **Barbarians, Gentlemen and Players**. A sociological study of development of rugby football. Canberra: Australian National University Press. 1979. p. 46-48.

<sup>8</sup> Parece-me interessante à pesquisa destacar que os próprios autores chamam essa nobreza rural de *landed elite*, ou seja, a elite que possuía terras. Tradução livre. Do original: they slowly worked out rules for non-violent, above all, parliamentary struggles. (DUNNING e SHEARD, 1979, p. 49)

<sup>9</sup> DUNNING e SHEARD, 1979.

<sup>10</sup> ELIAS, Norbert. A gênese do desporto: um problema sociológico. In: DUNNING, Eric; ELIAS, Norbert. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992a. p. 187-221.

<sup>11</sup> Ibidem, p. 196.

<sup>12</sup> Ibidem, p. 207.

O esporte na Inglaterra cumpria, portanto, um papel fundamental, como poderoso instrumento de controle da violência. Mais do que isso, ele materializa o deslocamento, segundo Elias, “do prazer experimentado em praticar a violência para o prazer de ver a violência cumprir-se”, tornando-se, assim, importante impulso de civilização.<sup>13 14</sup>

Importante destacar que uma ideia que se cria no contexto da “desportivização” das práticas exercidas nas *public schools* é o de *sportsmanship* — que, em tradução livre, seria como “espírito esportivo”.<sup>15</sup> Com a chegada da elite inglesa às *public schools*, “o ideal de *sportsmanship* [...] era uma simbiose dos valores da aristocracia e da burguesia. *Sportsmanship* demandava a atitude competitiva e uma forte vontade de vencer, combinadas com a dignidade na derrota e a cortesia na vitória”.<sup>16</sup> Essa ideia é fundamental à formulação da categoria de *sportsmen*, um dos pontos centrais dessa pesquisa, e traz consigo esse deslocamento do desfrute do jogo, mais do que da vitória, ao enunciar a “dignidade na derrota e a cortesia na vitória”.<sup>17</sup>

Essas visões diferentes são fundamentais para o objeto pesquisado. Como tentaremos demonstrar mais adiante, não parece absurda a suposição de que essa mesma cisão que ocorre no Brasil por volta dos anos 1930 — entre amadores e profissionais —, são ressonâncias da importação dessa modernidade europeia, mesmo considerando as especificidades locais que influenciam em cada processo. Vale lembrar que essa modernidade traz consigo o processo civilizador inglês, mais especificamente aqui através do futebol. Assim como ocorreu no Brasil, também e anteriormente na Inglaterra houve uma elite que não via nos esportes e, principalmente, no futebol uma forma digna de se ganhar a vida.

Podemos supor que essa elite vê no futebol um resquício daquele jogo de garotos anterior à “desportivização”, construído sobre práticas abusivas. E, mesmo após à sua configuração em esporte, há um futebol cujo uma das características é a violência dentro dos padrões permitidos dentro daquele espaço da sociedade. Há, portanto, uma dupla inscrição do processo de “desportivização”, onde, ao mesmo tempo que controla a violência, a permite em padrões estabelecidos pela sociedade a qual está inserida.

---

<sup>13</sup> ELIAS, 1992b, p. 241.

<sup>14</sup> Norbert Elias vai dizer que “O desporto é, de facto, uma das maiores invenções sociais que os seres humanos realizaram sem o planear. Oferece às pessoas a excitação libertadora de uma disputa que envolve esforço físico e destreza, enquanto reduz ao mínimo a ocasião de alguém ficar, no seu decurso, seriamente ferido.” (ELIAS, 1992b, p. 243)

<sup>15</sup> WISMER, Lacey Elaine. **British American Football: National Identity, Cultural Specificity and Globalization.** Tese (Doutorado em Filosofia) — School of Sport and Education/Brunel University, Londres, Reino Unido, 2011.

<sup>16</sup> Tradução livre. Do original: “The ideal of sportsmanship [...] was a symbiosis of the values of the aristocracy and bourgeoisie. Sportsmanship demanded a competitive attitude and a strong desire to win, combined with dignity in defeat and courtesy in victory” (Van Bottenburg, 2001, p. 49 apud ibidem, 2011, p. 61).

<sup>17</sup> Van Bottenburg, 2001, p. 49 apud ibidem, 2011, p. 61.

Ou seja, isso significa dizer que, por mais que se controle a violência, ela ainda existe. Isso se torna um problema na medida em que mesmo que controlada, ainda é uma forma de violência, gerando uma certa repulsa na classe dominante, que nessa nova Inglaterra do século XIX pregava tendências mais pacíficas.<sup>18</sup> Neste sentido, os membros da elite britânica condenavam o fanatismo e a agressividade com que a classe trabalhadora levava o jogo.

Há outro aspecto importantíssimo à análise. Essa:

(...) mudança de ênfase, do desejo de vencer um confronto para a aspiração à vivência da agradável excitação prolongada do confronto, era a este respeito bastante significativa. Num estádio posterior encontrou a sua expressão no bem conhecido *ethos* dos desportos, de acordo com o qual não era a vitória, mas o próprio jogo, que interessava.<sup>19</sup>

Quando pensamos na profissionalização de um esporte, esse *ethos* é deixado de lado no momento em que se passou a remunerar os atletas. Pela própria lógica do profissionalismo, o indivíduo passaria então a buscar, cada vez mais, um melhor desempenho em busca de uma ascensão, possibilitada pelo dinheiro. Nessa perspectiva, a diversão do jogo daria lugar à busca pela vitória, que se torna a prova do sucesso.

Antes de analisarmos os casos específicos, acho que é importante denotar que o que se exporta, mais do que os esportes em si, é o processo de “desportivização”, que faz com que estas formas de jogo carreguem consigo um conjunto de normas e regras próprias da civilização inglesa. Essa codificação passa a tornar mais fácil a difusão do jogo. Tendo isso determinado, podemos delimitar, melhor o início desse processo através do futebol.

Um dos aspectos desse impulso civilizador promovido por esse esporte é, justamente, a ideia fundamentada dentro das *public schools* inglesas de *sportsmanship*, que sintetizava os ideais de civilização pretendidos, e que foi personificada na figura dos *sportsmen*.<sup>20</sup> Renato Lanna Fernandez, traz uma função essencial desses personagens, ao dizer que:

Esses sportmen vão dar ao futebol a sua própria marca, colocando-se como **agentes da modernidade**, imprimindo ao jogo um caráter elitista, que não estava restrito apenas aos círculos esportivos, relacionando-se diretamente com o projeto de civilidade por que a cidade estava passando com as reformas urbanas e arquitetônicas do momento, inspiradas nos modelos estrangeiros.<sup>21</sup> (Grifo nosso)

<sup>18</sup> ELIAS, 1992b.

<sup>19</sup> Ibidem, p. 256.

<sup>20</sup> O termo *sportsmen* já aponta de onde esse processo é exportado. Como veremos mais à frente, diversos termos em inglês foram utilizados como marcas de distinção. Esse mesmo ponto já foi levantado brevemente aqui quando falamos dos clubes ingleses no Rio de Janeiro, como o Fluminense **Football Club** e o Rio **Cricket**.

<sup>21</sup> FERNANDEZ, Renato Lanna. **O Fluminense Foot-ball Club**: a construção de uma identidade clubística no futebol carioca (1902-1933). 2010. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) – CPDOC/FGV, Rio de Janeiro, 2010. p. 44.

São nos ambientes elitizados dos clubes e escolas do Rio de Janeiro, por exemplo, que surgem os *sportsmen*, em meio ao movimento de “modernização” e “higienização” pelo qual a cidade passava. Estes eram:

[...] “homens corpulentos que expunham abertamente seus músculos em contradição com os jovens lânguidos e raquíticos envolvidos em grosso cachê-noz de lã” (Edmundo, 1957:381). Entretanto, ser um *sportsman* ia além de praticar vários esportes e ter um corpo atlético; significava que, através das práticas esportivas, se poderia inculcar valores pedagógicos, disciplinares e morais.<sup>22</sup>

Essa definição complementa a exposta por Leonardo Pereira.<sup>23</sup> Segundo o autor “Ser um *sportsman* era, assim, estar a par do que havia de mais moderno e elegante, constituindo-se como um grande elemento de distinção”.<sup>24</sup> São eles os “agentes sociais dignos e capazes de receber a herança do grupo, ou seja, de retransmiti-la, por sua vez, ao grupo” que Pierre Bourdieu identifica como o produto das estratégias educativas de dominação.<sup>25</sup> Sendo em sua maioria jovens das camadas letradas do Rio de Janeiro, com a possibilidade para se dedicarem integralmente aos esportes, uma característica era imprescindível aos *sportsmen*: o amadorismo.

Nessa introdução já começamos a trabalhar com uma das hipóteses da pesquisa: existe uma apropriação do futebol por parte das elites cariocas do início do século XX. Dessa maneira, os clubes de futebol passam a ser importantes espaços de sociabilidade na construção de agentes de uma modernidade que buscava a manutenção da distinção. É por isso que muitos atletas terão dificuldades em fazer a transição para o profissionalismo.

Há, no entanto aqui, mais duas questões conceituais a serem estabelecidas. Primeiro, qual é o tipo de modernidade importada? O principal marco do processo de modernização no Rio de Janeiro é a Grande Reforma Urbana, ocorrida durante a prefeitura de Francisco Pereira Passos (1902-1906). Esse projeto de melhoramento é constantemente lembrado como de inspiração europeia, de maneira mais genérica, e, mais especificamente, francesa, como acontece, por exemplo, nos textos de André Nunes de Azevedo, Lilia Moritz Schwarcz e Elias Thomé Saliba.<sup>26</sup>

<sup>22</sup> FERNANDEZ, 2010, p. 30.

<sup>23</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. “Pelos campos da nação: um goal-keeper nos primeiros anos do futebol brasileiro”. **Revista Estudos Históricos**, v.10, n.19, 1997. p. 23-40.

<sup>24</sup> *Ibidem*, p. 26.

<sup>25</sup> BOURDIEU, Pierre. “Estratégias de reprodução e modos de dominação”. **Repocs**, v.17, n.33, jan./jun. 2020. p 21-36.

<sup>26</sup> AZEVEDO, André Nunes de. “A reforma Pereira Passos: uma tentativa de integração conservadora”. **Revista Rio de Janeiro**, n. 10, Maio/ago 2003. p. 151-183; AZEVEDO, André Nunes. A dimensão da ideia de civilização no contexto da reforma urbana de Pereira Passos. **AEDOS**, v. 9, n. 20, 2016. p. 383-400; SCHWARCZ, Lilia Moritz. População e Sociedade. *In*: SCHWARCZ, Lilia Moritz (coord.). **A abertura para o mundo (1889-1930)**. Coleção História do Brasil Nação: Vol. 3, Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 35-83; SALIBA, Elias Thomé. Cultura

A análise de Elias Thomé Saliba corrobora com a apresentada anteriormente de uma exportação de uma modernidade à europeia. De acordo com o autor:

Os processos de desestabilização das regiões periféricas do mundo, gerados pela revolução tecnológica e científica na segunda metade do século XIX, vieram consagrar a hegemonia europeia sobre todo o globo terrestre, que viu seus modos de vida, usos, costumes, formas de pensar, ver e agir transformados em modelos inspiradores de novas guinadas culturais.<sup>27</sup>

Para Lilia Moritz Schwarcz, no Brasil, esse era um momento em que:

Havia o entusiasmo pelo futuro e o progresso, que efetivamente já estavam em curso com a transformação das cidades. [...] Essa época também ficou conhecida pelo nome de "regeneração", quando se alterou o perfil das grandes urbes brasileiras, privilegiando uma nova conformação arquitetônica e urbanística à moda francesa do barão de Haussmann [...].<sup>28</sup>

Schwarcz constata, ainda, que “[m]odernização e tradição eram conceitos fortes nesse momento que previa mudanças, mas experimentava continuidades de toda ordem”.<sup>29</sup> Ainda segundo a autora, “no Rio de Janeiro [essa modernização] ficou conhecida como "regeneração" [e] parecia corresponder ao surto que ocorria em outras partes do mundo, trazendo a sensação de que o Brasil, finalmente, estava em harmonia com o progresso e a civilização”.<sup>30</sup> André Nunes de Azevedo, contudo, vai quebrar com essa naturalidade da associação entre progresso e civilização.<sup>31</sup>

É preciso, no entanto, estabelecer antes a segunda questão, que é diretamente ligada a esse processo modernizante: que elite é essa que estamos falando? É importante ressaltar que vai ser dentro dessa elite que enquadraremos a maioria dos *sportsmen*, que definimos anteriormente, sendo ela, portanto, a agente dessa modernização.

Como veremos ao longo da pesquisa, esse grupo é uma elite política e intelectual surgida com o início da República e que vai crescer nos espaços de sociabilidade desta, que se pretende moderna, como descrito em Saliba:

As novas gerações da elite intelectual brasileira, com formação militar e tecnocrática, associadas aos estamentos tradicionais —já desgastados com o Império e aderentes à onda republicana em 1889 —, tornaram-se extremamente sensíveis à abertura do mundo, alavancada pelas transformações proporcionadas pela belle époque europeia. [...] Embalados pelo toque de clarim da fundação da República, os intelectuais se viam, em atitudes não destituídas de soberba, como representantes dos novos ideais

---

/ As apostas na República. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (coord.). **A abertura para o mundo (1889-1930)**. Coleção História do Brasil Nação: Vol. 3, Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 239-294.

<sup>27</sup> SALIBA, 2012, p. 241.

<sup>28</sup> SCHWARCZ, 2012, p. 36.

<sup>29</sup> Ibidem, p. 41.

<sup>30</sup> Ibidem, p. 44.

<sup>31</sup> AZEVEDO, 2003; AZEVEDO, 2016.

da época e responsáveis por indicar o caminho seguro para a sobrevivência e o futuro do país.<sup>32</sup>

Se levarmos em conta, como afirma Schwarcz, que “civilização e controle eram as palavras de ordem do período”<sup>33</sup>, podemos fazer logo uma associação do processo de “desportivização” como um mecanismo de controle dos corpos, mas que, no entanto, ocorrera na Inglaterra. Por conseguinte, associar a sua importação através da entrada do futebol para um Rio de Janeiro em pleno processo de modernização, significa, como tentaremos mostrar, que, apesar do projeto arquitetônico ser mais ligado às ideias trazidas da França, o modelo de sociedade, pelo menos em parte, passa pelo processo civilizacional inglês.

Ao tratarmos, portanto, da modernidade europeia estamos tentando dar conta dessa complexidade que a própria elite carioca da época se impunha. Ao mesmo tempo que descreve a importação de uma arquitetura francesa, também se refere à introdução do futebol, um esporte próprio do processo civilizador inglês. No meio desses dois parâmetros, uma sociedade que se pretende “europeia”, que, no caso da elite intelectual do Rio de Janeiro, parece caminhar entre um e outro.

Uma vez estabelecida a que elite nos referimos e problematizada a noção de modernidade geralmente abordada na historiografia sobre as mudanças ocorridas no Rio de Janeiro, podemos seguir para a próxima hipótese da pesquisa.

Tentaremos demonstrar que essa transição para o profissionalismo não foi uma consequência tão natural da popularização quanto geralmente aparenta ser nas pesquisas sobre o tema, como em Eduardo de Souza Gomes, Mauricio Drumond e João Manuel Malaia.<sup>34</sup> Ele foi um processo conturbado e confuso. Provavelmente porque, ou tratam exclusivamente das instituições, como os clubes e federações, ou de um olhar para os jogadores que vinham das classes mais baixas, muitas vezes, esses estudos se prendem no dissídio esportivo, como o principal

---

<sup>32</sup> SALIBA, Op. Cit., 240.

<sup>33</sup> SCHWARCZ, 2012, p. 39.

<sup>34</sup> GOMES, Eduardo de Souza. A chegada do profissionalismo: imprensa e dirigentes de futebol no Rio de Janeiro (1933) e na Colômbia (1948). **Esporte e Sociedade**, Rio de Janeiro, ano 12, n. 29, março 2017; DRUMOND, Maurício da Silva. Os Gramados do Catete: Futebol e Política na Era Vargas (1930-1945). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos. **Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional**. Rio de Janeiro: Mauad Editora: FAPERJ, 2006; MALAIA, João Manuel. O processo de profissionalização do futebol no Rio de Janeiro: dos subúrbios à Zona Sul: A inserção de negros, mestiços e brancos pobres na economia da Capital Federal (1914-1923). **Leituras de Economia Política**, Campinas, v. 10, n. 1 (13), p. 125-155, jan./jul. 2008; MALAIA, João Manuel. **Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)**. 2010. Tese (Doutorado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

conflito. Buscaremos, contudo, mostrar que ele é só mais um. Levando em conta que esse processo é imposto pelas elites descritas de cima para baixo, veremos, por exemplo, como a proposta e aprovação da profissionalização, causa a completa revolta em alguns dirigentes.

Vale ressaltar que, por conta da pandemia da COVID-19, a presente pesquisa, diante das dificuldades impostas pelo cenário, precisou se ater à consulta de periódicos, principalmente com relação à hipótese anterior, uma vez que a pesquisa direta em arquivos ficou limitada por questões de saúde. Esses processos e conceitos descritos acima serão, portanto, analisados a partir, principalmente, da grande imprensa da época, como *O Globo*, *Correio da Manhã*, *O Paiz e Jornal do Brasil*, trazendo, pontualmente, periódicos “menores”, como jornais de bairro e de comunidades locais, a exemplo do *Beira Mar: Copacabana, Ipanema e Leme* e do *The Brazilian News*.

Podemos debater o uso termo “grande imprensa”, a partir de trabalhos como os de Tania Regina de Luca e Laura Antunes Maciel.<sup>35</sup> Segundo Luca, “de forma genérica [o termo] designa o conjunto de títulos que, num dado contexto, compõe a porção mais significativa dos periódicos em termos de circulação, perenidade, aparelhamento técnico, organizacional e financeiro”.<sup>36</sup> Ao analisar a história da imprensa, Maciel ressalta que essa chamada grande imprensa são próprios dos grupos sociais dirigentes sendo “os [seus] meios de expressão e formação da opinião”, bem como “dos símbolos da sua cultura e da sua intervenção social”.<sup>37</sup>

A pesquisa entende, portanto, esses periódicos como um espaço legítimo das elites estudadas. Mais do que isso, é importante notar como os jornais da grande imprensa tentavam monopolizar essa forma de divulgação de ideias, uma vez que:

Quando eles [os representantes da classe trabalhadora] ousaram se apropriar de códigos e linguagens de uso socialmente restrito para editar jornais e revistas, foram ignorados ou desqualificados com termos como ‘pasquins’, ‘jornaizinhos’ ou ‘jornalecos’ “virulentos e violentos” ou a ‘subliteratura’ subversiva.<sup>38</sup>

A linguagem apresentada por Maciel, foi utilizada para diminuir as formas de imprensa das classes trabalhadoras. Isso é interessante à pesquisa, pois como veremos ao longo dela, é muito similar à usada para criticar a profissionalização do futebol. Isso demonstra um recurso comum das elites, em diversos âmbitos para diminuir as formas de apropriação pela classe trabalhadora dos seus mecanismos de expressão, seja a imprensa ou o futebol.

---

<sup>35</sup> LUCA, Tania Regina. A grande imprensa no Brasil da primeira metade do século XX. **Brazilian Studies Association (BRASA)**, Atlanta, Georgia, p. 1-22, 2008; MACIEL, Laura Antunes. Imprensa, História e Memória: da unicidade do passado às outras histórias. **Patrimônio e Memória – UNESP/CEDAP**, v. 5, n.2, p. 58-81 - dez. 2009.

<sup>36</sup> LUCA, 2008, p. 1.

<sup>37</sup> MACIEL, 2009, p. 68.

<sup>38</sup> MACIEL, 2009, p. 71.

O trabalho de Luca é especialmente importante para o que aqui pretendemos, uma vez que a autora dá conta de um recorte temporal muito próximo ao aqui apresentado. Além disso, ela também identifica o aparecimento das seções dos jornais como fruto de uma inserção desses na lógica dos negócios. Nesse processo:

Surgiram seções especializadas, dedicadas ao público feminino, esportes, lazer, vida social e cultural, crítica literária, assuntos policiais e internacionais. Aos poucos se delineava a distinção entre matéria de caráter informacional ou propriamente jornalística, supostamente neutra e objetiva, e o texto de opinião, que tomava posição e defendia idéias e valores.<sup>39</sup>

Partindo desse processo de especialização, portanto, o futebol começou a figurar na seção esportiva dos jornais. Antonio Jorge Soares, Ronaldo Helal e Marco Antonio Santoro, ainda que analisem as referências à Copa de 1970, estabelecem um padrão que também é perceptível nos discursos que analisaremos nos jornais cariocas das primeiras três décadas do século XX.<sup>40</sup> Segundo os autores, “[n]o caso do futebol, as narrativas jornalísticas apresentam sua memória resgatando fatos, imagens, ídolos, êxitos e fracassos anteriores, no sentido de construir uma tradição, como um elo entre as gerações dos aficionados pelo esporte”.<sup>41</sup> Muitos dos relatos que veremos tentam, na defesa do amadorismo, resgatar num passado próximo os exemplos de *sportsmen* ou os êxitos de determinado clube, como forma de legitimação de seus argumentos.

Há que se ressaltar que a realidade do Rio de Janeiro dessas primeiras décadas do século XX, apontava para a imprensa como um meio viável de divulgação de ideias na antiga capital federal. Segundo Luca, “o recenseamento realizado no Distrito Federal em 1906 conclui que de cada cem habitantes da capital do país quarenta e oito eram analfabetos. E os dados para meados do século XX apontavam para uma taxa total de analfabetismo na casa dos 50%”.<sup>42</sup>

Ainda que esses dados trazidos pela autora deem a impressão de um recurso elitizado, uma vez que excluía quase metade da população da cidade, se comparado ao restante do Brasil, era um cenário favorável, como nos mostra Elias Thomé Saliba. De acordo com o autor:

Acompanhando a euforia da inauguração da República, o mercado editorial carioca contrastava com o relativo marasmo do restante do Brasil, com seus quase 80% de analfabetos. Na capital, pelo menos a metade do total da população (ou seja, mais de 400 mil pessoas) entrava na categoria de possíveis leitores.<sup>43</sup>

---

<sup>39</sup> LUCA, 2008, p. 3.

<sup>40</sup> SOARES, Antonio Jorge; HELAL, Ronaldo; SANTORO, Marco Antonio. Futebol, imprensa e memória. **Fronteiras** – estudos midiáticos, v. 6, n. 1, p. 61-78, 2004.

<sup>41</sup> *Ibidem*, p. 63.

<sup>42</sup> LUCA, 2008, p. 7.

<sup>43</sup> SALIBA, 2012, p. 247.

É interessante, contudo, fazer uma ressalva dentro do contexto histórico da época. Como aponta Hebe Mattos, dentro da política da época, só votava quem sabia ler e escrever, o que tornou esse problema não mais de escolaridade somente, mas, também, de cidadania. Diante disso, a “alfabetização como critério para a cidadania fez com que a questão da educação primária tomasse feição central em inúmeros estados na primeira experiência republicana, ainda que não fosse garantida pela Constituição Federal”.<sup>44</sup>

Isso serve-nos para mostrar que, se havia nas seções de esportes da grande imprensa e nos periódicos destinados especificamente a eles um embate entre discursos contrários e favoráveis à profissionalização do futebol masculino, esse próprio debate foi, em certa medida, elitista. Mesmo dentro da lógica dos negócios, Luca ressalta que:

Ainda que tivessem adentrado ao mundo dos negócios, os jornais não deixaram de se constituir em espaço privilegiado de luta simbólica, por meio do qual diferentes segmentos digladiavam-se em prol de seus interesses e interpretações sobre o mundo. Não por acaso, os vários órgãos da grande imprensa distinguiam-se pelo seu matiz ideológico, expresso nas causas que abraçavam, na autoimagem que se esforçavam por construir e no público que pretendiam atingir.<sup>45</sup>

Três jornais usados no decorrer da pesquisa são identificados por Maciel como um dos “cinco jornais diários mais poderosos da cidade [do Rio de Janeiro] ao longo das duas primeiras décadas do século XX”.<sup>46</sup> São eles o *Correio da Manhã*, *O Paiz* e o *Jornal do Brasil*. Os dois últimos, inclusive, são, segundo Luca, “identificados com a logo chamada de ‘velha ordem’”, após os acontecimentos de 1930, que depuseram Washington Luiz e deram início ao período do governo provisório de Getúlio Vargas.<sup>47</sup>

Os jornais acima foram escolhidos por terem aberto o espaço de suas seções esportivas para defender ou dar voz aos que se posicionavam contra a profissionalização do futebol, especialmente nos anos de 1933 e 1934, não por coincidência após parte dos clubes cariocas aderirem ao regime profissional. Pelo mesmo motivo, são, também, os principais periódicos analisados na pesquisa, juntos com *O Globo*, de onde tiramos as principais entrevistas de jogadores que se recusaram a se profissionalizar.

Além deles, também foram usados outros três periódicos de maneira mais pontual, o *Diário Carioca*, onde foram publicados os inscritos em provas de atletismo, nos permitindo atestar o caráter de *sportsmen* de um dos personagens da pesquisa, o goleiro Victor; o *Beira*

<sup>44</sup> MATTOS, Hebe. A vida política. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (coord.). **A abertura para o mundo (1889-1930)**. Coleção História do Brasil Nação: Vol. 3, Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 114.

<sup>45</sup> LUCA, 2008, p. 8.

<sup>46</sup> MACIEL, 2009, p. 70.

<sup>47</sup> LUCA, Op. Cit., p. 15.

*Mar: Copacabana, Ipanema e Leme*, jornal específico de um conjunto dos bairros mais elitizados do Rio de Janeiro à época, sendo útil, pois poderemos identificar a posição forte contra a profissionalização com as elites que estudaremos; e o *The Brazilian News*, um jornal que era publicado inteiramente em língua inglesa, utilizado para demonstrar a relevante presença inglesa no Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XX.

Serão usados, também, recortes jornalísticos e documentais disponíveis no Acervo Marcos Carneiro de Mendonça, da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. Sobre esse acervo, em especial os recortes, a ressalva feita por Laura Maciel ao analisar a preservação desses registros é pertinente, onde “[é] importante considerar que a preservação dos registros – portanto, da possibilidade de tornar acessível as memórias sociais – é assimétrica e reproduz as desigualdades e preconceitos vividos pelos sujeitos produtores daqueles registros/testemunhos”.<sup>48</sup>

Desse modo, o arquivo citado é uma coleção de jogos em que o Marcos Carneiro de Mendonça esteve presente. Tal constatação corrobora, inclusive, para a análise de Soares, Helal e Santoro, que, ainda que tratem especificamente da imprensa esportiva, encontra ressonâncias também na sua preservação, como nesse caso, uma vez que “tal ação coloca o presente em continuidade com o passado, fornecendo elos identitários e geracionais e apresentando o esporte como um ‘drama’ que coloca a identidade em permanente tensão”.<sup>49</sup>

Além dos jornais, outra fonte usada na sustentação dos argumentos, é o livro **O Negro no Futebol Brasileiro**, de Mario Filho. Concordo aqui com a visão de João Manuel Malaia e Maurício Drumond, que reconhecem que a obra “tem provavelmente a maior influência na criação de um imaginário que ainda hoje marca a identidade do futebol no Brasil”.<sup>50</sup> Ainda que nos sirva aqui como fonte, tentaremos adotar certo cuidado, pois “é possível observar ao longo do livro a reprodução de diversos casos anedóticos, os quais possivelmente estavam enraizados na memória de seus entrevistados”.<sup>51</sup>

Devemos levar em consideração, por exemplo, que Mario Filho era um defensor do profissionalismo e dono do *Jornal dos Sports*, que fez grande campanha favorável à adoção desse regime. Além disso, “Mario Filho estava em consonância com um modelo historiográfico que acreditava produzir a verdade inequívoca pela análise de documentos”, ou seja, uma “historiografia brasileira de meados da década de 1940 [que] ainda tinha uma forte presença dos

---

<sup>48</sup> MACIEL, 2009, p. 73.

<sup>49</sup> SOARES, HELAL e SANTORO, 2004, p. 63.

<sup>50</sup> SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; DRUMOND, Maurício. A construção de histórias do futebol no Brasil (1922 a 2000): reflexões. *Tempo*, v. 19, p. 19-31, 2013. p. 23.

<sup>51</sup> SANTOS; DRUMOND, 2013, p. 25.

ideais da escola metódica francesa, de finais do século XIX”.<sup>52</sup> Por essas razões, o autor será usado, majoritariamente, como uma fonte da época, em especial por seu caráter memorialístico, sem, contudo, descartar a sua relevância bibliográfica, como uma obra referência acerca do estudo do futebol, em especial no Rio de Janeiro.

Todo esse debate acerca do uso das fontes, seja as de imprensa, seja o livro de Mario Filho — ainda mais quando encarado como um relato memorialístico —, associado à constatação do profissionalismo como um projeto vitorioso dentro do futebol do Rio de Janeiro da década de 1930, nos leva, também, a uma outra discussão, dessa vez em torno da memória e, mais do que isso, do esquecimento. Quando falamos de imaginários acerca do futebol, que valorizam o amador e condenam o profissional, estamos falando de imaginários derrotados. Portanto, antes de falarmos sobre os tempos do amadorismo e tratá-lo como um passado esquecido, é necessário estabelecer as questões relacionadas à memória e a sua relação com a História.

O trabalho de Enrique Serra Padrós vai se dedicar justamente aos usos da memória e do esquecimento na História.<sup>53</sup> Segundo o autor, “em termos concretos a memória relaciona-se com a dimensão do tempo passado, estabelecendo uma necessária interação entre o esquecimento (apagamento) e a preservação integral do passado (na verdade, preservação impossível)”.<sup>54</sup> Dessa maneira, de acordo com Padrós a “memória passa a ser um fator fundamental de identidade e de suporte dos sujeitos coletivos como desempenha, também, uma função importantíssima, tanto na preservação da experiência histórica acumulada, de valores e de tradições”.

Essas passagens são importantes, pois, não só o autor identifica o esquecimento como próprio da memória, como atribui a ela um caráter identitário. Esses dois aspectos nos ajudam a entender o porquê, por exemplo, de termos pouca ou nenhuma referência ao passado amador da História do futebol no Brasil.

Padrós também desmistifica, digamos, a “naturalidade” da memória, ao afirmar que:

De fato, a memória é uma construção. Como tal, ela é perpassada, veladamente, por mediações que expressam relações de poder que hierarquizam, segundo os interesses dominantes, aspectos de classe, políticos, culturais, etc. isto não é produto do acaso; é sim, resultado da relação e interação entre os diversos atores históricos em um determinado momento conjuntural.<sup>55</sup>

O autor completa dizendo, ainda, que, “representando interesses de certos setores ou da comunidade como um todo, a memória, transformada em senso comum, é uma referência de

---

<sup>52</sup> *Ibidem*, p. 25.

<sup>53</sup> PADRÓS, Enrique Serra. Usos Da Memória e do Esquecimento na História. *Letras*, n. 22, p. 79–95. 2001.

<sup>54</sup> PADRÓS, 2001, p. 79.

<sup>55</sup> PADRÓS, 2001, p. 81.

coesão identitária e faz parte da cultura política de uma determinada sociedade”.<sup>56</sup> Ou seja, nas palavras do próprio autor, “Lembrar o passado é um elemento essencial na conformação da *identidade*, individual ou coletiva. [...] São os indivíduos que lembram, mas são os grupos sociais que determinam o que deve ser lembrado e como deve sê-lo”.<sup>57</sup> Partindo dessa constatação, é possível já aqui afirmar, portanto, que, dentro dessa disputa entre amadorismo e profissionalismo que veremos, há também uma disputa por uma memória, ou melhor, pelo controle dela por parte dos grupos em disputa.

Torna-se indispensável aqui, ainda que de maneira breve, delimitar que há uma diferença entre História e memória. Utilizando-se de autores já clássicos que se debruçaram sobre esse debate, como Peter Burke, Maurice Halbwachs e David Lowenthal, Padrós bem define essa distinção. Partindo de Lowenthal, o autor estabelece que:

[...] a história se distingue da memória pela forma de aquisição, transmissão, conservação, alteração e validação do conhecimento que ela produz sobre o passado.<sup>58</sup> Enquanto a História conta com o crivo das fontes empíricas para aferir, mensurar e avaliar a sua análise sobre o passado, a memória não tem como realizar esse caminho. A história, ao objetivar a compreensão de situações de natureza coletiva e ao explicar racionalmente o que o senso comum apresenta de superficial e emotivo, afasta-se da memória.<sup>59</sup>

Tratando especificamente do esquecimento, Padrós o trata como intrinsecamente ligado à memória. Segundo o autor:

E condição básica do fato de lembrar o poder esquecer, classificar, combinar e destacar lembranças. Para esquecer, entretanto, devemos conhecer. Se conhecemos, lembramos. Se lembramos, podemos esquecer, podemos exercer o direito da opção de esquecer. [...] Não se trata do que fazer para lembrar, mas de como agir se os fatos não são conhecidos até hoje. [...] O problema colocado consiste no fato de que aquilo que foi apagado foram os próprios eventos, a própria história.

O esquecimento é tema também tratado por Johann Michel, ao abordar os usos políticos do mesmo.<sup>60</sup> Ainda que o estudo do autor seja mais destinado às políticas de construção ideológica de ordem nacional, acredito que a abordagem proposta é compatível a uma escala mais reduzida, como a aqui proposta.

Segundo Michel, os usos do esquecimento partem do que ele define como “políticas simbólicas”, ou seja, “o conjunto de dispositivos e ações colocadas em prática [...] para fabricar uma imagem idealizada e consensual”.<sup>61</sup> Além disso, o autor ressalta que:

<sup>56</sup> Ibidem, p. 80.

<sup>57</sup> Grifo do autor. Ibidem, p. 82-83.

<sup>58</sup> LOWENTHAL, 1998 apud. PADRÓS, 2001, p. 82.

<sup>59</sup> PADRÓS, Op. Cit., p. 82.

<sup>60</sup> MICHEL, Johann. Podemos falar de uma política do esquecimento?. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.2, n.3, p. 14-26, ago.-nov. 2010.

<sup>61</sup> MICHEL, 2010, p. 14.

Subsiste em toda política simbólica uma função ideológica que remete a uma dimensão quase narcisista do grupo e do poder: forjar imagens, símbolos e narrativas que permitem aos indivíduos se reconhecerem em um espelho idealizante, ao mesmo tempo como membros de um determinado grupo e diferente de outros.<sup>62</sup>

É interessante reparar como há aplicabilidade mesmo nos casos de um grupo derrotado, uma vez que, curiosamente, essas características das políticas simbólicas, no caso da presente pesquisa, podem ser associadas aos partidários do amadorismo durante o processo de profissionalização. Como veremos, quase como um último suspiro, seus defensores tentam remontar a nomes e glórias antigas na tentativa de legitimar o amadorismo.

Em seu trabalho, Michel propõe, ainda, uma análise weberiana de tipos-ideais de esquecimento, em que há um que identifique estar mais de acordo com aquele sofrido pelo amadorismo, definido como “esquecimento-manipulação”.<sup>63</sup> Segundo o autor, esse tipo “trata-se de um procedimento ativo e voluntário, por vezes estruturado, de esquecimento diretamente imputável aos atores públicos encarregados de elaborar e transmitir a memória pública oficial”.<sup>64</sup> Desse modo, Michel reconhece uma forma bem instrumentalizada de esquecimento, que creio cabível aqui.

Michael Pollak, por sua vez, nos traz uma perspectiva interessante que lança luz à figura do historiador nesse processo.<sup>65</sup> De acordo com o autor, mais do que uma memória coletiva, reconhece-se a existência de uma memória enquadrada. Segundo Pollak, o conceito suscita a necessidade de “enquadramento”, ou seja, demanda um trabalho que “se alimenta do material fornecido pela história”.<sup>66</sup>

Ainda nessa linha, o autor destaca que:

Esse trabalho de enquadramento da memória tem seus atores profissionalizados, profissionais da história das diferentes organizações de que são membros, clubes e células de reflexão. [...] Além de uma produção de discursos organizados em torno de acontecimentos e de grandes personagens, os rastros desse trabalho de enquadramento são os objetos materiais: monumentos, museus, bibliotecas etc.<sup>67</sup>

Aqui, além do trabalho do historiador, Pollak atribui grande importância à materialidade da memória, em “monumentos, museus, bibliotecas etc.”. Não é difícil lembrar aqui logo das

<sup>62</sup> *Ibidem*, p. 14.

<sup>63</sup> Michel tem outro tipo-ideal que ele caracteriza como “esquecimento-destruição”, que segundo o autor “é utilizada no sentido de construir uma memória oficial hegemônica em detrimento de memórias coletivas concorrentes que são o objeto de uma ação sistemática de aniquilação” (MICHEL, 2010, p.23). Ainda que trate da tentativa de uma construção hegemônica, a violência desse tipo-ideal, não me pareceu adequada, já que alguns jogadores estudados, migraram ao profissionalismo e com anuência dos seus defensores, como Prego e Velloso.

<sup>64</sup> MICHEL, *Op.Cit.*, p. 18.

<sup>65</sup> POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, v. 2, n.3, p. 3-15, jun. 1989.

<sup>66</sup> POLLAK, 1989, p. 9.

<sup>67</sup> *Ibidem*, 1989, p. 10.

homenagens feitas pelo Fluminense F.C. em sua sede social, cuja maioria dos bustos relembram ídolos dos tempos profissionais, com pouca menção à época do amadorismo.<sup>68</sup>

Renato Soares Coutinho chama atenção justamente para esse aspecto da memória relacionada ao futebol nos tempos do amadorismo.<sup>69</sup> Segundo o autor:

Certamente, isso não se trata de falta de memória; ao contrário, isso se deve à construção de uma memória que esqueceu o futebol que se jogava nos tempos do amadorismo. Um torcedor do Fluminense que nunca viu um lance sequer do ponta Tim, sabe que ele foi um craque driblador. É quase certo que esse mesmo torcedor não saiba nem mesmo em qual posição jogava Marcos Carneiro de Mendonça, ídolo tricolor nos anos 1910 e primeiro arqueira da seleção brasileira. As demonstrações mais claras desses esquecimentos ocorreram nos anos de comemoração dos centenários dos clubes. Todas as celebrações das torcidas eram feitas em homenagem aos grandes ídolos dos tempos do profissionalismo, e em nenhum momento festejou-se de fato as fundações dos clubes.<sup>70</sup>

Esse trecho do artigo de Coutinho, mostra justamente esse aspecto — que será trabalhado aqui — do apagamento sofrido pela memória dos tempos do amadorismo. Inclusive a própria figura de Marcos Carneiro de Mendonça, como veremos, é um símbolo dessa época, considerado o “tipo ideal de *sportsmen*”.

No primeiro capítulo, “Da cidade aos gramados: do projeto modernizador de Pereira Passos à sociabilidade entre as elites do Rio de Janeiro no início do século XX”, tentaremos entender como esse processo civilizador descrito aqui chega ao Brasil. Defenderemos a ideia de que a chegada desse esporte no Rio de Janeiro fez parte de um contexto maior, de importação de uma modernização europeia, tendo como base os “melhoramentos” executados pelo Governo Federal e pela prefeitura de Pereira Passos na capital do país à época.

É nesse capítulo que tentaremos ver como as questões locais afetam e são afetadas por esse processo civilizador que chega ao Rio, com um olhar especial para o futebol. É também nele que começaremos a entender a construção do espaço dos clubes como elitizados, já que, com o andar da pesquisa, procuraremos demonstrar como os clubes são verdadeiros espaços de sociabilidade fundamentais às elites e, não menos importante, o papel dos *sportsmen* como agentes de modernidade.

---

<sup>68</sup> Há duas homenagens à história amadora do clube, porém podemos questioná-las. Um busto destinado a Oscar Cox, fundador do clube, sendo essa a principal razão da homenagem, e outro a Pinguinho, ídolo tricolor e autor do primeiro gol da Seleção Brasileira, mas que, contudo, chegou a jogar também pelos profissionais.

<sup>69</sup> COUTINHO, Renato Soares. Pena que Fausto fosse assim, um revoltado: memória e esquecimento em tempos de futebol profissional. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História** – ANPUH, São Paulo, julho 2011. p. 1-10.

<sup>70</sup> COUTINHO, 2011, p. 2.

No segundo capítulo, “Do *sportsmen* à *demoiselle*: os imaginários aristocráticos nas páginas de jornais e na figura de Marcos Carneiro de Mendonça”, apresentaremos como a imprensa carioca da época reforça os aspectos de distinção que se tinham, buscando compreender como ela imprime-os ao futebol no início do século XX. Trataremos, também, do caso Marcos Carneiro de Mendonça e toda a imagem em torno deste personagem como um dos mais célebres *sportsmen* do futebol carioca e brasileiro do início do século XX.

O terceiro e último capítulo, “Da aversão à ‘boa vizinhança’: os tipos de discursos de recusa à profissionalização do futebol masculino na imprensa carioca”, buscaremos entender a disputa institucional entre amadorismo e profissionalismo, para que depois possamos passar a uma análise de alguns discursos utilizados para que se recusasse a condição de profissional na prática do futebol a partir dos periódicos pesquisados.

Por fim, a maioria dos casos analisados ao longo desses três capítulos, são identificados em três principais clubes. São eles o Botafogo Futebol Clube, o Clube de Regatas do Flamengo e o Fluminense Football Club.<sup>71</sup>

---

<sup>71</sup> O Botafogo Football Club se fundiu com o Clube de Regatas Botafogo para dar origem ao atual Botafogo de Futebol e Regatas.

## CAPÍTULO 01

### DA CIDADE AOS GRAMADOS: DO PROJETO MODERNIZADOR DE PEREIRA PASSOS AO DISSÍDIO ESPORTIVO NO RIO DE JANEIRO DO SÉCULO XX

Os casos de recusa à condição de profissional que ocorreram após o processo de profissionalização do futebol masculino no Rio de Janeiro a partir da década de 1930, parecem não ser muito explorados na bibliografia específica sobre o tema. Como vimos na introdução, tende-se a se tratar a adoção de um regime profissional através da ótica das camadas populares ou do âmbito institucional dos clubes e federações, que são importantes, mas tendem a naturalizar esse processo. Entretanto, numa tentativa de, antes, entender melhor as motivações que levaram a essas posturas contrárias até chegarmos aos casos em si, precisamos compreender primeiro a construção dos imaginários que levam à recusa da profissionalização no Rio de Janeiro do início do século XX.

É importante que se diga que esses imaginários são entendidos aqui como frutos de um processo e de um projeto maior, de importação de um ideal **européu** de sociedade, em uma lógica recém-republicana do **Rio de Janeiro**. Os termos grifados não são por acaso, trazem consigo duas ideias bem definidas de localidades, distintas e distantes: o continente Europa, com todas as complexidades dos países que a compõem, e a cidade do Rio de Janeiro, com todas as especificidades locais que afetam essa tentativa de importação. A ideia que faz a ponte entre essas duas localidades é a de modernidade europeia, importada pelas elites cariocas na tentativa de imprimi-la em sua cidade.

Nesse sentido, lembremos que tanto durante sua formação na Europa, como quando exportado para o Brasil e para o mundo, o futebol esteve ligado ao “processo civilizador”, como descrito por Norbert Elias no estudo do desporto e do lazer. Para isso, é fundamental o conceito de “desportivização” do autor, que desenvolvemos e explicamos na introdução da pesquisa.<sup>72</sup>

Defenderemos nesse capítulo, portanto, a ideia de que a chegada do futebol no Rio de Janeiro fez parte de um contexto maior, tendo como base os “melhoramentos” executados pelo Governo Federal e pela prefeitura de Pereira Passos. Para isso, primeiro, tentaremos associar os conceitos desenvolvidos por Elias de processo civilizador e “desportivização” à Grande Re-

---

<sup>72</sup> ELIAS, Norbert. Ensaio sobre o desporto e a violência. *In*: DUNNING, Eric; ELIAS, Norbert. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992b. p. 223-256.

forma Urbana, enxergada, como em André Azevedo, como um projeto de “progresso conservador”. É importante ressaltar, no entanto, que o modelo de modernização que se pretende não é necessariamente o de produção industrial, de organização e de trabalho, como em Elias. Isso porque o que ocorre é que o futebol é utilizado como mecanismo civilizatório desse modelo de “progresso conservador”, que, como trataremos posteriormente, não os termos são excludentes, apesar das aparências.<sup>73</sup>

Na segunda parte do capítulo, tentaremos expor uma relação que é essencial à compreensão das recusas de profissionalização do futebol. Esta, se expressa na tensão entre o tradicionalismo da elite aristocrática do Rio de Janeiro, muito pautada nas ideias de *status* e distinção, e os modelos de espetacularização do esporte, mais liberal, voltado para o crescimento da classe média.

Nas últimas duas sessões, primeiro, caberá uma problematização do espaço, que, muito além da região central, cria um ambiente elitizado propício ao desenvolvimento de imaginários elitistas que levarão, posteriormente, à recusa à profissionalização. Nesse sentido, a tentativa será de mostrarmos quanto a construção de um espaço próprio das elites também fez parte desse processo modernizante, tal qual a introdução do futebol.

Por fim, iniciaremos o nosso estudo dos *sportsmen*, que serão desenvolvido ao longo dos outros dois capítulos, tentando demonstrar a imagem desse membro da elite como um agente civilizador e, aqui, mais do que isso, de um imaginário próprio de uma cultura política de distinção. Para isso, veremos como os clubes e escolas podem ser espaços de sociabilidade das elites, onde seus valores e ideais são passados geração após geração.

### 01.1. “Desportivização” e grande reforma urbana — O futebol como “agente civilizador” da reforma Passos

Para entendermos melhor as características da importação dessa modernidade para o Rio de Janeiro, é importante ressaltar, antes, o contexto histórico pelo qual a elite letrada, de onde saem os *sportsmen*, passa. Para isso, são fundamentais os trabalhos de Lilia Schwarcz, Hebe Mattos, e Elias Thomé Saliba, já citados na introdução, em que Schwarcz foca mais na questão social, enquanto Mattos e Saliba discutem as questões política e cultural, respectivamente.<sup>74</sup>

---

<sup>73</sup> Cf. AZEVEDO, 2003.

<sup>74</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. População e Sociedade. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (coord.). **A abertura para o mundo (1889-1930)**. Coleção História do Brasil Nação: Vol. 3, Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 35-83; MATTOS, Hebe. A vida política. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (coord.). **A abertura para o mundo (1889-1930)**. Coleção História do Brasil Nação: Vol. 3, Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 85-131; SALIBA, Elias Thomé.

Pensando a questão social, Lilia Moritz Schwarcz vai mostrar como desde o início o processo de valorização do “moderno” e do “racional” teve consequências para as classes mais populares. Segundo a autora, o “modelo preconizado pela República, que se iniciou em novembro de 1889, pautou-se pela exclusão de largos setores sociais, sempre em nome de uma política que priorizasse uma nova modernidade e racionalidade”.<sup>75</sup> Schwarcz nos mostra, portanto, como esse processo é próprio das elites e excludente.

No seu discurso de posse, em 1902, o presidente Rodrigues Alves já sinalizava para a “necessidade do saneamento da capital”, através de um “empreendimento grandioso”, para que ela possa dizer que “libertou-se da maior dificuldade para seu completo saneamento”.<sup>76</sup>

Esse empreendimento ficou conhecido como a Grande Reforma Urbana, que vai de 1902 a 1906, e foi realizado pelo governo federal, em parceria com a prefeitura do Rio de Janeiro, sob liderança de Francisco Pereira Passos. Essa nova configuração da cidade trazia consigo não só a arquitetura, mas também “seus senhores e senhoras vestidos à última moda de Paris, automóveis, edifícios, restaurantes, teatros, lojas variadas e todo tipo de traquitana adequada a esses novos tempos que pareciam ter pressa”.<sup>77</sup>

Segundo Saliba, “a República — recém-proclamada — aparecia como oportunidade histórica única para transformar o Brasil num país moderno, mais alinhado ou pelo menos um pouco mais próximo do cenário de modernização dos países europeus”.<sup>78</sup> Esse era o direcionamento que se pretendia com esse processo.

Nesse sentido, André Nunes de Azevedo traz um ponto interessante a se notar, de que não necessariamente progresso e civilização são sinônimos, como pode dar a entender, ainda mais durante a Grande Reforma do Rio de Janeiro.<sup>79</sup> Segundo Azevedo, o fato de ser a República muito recente fazia com que ainda houvesse muitos resquícios da época imperial, inclusive pelo fato de que Pereira Passos, prefeito da capital federal, formou-se engenheiro durante o período anterior. Havia um:

**[...] valor máximo consagrado com os liberais do novo regime republicano: a ideia de progresso, um progresso que se entendia como desenvolvimento material e um movimento inexorável em direção ao futuro, que só poderia se estabelecer pelo arrasamento de um passado. [...]** A República invertera o eixo de valores presente no Império, no qual a ideia de civilização subsumia a si a noção de progresso.

---

Cultura / As apostas na República. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (coord.). **A abertura para o mundo (1889-1930)**. Coleção História do Brasil Nação: Vol. 3, Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 239-294.

<sup>75</sup> SCHWARCZ, 2012. p. 35.

<sup>76</sup> “O manifesto inaugural à nação”. *Correio da Manhã*. 16 de novembro de 1902.

<sup>77</sup> SCHWARCZ, Op. Cit., p. 39.

<sup>78</sup> SALIBA, 2012, p. 239.

<sup>79</sup> AZEVEDO, André Nunes. A dimensão da ideia de civilização no contexto da reforma urbana de Pereira Passos. *AEDOS*, v. 9, n. 20, p. 383-400, 2016.

[...] Na República, foi a ideia de progresso que passou a submeter aos seus desígnios a noção de civilização.<sup>80</sup> (Grifos nossos)

A visão de civilização e progresso de Pereira Passos ainda era herdeira dos tempos imperiais, ou seja, antes a civilização, depois o progresso. Para ele, “a ideia de civilização era o valor maior a ser perseguido na ação do gestor público”, e que deveria ser executada de cima para baixo.<sup>81</sup> Embora Pereira Passos trabalhasse com a noção de progresso, este só viria através de melhorias na cidade, ou seja, existia na sua concepção “uma ideia na qual as mudanças somente se efetivariam a partir de níveis de continuidade para com uma estrutura anterior”, o que Azevedo classificou como um progresso conservador.<sup>82</sup> Desse modo, para o autor:

[...] o progresso não somente não seria um ente autônomo, como seria visto como algo a ser orientado por um objetivo magno a ser alcançado, que seria entendido como algo maior que ele próprio e do qual deveria ser expressão, a saber: levar a cabo um projeto de construção de uma civilização na cidade<sup>83</sup>

O trecho destacado anteriormente traz consigo um ponto importante, que corrobora à hipótese da pesquisa. Junto com o que vimos até agora, Azevedo mostra um contraste entre as ideias de progresso àquele momento. Não parece exagerado traçar um paralelo com as disputas que ocorreriam posteriormente no futebol. Isso porque, como veremos logo mais, a importação do futebol em caráter amador é um projeto de progresso conservador, já que representa as elites que querem se modernizar, porém mantendo todos os seus aspectos de distinção com relação às demais classes.<sup>84</sup>

Há de se tomar cuidado, entretanto, para não pensar que esse progresso é de uma conservação total do passado, e nem significam que este não será superado. O que se propunha era que os limites para o avanço do progresso estão estabelecidos pelos desígnios da civilização que se pretendia impor à sociedade.

Por sua vez, a noção de civilização da época, que a Grande Reforma traz consigo, “aparece associada a uma nova ética urbana que, esforçando-se para eliminar os traços da cultura popular, **buscava afirmar novas posturas e símbolos ligados à cultura europeia de matriz aristocrática, como sendo próprios de um povo civilizado**” (grifo nosso).<sup>85</sup> É uma ideia de

<sup>80</sup> AZEVEDO, 2016, p. 384.

<sup>81</sup> AZEVEDO, 2016, p. 384.

<sup>82</sup> Ibidem, p. 387-389.

<sup>83</sup> AZEVEDO, André Nunes de. “A reforma Pereira Passos: uma tentativa de integração conservadora”. **Revista Rio de Janeiro**, n. 10, p. 151-183. Maio/ago 2003. p. 160.

<sup>84</sup> É necessário ressaltar já aqui que, em ambos os casos, do futebol ou do período de modernização de Pereira Passos, as disputas são entre dois projetos marcadamente elitistas, algo que defenderemos algumas vezes ao longo de toda a pesquisa.

<sup>85</sup> AZEVEDO, Op. Cit., p. 393.

civilização externa à cidade e que tenta se impor dentro desse projeto. Aqui, observamos, ainda, como a Grande Reforma está diretamente associada com a chegada do futebol. Tal qual a cidade, esse esporte chega como próprio de uma civilização que era parâmetro, como a Inglaterra. Mais do que isso, ao estabelecermos os dois como parte de um mesmo projeto, podemos reafirmar aqui que a importação do futebol também parte de um ideal de “progresso conservador”, tal qual a reforma urbana de Pereira Passos.

Nesse contexto, a “desportivização”, portanto, é produto de exportação da Inglaterra como parte do seu próprio processo civilizador. Se pegarmos o caso do Brasil — e mais especificamente do Rio de Janeiro —, as análises que tratam esse início de século XX, constantemente trazem a imagem da importação da “civilização” europeia. Apesar do projeto arquitetônico ser mais ligado a importações da França — como veremos mais para frente —, há indícios para crer que parte do projeto incluía esse processo civilizacional inglês.

Trazer, mais que o jogo, o futebol, significou trazer um “impulso civilizador”, essencial ao projeto maior pelo qual o Rio de Janeiro passava na alvorada do século XX. A começar pela grande presença do ideal inglês no Rio de Janeiro, como mostra o número de companhias com nomenclatura em inglês. Mais do que isso, muitas delas anunciavam seus produtos e serviços em jornais de língua inglesa publicados no Brasil, como o *The Brazilian Review* e o *The Rio News*. Na edição do dia 30 de dezembro de 1913 do primeiro, as últimas páginas são destinadas só à divulgação de tais companhias, como por exemplo a *Light and Power Company Limited*, que gerenciava o bonde elétrico da cidade e ensinava como chegar ao bairro da Tijuca “para fugir da claridade e do calor do Rio”.<sup>86</sup> Em outra página, a *Leopoldina Railway Company Limited*, trazia as tarifas e horários para passar um fim de semana em Friburgo ou em Petrópolis.<sup>87</sup>

No caso do esporte, a própria fundação do Fluminense Football Club — que veremos a seguir — demonstra a presença inglesa no Rio de Janeiro. Fundado por um filho de inglês, Oscar Cox, o clube, não por acaso, ganha uma nomenclatura em inglês com o *Football Club*. Outro caso verificado de importação do processo civilizador através do esporte é o Rio Cricket, que aparece na cidade vizinha, em Niterói, destinado, *a priori*, à prática de outro esporte tipicamente inglês, o críquete, também adotando a terminologia anglófona.

A inserção do futebol no Rio de Janeiro costuma ter seu desenvolvimento ligado a Oscar Cox, filho de ingleses que voltara de estudos na Suíça.<sup>88</sup> No entanto, mesmo antes do retorno

<sup>86</sup> THE Brazilian News. 30 dez 1913. Tradução livre. Do original: “to get away from the glare and heat of Rio”.

<sup>87</sup> THE Brazilian News. 30 dez 1913.

<sup>88</sup> Como se pode notar, Cox por si só já traz consigo um emaranhado de tradições culturais, como brasileiro, filho de ingleses que fora estudar na Suíça. Cf. PEREIRA, 1998; FERNANDEZ, 2010.

deste ao Brasil, práticas de futebol já existiam no Rio. O que muda é que “em 1897, Cox trouxe, além da bola, as regras oficiais”<sup>89</sup>, isto é, trouxe consigo a versão “desportivizada”.

Quem também faz essa associação entre processos de urbanização do início do século XX, presença inglesa e inserção do futebol, é Fátima M. R. Ferreira Antunes, ao tratar a formação dos clubes de fábrica, principalmente no caso paulista.<sup>90</sup> Estabelecendo o contexto histórico da fundação do Fluminense Football Club, a autora afirma que:

Numa época marcada pela expansão de capitais e tecnologias britânicas, na qual cidades brasileiras como São Paulo e Rio de Janeiro se industrializavam e criavam uma infraestrutura de serviços urbanos, a presença de trabalhadores britânicos especializados era inevitável, trabalhadores esses que levavam consigo seus hábitos e sua cultura.<sup>91</sup>

Sinalizando para a presença britânica no processo de urbanização, Antunes nos ajuda a ver melhor como a sociedade do Reino Unido não é só um espelho, mas como os próprios ingleses tornam-se agentes desse projeto, ao trazer com eles seus hábitos e culturas. Ainda que trate mais especificamente dos clubes de fábrica — no caso do Rio de Janeiro, o The Bangu Athletic Club, fundado por técnicos ingleses da Companhia Progresso Industrial do Brasil, em 1904, no bairro de mesmo nome —, considero refletir bem o que ocorria também nas áreas mais elitizadas do Rio de Janeiro.

O caso do clube niteroiense citado acima é, inclusive, bem interessante e representativo dessa presença. Fundado por ingleses, o *Rio Cricket and Athletic Association* era, à época, um clube destinado à comunidade britânica, isto é, os britânicos e seus descendentes. Além disso, não se dedicava apenas à prática do críquete, sendo um verdadeiro espaço de congregação dos *sportsmen*. A exclusividade inglesa chamou a atenção também de Mario Filho, em seu livro “O negro no futebol brasileiro”.<sup>92</sup> Segundo o jornalista, o Rio Cricket, em Niterói, e o Paissandu no Rio de Janeiro, “eram pedaços da Inglaterra transplantados para o Brasil. Nos domingos claros de sol a bandeira inglesa se esticava ao vento, bem no alto dos mastros, um na Rua Paissandu, outro em Icaraí”.<sup>93</sup>

As colunas dedicadas ao futebol, aliás, acabam se tornando o espaço mais comum de se encontrar o nome do clube. Eram nelas que a sua exclusividade inglesa se expressava, por

<sup>89</sup> FERNANDEZ, 2010, p. 14.

<sup>90</sup> ANTUNES, Fátima M. R. Ferreira. A influência britânica na formação dos clubes de fábrica em São Paulo. In: FONTES, Paulo e HOLLANDA, Bernardo Buarque (orgs.). **Futebol e mundos do trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2021. p. 39-69.

<sup>91</sup> ANTUNES, 2021, p. 44.

<sup>92</sup> FILHO, Mario. **O Negro no Futebol Brasileiro**. 5 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2010. 360p.

<sup>93</sup> Ibidem, p. 30.

exemplo, nas escalações dos times que os jornais da época divulgavam.<sup>94</sup> Em uma partida que seria disputada no dia 11 de junho de 1911, o jornal *O Paiz* traz a escalação dos times do Fluminense e o do Rio Cricket. Enquanto o tricolor traz em seu time nomes como Píndaro, Amaranthe e Gallo, o time niteroiense é formado por atletas de origem inglesa: Deighthon, Naucarrow, Swanston, Humphreys, Raven, McGregor, Bailey-Foy, Cassan, Raven e Rollet.<sup>95</sup> Em depoimento memorialístico, Marcos Carneiro de Mendonça afirma, inclusive, que “o time do Rio Cricket era um time que mudava sempre. Porque eram ingleses da Leopoldina, ou eram ingleses do Telégrafo Inglês, de maneira que o time nunca era certo”.<sup>96</sup>

São essas noções de civilização e progresso, e a relação entre elas, que norteiam o projeto de importação de uma modernidade europeia para o Rio de Janeiro. Nesse momento, já sabemos que o ideal — pelo menos em partes — de civilização é importado, isto é, o mesmo que fora imposto no processo de pacificação da sociedade britânica, de renúncia e controle da violência. Já sabemos também que, agindo nesse sentido, os esportes cumprem função de impulsionar essa civilidade que se tentava imprimir no Rio de Janeiro. Pereira Passos foi quem “indubitavelmente percebeu que o esporte poderia ser uma importante estratégia de controle e de adaptação do corpo às novas exigências da sociedade”.<sup>97</sup>

Segundo Victor Andrade de Melo, dentro desse contexto o lazer tem papel fundamental na implementação desse projeto. Para o autor:

As vivências de lazer ganham um papel estratégico preponderante e se apresentam como marcas de um novo *modus vivendi* [...]. São impregnadas pela idéia de luxo, pelas marcas de classe, pela influência da tecnologia, pela espetacularização do corpo, pela valorização da imagem, pela perplexidade perante a velocidade e a fugacidade. As atividades públicas de lazer ganham papel fundamental na construção dessa nova forma de organização urbana, como expressão do que se propõe; mensageiras, ora mais ora menos literal, do anúncio de um suposto “novo mundo”.<sup>98</sup>

Ainda segundo Melo, a modernidade traz consigo “um novo elemento para a cena urbana” que é o “pequeno-burguês”, apropriando-se da definição de Charles Wright Mills de

<sup>94</sup> Mario Filho comenta essa situação dizendo que “Essas escalações deveriam ser a tortura dos compositores e dos revisores. Também dos leitores, a maioria sem saber nada de inglês, tendo de soletrar os nomes dos onze jogadores do Paissandu, dos onze jogadores do Rio Cricket.” (FILHO, 2010, p. 30)

<sup>95</sup> Não significa, entretanto, dizer que os outros clubes não contavam com nomes britânicos. O próprio Fluminense, nessa escalação, trazia um meio-campo chamado Lawrence. (*O Paiz*, Rio de Janeiro, 11 de junho de 1911, p. 10.)

<sup>96</sup> MENDONÇA, Marcos Carneiro de. Depoimento de História Oral – Parte 2 de 3. In: **Coleção Memória do Futebol**. São Paulo, Museu da Imagem e do Som de São Paulo, 1982. Disponível em < <https://acervo.misp.org.br/audio/depoimento-de-marcos-carneiro-de-mendonca-1>>.

<sup>97</sup> MELO, Victor Andrade de. Remo, modernidade e Pereira Passos: primórdios das políticas públicas de esporte no Brasil. **Esporte e Sociedade**, n. 03 (1), Jul. 2006/Out. 2006. p. 18

<sup>98</sup> *Ibidem*, p. 2.

“classe média”.<sup>99</sup> Dentro dessa sociedade que se pretendia com a modernidade importada, a classe média, portanto, “tinha em geral algumas possibilidades de vivência social comuns à classe economicamente privilegiada, **sem contudo possuir todas as condições de acesso, todos os elementos de *status* e distinção e mesmo o seu ‘grau de educação’**”.<sup>100</sup> (Grifo nosso)

É interessante reparar como a ausência de “elementos de *status* e distinção” não qualifica esse novo personagem como parte integrante da classe mais alta. São justamente esses mesmos aspectos que vão ser, como veremos posteriormente, as principais características que levarão à defesa do amadorismo e, conseqüentemente, à recusa à profissionalização. Além disso, nos interessa muito para nosso debate a forma como Melo ressalta que o modo como a classe média aproveitava o seu lazer era: “encarado [pelas classes mais abastadas] como ingênuo, despreparado, apreciador de ‘prazeres baixos’ e ‘mundanos’, deslumbrado e facilmente manipulável; encarado a partir de um misto de lástima, asco, mas também preocupação”.<sup>101</sup>

Todo esse sentimento exposto por Melo é muito visto nas argumentações contrárias ao profissionalismo e, claro, isso refletiria em reticências quanto a adesão ou não a esse projeto por parte daqueles jogadores provenientes das camadas altas da sociedade carioca. É a essa elite que me referirei ao longo de toda a pesquisa.

É dentro desse contexto de imposição de uma civilização europeia, que surgem os primeiros estímulos à higienização dos corpos. Fundados sobre o princípio do *mens sana in corpore sano*, os defensores do higienismo passam a advogar a favor da introdução da educação física nas escolas das camadas letradas da sociedade brasileira.<sup>102</sup>

Ressalta-se que, no Brasil, as teorias higienistas apareceram como o caminho para concretização dos projetos da classe dominante. Segundo Maria Helena Souza Patto, tais pretensões tratavam de uma superação do “atraso”, buscando assemelhar-se à Europa — onde estavam os chamados “países civilizados” — e de uma regeneração do povo para salvar a nacionalidade.<sup>103</sup>

Mesmo com o ímpeto higienista, a implementação dos esportes na sociedade carioca da época, foi acompanhada de questionamentos. Edivaldo Góis Junior, Victor Andrade de Melo e Antônio Jorge Gonçalves Soares mostram como houve um debate durante as primeiras décadas

<sup>99</sup> Victor Andrade de Melo caracteriza esse pequeno burguês como: “trabalhador intermediário entre o grande capital e o proletariado, o pequeno empresário, os profissionais liberais, um grupo que mais tarde seria muito bem definido por Charles Wright Mills (1979) como ‘White Collar’ ou ‘classe média’”. *Ibidem*, p. 2.

<sup>100</sup> *Ibidem*, p. 2.

<sup>101</sup> MELO, 2006, p. 2-3.

<sup>102</sup> Tradução livre: “Mente sã num corpo sã”. FERNANDEZ, 2010, p. 176.

<sup>103</sup> PATTO, Maria Helena Souza. Estado, ciência e política na Primeira República: a desqualificação dos pobres. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 13, n. 35, abr. 1999. p. 178

do século XX acerca do esporte.<sup>104</sup> Os autores trazem o caso de Carlos Sussekind de Mendonça, que em 1921:

[...] inferia que a prática de esportes trazia mais malefícios do que benefícios, na medida em que ocasionava, em tese, uma excessiva fadiga corporal que desequilibrava o organismo, sendo, portanto, anti-higiênico. **Mais ainda, a prática, sobretudo o futebol, afastava a juventude dos livros e de uma vida intelectual saudável.**<sup>105</sup> (Grifo nosso)

O argumento de Sussekind é muito interessante para nós, uma vez que já aqui temos as primeiras bases dos argumentos que serão posteriormente usados para criticar-se a profissionalização do futebol. Ser jogador era visto como uma profissão subalterna, mas nos ateremos a isso no momento oportuno. Agora, cabe ressaltar que, quando a elite apropriou-se desse esporte, muito por conta do contexto higienista já apresentado, ele continuou sendo relegado a uma função secundária, como um *hobby*.

É da necessidade de se afirmar a “vida intelectual saudável” que surge a defesa do amadorismo. A prática deveria ser meramente recreativa, para diversão e confraternização entre cavalheiros de um mesmo grupo distinto de pessoas. Nesse ponto, jogar futebol jamais deveria interferir nos projetos de vida daqueles rapazes, ou seja, estaria sempre condicionado às prioridades de trabalho ou estudos de seus praticantes.

O *Negro no Futebol Brasileiro*, aparece aqui como uma fonte rica em exemplos. No levantamento feito por Mario Filho, percebemos que, inclusive, a maioria dos times contavam, majoritariamente com estudantes, e mesmo assim “quem estudava mais, treinava menos”.<sup>106</sup> Nos relatos do jornalista, quando se começava a trabalhar e “ganhar responsabilidades” largava-se o futebol.

Vejamos a seguir a apropriação do esporte pelas elites do Rio de Janeiro.

## 01.2. Onde tudo começou... — Tensão turfe/aristocrático x remo/pequeno-burguês

<sup>104</sup> GÓIS JUNIOR, Edivaldo; MELO, Victor Andrade de e SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. Para a construção da nação: debates brasileiros sobre educação do corpo na década de 1930. *Educação & Sociedade*. 2015, v. 36, n. 131, pp. 343-360.

<sup>105</sup> GÓIS JUNIOR, MELO e SOARES, 2015. p. 344

<sup>106</sup> FILHO, 2010, p. 83.

Os principais esportes praticados pelas elites nesse início de século XX no Rio de Janeiro eram o remo e o turfe.<sup>107</sup> As distinções entre eles, nessa época, nos ajudam muito a entender os incômodos gerados com a profissionalização do futebol na década de 1930.

A contribuição de Victor Andrade de Melo é essencial, ao confirmar que “indubitavelmente [Pereira Passos] percebeu que o esporte poderia ser uma importante estratégia de controle e de adaptação do corpo às novas exigências da sociedade”.<sup>108</sup> Dessa maneira, Melo indica que a introdução dos esportes no Rio de Janeiro, como parte do mesmo processo ao qual se enquadra a Grande Reforma, citada anteriormente. A afirmação do autor é muito importante para o prosseguimento da pesquisa, uma vez que conversa diretamente com um dos aspectos que queremos defender aqui: a inserção do futebol, como um esporte que é, faz parte do mesmo processo que leva ao empreendimento de Pereira Passos na cidade do Rio de Janeiro. É na ascensão de outro esporte, o remo, que temos uma das principais ferramentas para entendermos os porquês da recusa à profissionalização. Isso porque a valorização do remo vem a reboque das teorias higienistas, essenciais também para o crescimento do futebol.

O turfe, por sua vez, já no final do século XIX, era encarado como “uma arena de performances públicas, onde se desfilavam comportamentos socialmente valorizados, na mesma medida em que se explicitava quem é quem na ordem social, ocasião para os mais poderosos exibirem seus símbolos de *status* e distinção”.<sup>109</sup>

Enquanto isso o remo era “fundamentalmente um esporte conduzido e apreciado pelas camadas médias em formação [...]”.<sup>110</sup> Além disso:

[...] o remo passou a ser encarado como uma prática saudável e higiênica, logo se tornando o esporte mais popular, estabelecendo inclusive uma tensão com o turfe — considerado por muitos como uma expressão de um passado monárquico e rural que deveria ser substituído pela cidade republicana<sup>111</sup>

<sup>107</sup> Acho válido mencionar que Marcos Carneiro de Mendonça em depoimento memorialístico também reconhece o ciclismo como um esporte relevante, mas preferi me ater, aqui, aos esportes presentes na análise de Victor Andrade de Melo.

<sup>108</sup> MELO, Victor Andrade de. Remo, modernidade e Pereira Passos: primórdios das políticas públicas de esporte no Brasil. **Esporte e Sociedade**, n. 03 (1), Jul. 2006/Out. 2006. p. 18.

<sup>109</sup> GÓIS JÚNIOR, MELO e SOARES, Op. Cit., p. 349

<sup>110</sup> É interessante reparar na formatação dos cadernos de esportes dos principais jornais “amadoristas” à época, como o *Jornal do Brasil* e o *Correio da Manhã*, algo muito significativo dessa ligação entre a aristocracia e o turfe. Se pegarmos os cadernos de esportes até o início dos anos 1930, boa parte sempre começa ou dá grande destaque aos páreos que ocorreram e aos que ocorrerão, independente da popularidade do esporte. Nesse mesmo sentido, o remo perde cada vez mais espaço — principalmente para o futebol —, inclusive —já na década de 1930 — sendo esnobado em algumas edições. MELO, 2006, p. 5.

<sup>111</sup> GÓIS JUNIOR, MELO e SOARES, Op. Cit., p. 349-350.

A ascensão do remo na transição entre os séculos XIX e XX, portanto, ainda que parecesse estranha à pesquisa aqui desenvolvida, no início, traz, na verdade, algo a contribuir. Tal qual reconhecemos aqui para o futebol:

Não se tratava mais de colocar cavalos para correr [como no caso de turfe], mas sim de participar mais ativamente, demonstrando no próprio corpo saudável e forte os sinais de um novo país; de incorporar efetivamente um novo estilo de vida adequado à velocidade dos novos tempos.

O remo é o esporte do “exercício physico”, termo-chave sempre usado pelos que defendiam e propagavam os benefícios dessa prática. É o esporte da saúde, do desafio — contra o outro e contra o mar - que educa o músculo e a moral. É a prática adequada a uma juventude ativa, forte e com “liberdade de espírito” suficiente para conduzir a nação ao progresso necessário.<sup>112</sup>

Só que, diferente do futebol — pelo menos a princípio, já que, nesse início, fora apropriado pelas elites aristocráticas —, o “remo carrega em seu interior características mais próximas às valorizadas por uma camada/cultura burguesa em formação”.<sup>113</sup> Ainda que tenha suas modalidades em equipe, o remo era um esporte que valorizava o indivíduo mais que a coletividade com relação ao futebol. O remo valorizava o indivíduo moderno, ou seja, “desafiador, audaz, conquistador, vencedor”.<sup>114</sup> O remo ganha espaço, portanto, por ser “apresentado como prática adequada a um país que se pretendia moderno”.<sup>115</sup>

Nesse sentido, poderíamos pensar em como o futebol dá um passo além, inclusive, ao remo e ao ciclismo, o terceiro esporte mais popular daquele momento.<sup>116</sup> Enquanto no remo e no ciclismo o sucesso esportivo depende necessariamente de um veículo — o barco e a bicicleta, respectivamente —, no futebol o êxito depende somente do domínio do corpo e da cooperação entre corpos de uma mesma equipe.

É importante ressaltarmos que, ainda que não tenhamos fontes que comprovem tal fato, existem indícios para apontarmos aqui que o futebol foi apropriado, então, pelas elites aristocráticas como uma oportunidade de controlar o campo esportivo nessa divergência com a elite pequeno-burguesa do remo. A impressão do caráter distintivo ao futebol, tal qual vimos que ocorria no turfe é um desses indícios mais fortes. Se colocamos aqui claro uma disputa entre um modelo de conservação das características de *status* e distinção, em oposição a uma modernização através da espetacularização do esporte, transformado em negócio, o futebol, no seu início, tem mais características da primeira, que da segunda.

---

<sup>112</sup> MELO, 2006, p. 7-8.

<sup>113</sup> *Ibidem*, p. 7.

<sup>114</sup> *Ibidem*, p. 7.

<sup>115</sup> MELO, Victor Andrade de; PERES, Fabio de Farias. Lazer, Esporte e Cultura Urbana na Transição dos Séculos XIX E XX: Conexões entre Paris e Rio de Janeiro. *Logos*, [S.l.], v. 12, n. 1, mar. 2005. p. 81.

<sup>116</sup> Como menciona Marcos Mendonça em depoimento, visto em nota anterior. MENDONÇA, Marcos Carneiro de, 1982.

Se associarmos aqui o projeto higienista à lógica das classes dominantes desse Rio de Janeiro do início do século XX, temos um cenário que nos ajuda a entender o porquê da apropriação por essas elites. Dentro do chavão de “corpo são, mente sã”, quanto mais conseguíssemos dominar os nossos corpos, quanto mais corpos em cooperação obtiverem êxito, isso poderia representar uma superação — e uma superioridade — física e, por consequência, intelectual, não só do indivíduo, mas como de todo um corpo social de um clube, que naquele contexto representava um poderoso espaço de sociabilidade das elites da época. Não havia mais a negação do intelectual pelo físico, que fazia com que essas elites preferissem o turfe ao remo. Havia, pelo contrário, uma relação harmônica, benéfica entre esses dois elementos, que legitimava a apropriação de um esporte mais físico.<sup>117</sup>

Cabe ressaltar que, fosse no remo ou no futebol, uma condição era indiscutível àquela época: o amadorismo. O remo, durante um tempo, foi um jogo de azar, onde se apostava nos vencedores, tal qual o turfe. Era necessário, portanto, “se afirmar uma característica de ‘prática saudável’, tanto física quanto moral. O amadorismo passa a ser uma palavra de ordem”.<sup>118</sup>

É, aqui, interessante como houve uma atuação da Federação Brasileira de Sociedades de Remo de constante reforço do amadorismo, no sentido de “garantir que o remo se desenvolvesse de forma adequada às necessidades colocadas pelo projeto das elites”.<sup>119</sup> Isso é importante, pois reforça que a qualidade de amador como próprio de um projeto elitista não é exclusividade do futebol, como já era de se imaginar.

Ainda que remo e turfe estivessem, os dois, dentro do espectro do amadorismo, é na tensão entre eles que nasce outra, posterior, entre defensores do amadorismo e defensores do profissionalismo no futebol. Tal qual no embate entre turfe e remo, temos um embate entre a conservação das características de *status* e distinção *versus* a modernização da espetacularização do esporte, transformado em negócio.

Menos que uma mudança entre os seus dirigentes — que em ambas as propostas seriam, ainda, membros da elite — temos uma questão de público-alvo, ou seja, de direcionar o futebol em um caminho voltado ao “pequeno burguês” ou mantê-lo destinado à aristocracia. Essa discussão não é sem razão, uma vez que à altura do processo de profissionalização, o futebol já

---

<sup>117</sup> Poderíamos nos questionar se aqui não havia, também, a questão de ser um esporte consideravelmente mais coletivo que o remo, favorecendo a formação de um senso de comunhão e de cavalheirismo entre aqueles membros das boas famílias do Rio de Janeiro que compunham essas elites.

<sup>118</sup> MELO, 2006, p. 6

<sup>119</sup> *Ibidem*, p. 10

estava popularizado. Dentro dessa nova realidade, fazia sentido para muitos que se espetacularizasse de vez o futebol. Isso porque, segundo Melo, era “a classe média [...] fundamental para o constituir do caráter de massa dos entretenimentos”.<sup>120</sup>

### 01.3. Uma “coisa moderníssima” — Futebol, *sportsmen* e o espaço das elites no início do século XX

No caso do Rio de Janeiro, Leonardo Pereira mostra que, nessa época, o futebol já era conhecido na cidade, “não só nos clubes formados por ingleses, onde era praticado há mais tempo, mas também nas exibições de marinheiros estrangeiros na região do cais do porto ou em sua prática esporádica em colégios elegantes”.<sup>121</sup>

Se considerarmos o processo de “desportivização” como fundamental para o civilizador, não por coincidência, essas práticas tornam-se mais semelhantes, portanto, àquelas práticas de lazer do que ao esporte, ainda mais diante desse início das práticas mais físicas no ambiente escolar. Pereira, inclusive, reforça esse argumento ao usar Luiz Edmundo que em declaração afirmou que os jogos jogados no colégio “bem pouco correspondiam às regras clássicas estabelecidas pelos jogadores ingleses”.<sup>122</sup>

Seguindo essa orientação, “o futebol foi introduzido no Brasil sob o signo do novo, mas do que um simples ‘jogo’, estava na lista das coisas moderníssimas: era um ‘esporte’”.<sup>123</sup> A afirmação de Roberto DaMatta é mais uma que confirma Norbert Elias e traz, implicitamente, o conceito de “desportivização” com ele ao dissociar o jogo do esporte. De acordo com Fabio Franzini, as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo “buscavam se adequar como podiam aos novos tempos”, encontrando nos esportes “uma forma de inserção na veloz, elétrica e dinâmica vida moderna”, acarretando o aparecimento de clubes destinados aos esportes, principalmente entre as comunidades inglesas, tendo sido o Fluminense Football Club — fundado por Oscar Cox — um dos primeiros destinados exclusivamente à prática do futebol.<sup>124</sup>

---

<sup>120</sup> *Ibidem*, p. 4.

<sup>121</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). 1998. Tese (Doutorado em História) – IFCH/Unicamp, Campinas, 1998. p. 11.

<sup>122</sup> Edmundo, 1958, p. 334 apud PEREIRA, 1998, p. 12.

<sup>123</sup> DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio – Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. *Revista USP*, n. 22. 1994. p. 11.

<sup>124</sup> FRANZINI, Fabio. As raízes do país do futebol– Estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919-1950). 2000. Dissertação (Mestrado em História Social) – FFLCH/USP, São Paulo, 2000. p. 7.

Renato Lanna Fernandez dialoga diretamente com Azevedo ao identificar a ação desses *sportsmen* e a inserção do futebol como parte integrante do processo de modernização promovido por Pereira Passos na cidade do Rio de Janeiro.<sup>125</sup> Dessa forma, como **agentes da modernidade**, os *sportsmen* são um dos responsáveis pela introdução dos ideais civilizatórios na sociedade e no espaço da capital.

Uma característica que era imprescindível aos *sportsmen* era o amadorismo. A qualidade de amador desde os primeiros anos foi utilizada como um mecanismo da manutenção de uma distinção social. De acordo com João Manuel Malaia “O futebol era um símbolo da civilização europeia, [...] deveria [...] providenciar o ‘engrandecimento da raça’, conduzido pela elite das grandes capitais. [...] não poderia ser uma forma de se ganhar dinheiro [...], devendo prevalecer o amadorismo”<sup>126</sup>

O amadorismo, além de essencial, também era por si só algo que vinha a reboque desse processo civilizatório, agora aplicado ao Rio de Janeiro. A origem do esporte e do seu processo de “desportivização”, mostra que o futebol importado é aquele que vinha da aristocracia europeia, e não aquele que havia se “degenerado” nas classes operárias inglesas e que lutaram pela sua profissionalização. Destaca-se, justamente, a ação dos *sportsmen* que “transformaram um esporte praticado e assistido por operários das mais diversas procedências em símbolo de elegância e sofisticação”.<sup>127</sup>

A condição de amador também está calcada em outra ideia inerente à civilização que se pretende aplicar, que é a distinção social. De acordo com Robert Pechman, a distinção social é uma marca do fenômeno urbano da modernidade, pelo qual o Rio de Janeiro passava naquele momento.<sup>128</sup> Segundo o autor, “A definição de uma nova sociabilidade, fundada na diferenciação social e marcada pela fetichização da mercadoria diante da coisificação do ser, cindiu definitivamente os grupos sociais, pautando o seu convívio muito mais no ter do que no ser.”<sup>129</sup>

Como comparação, há, portanto, aqui uma aproximação clara com o projeto aplicado na Argentina. Ao tratar do caso argentino, Pablo Alabarces traz a definição de Archetti do futebol

<sup>125</sup> Cf. FERNANDEZ, 2010, p.44.

<sup>126</sup> MALAIA, João Manuel. O processo de profissionalização do futebol no Rio de Janeiro: dos subúrbios à Zona Sul: A inserção de negros, mestiços e brancos pobres na economia da Capital Federal (1914-1923). **Leituras de Economia Política**, Campinas, v. 10, n. 1 (13), p. 125-155, jan./jul. 2008. p. 127.

<sup>127</sup> PEREIRA, 1998, p. 34

<sup>128</sup> PECHMAN, Robert. Pedra e discurso: cidade, história e literatura. Revista Semear, Rio de Janeiro, n. 3, 1999.

<sup>129</sup> Ibidem, p. 4.

como espelho e máscara do argentino — isto é, que se vê e é visto através do futebol.<sup>130</sup> Alabarces deixa claro como esse ver-se e ser visto é fruto de uma construção, o que nos ajuda a entender melhor as funções exercidas pelo esporte no país.<sup>131</sup>

O sociólogo argentino identifica um processo muito similar ocorrido em Buenos Aires, onde o futebol colaborou ativamente para um processo bem-sucedido de construção de um novo imaginário urbano e moderno.<sup>132</sup> Segundo Alabarces, isso cria um estilo futebolístico próprio da Argentina que se pretende e quer ser enxergada como europeia: o *européismo*. Esse estilo é a herança de uma sociedade que enxerga que “o acesso à civilização se define pelo branqueamento populacional, associado à Europa” e que, por consequência, “precisa expulsar os componentes que discutam o seu *européismo*”.<sup>133</sup>

A comparação é válida pois, ainda que Archetti trate do argentino — que se vê e é visto através do futebol —, é aplicável, também, ao caso brasileiro. Pensá-lo como espelho e máscara também do Brasil, traz uma abordagem bastante interessante para entender, pelo menos, o projeto de civilização impulsionado por esse esporte. No caso brasileiro, pode-se dizer que os *sportsmen* tentaram ser espelho e pôr uma máscara dessa modernidade europeia no futebol local. Ouso dizer que se hoje há uma rivalidade do *européismo* argentino, com o *tropicalismo* brasileiro no futebol, dicotomia trazida por Pablo Alabarces, uma vez foram projetos bastante similares de modernização e higienização, mas principalmente de civilização.

Quem nos ajuda a comprovar isso é Carlos Eduardo Sarmiento, pois, segundo o autor “Desde o início estava claro que as elites nacionais buscavam no futebol um espelho no qual pudessem enxergar seu reflexo à luz dos valores da sociedade europeia”.<sup>134</sup> No caso do Rio de Janeiro, pelo menos, há, como vimos, um movimento de inserção de um modelo europeu, mais especificamente britânico, modernizante nas escolas cariocas de valorização das práticas esportivas nesse ambiente. Desse modo, o Rio aproxima-se do exemplo argentino.

Outro exemplo que corrobora é a constatação de Mario Filho sobre as divergências no estilo de jogo entre os irmãos Oscar e Edwin Cox aos olhos do pai:

Era aquilo que escandalizava o velho Cox. O velho Cox compreendendo o futebol de Oscar Cox, não compreendendo o futebol de Edwin Cox. Ambos filhos dele, **brasileiros**. Um, porém, jogando o futebol que ele sempre vira jogar, **à inglesa**. O outro,

<sup>130</sup> Archetti, 2003:41 apud ALABARCES, Pablo. *Tropicalismos y europeísmos: la narración de la diferencia entre Argentina y Brasil através del fútbol*. **Motus corporis**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 9-29, maio 2003, p. 12.

<sup>131</sup> ALABARCES, 2003.

<sup>132</sup> *Ibidem*, p. 22.

<sup>133</sup> Tradução livre. Dos originais: “El acceso a la civilización se define por el blanqueamiento poblacional, asociado a Europa” (ALABARCES, 2003:20) e “precisa expulsar los componentes que discutan su europeísmo” (ALABARCES, 2003:18).

<sup>134</sup> SARMENTO, Carlos Eduardo. **A regra do jogo: uma história institucional da CBF**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006. p. 2.

um jogando um futebol diferente, cheio de coisas, um drible para cá, um drible para lá. **Dribles demais.**<sup>135</sup> (Grifos nossos)

Os termos grifados nos permitem ver os dois projetos bem claros. Ao dizer que o mesmo Oscar Cox joga um futebol similar ao praticado na Inglaterra, o cronista reforça o projeto de inserção do futebol como “europeísta”, uma vez que, relembremos, foi ele um dos principais responsáveis pela chegada desse esporte no Rio de Janeiro, em especial entre as camadas aristocráticas da cidade. Quando flerta-se, já naquele tempo, com o que Alabarces chamaria de tropicalismo, há uma estranheza, que não condiz ou sequer é reconhecido por um europeu, como o “velho Cox”, como Mario Filho nomeou o pai dos irmãos.

É justamente por esse europeísmo, do qual a região central da cidade do Rio de Janeiro foi a porta de entrada através do “processo civilizador”, que a iniciativa privada fez questão de investir na criação do seu próprio espaço. Isto significa que, tal qual o futebol, havia nos projetos da classe dominante a construção de um espaço elitizado. É o que mostra o trabalho de Julia O’Donnell, sendo, por isso, fundamental ao desenvolvimento da presente pesquisa, visto que toma a região de Copacabana como resultado desse projeto das elites cariocas.<sup>136</sup> O’Donnell joga luz à importância de entender a zona sul não mais como um espaço dado, passivo, da elite carioca, mas sim como construído socialmente, ao mesmo tempo agente e fruto desse processo de consolidação dos imaginários dessa elite, que são fundamentais nas recusas à profissionalização por parte dos jogadores da época.

Essa dupla inscrição foi proposta, primeiro, por Henri Lefebvre, que, ao partir de uma perspectiva materialista, chama atenção para a qualidade primordial de produto que o espaço tem.<sup>137</sup> Apesar de estabelecer esse primeiro entendimento acerca do espaço, Lefebvre atenta para a dinamicidade do conceito, uma vez que:

À sua maneira produtivo e produtor, o espaço entra nas relações de produção e nas forças produtivas (mal ou bem organizado). Seu conceito não pode, portanto, isolar-se e permanecer estático. Ele se dialetiza: produto-produtor, suporte das relações econômicas e sociais.<sup>138</sup>

Se pensarmos essa dialética produto-produtor também como uma relação entre experiência e projeto de espaço, percebemos que Lefebvre circunscreve a produção do espaço e sua consequente delimitação como fruto das relações de poder de determinadas sociedades.

<sup>135</sup> FILHO, 2010, p. 64.

<sup>136</sup> O’DONNELL, Julia. *A invenção de Copacabana: culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro (1890-1940)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 255p.

<sup>137</sup> LEFEBVRE, Henri. “Prefácio - A produção do espaço”. In: **Estudos avançados**, vol.27, n.79, 2013.

<sup>138</sup> Ibidem, p. 125.

O caso de Copacabana trazido por O'Donnell é antes produto de um projeto higienista, tal qual o futebol, que buscava uma nova possibilidade de conforto e salubridade como signos da civilização. Porém, depois o bairro passa, ele mesmo, a produzir significados e personagens da modernidade. De acordo com O'Donnell:

O Rio passava a reconhecer em artefatos como o *maillot*, as cabines de praia e os paradisíacos elementos de distinção, vendo emergir um novo estilo de vida que, associado a um território específico e a determinados segmentos sociais, trazia para o rol de personagens urbanos uma figura até então marginal nas narrativas indenitárias da cidade: o banhista.<sup>139</sup>

Dessa maneira:

[...] o Rio atlântico ressignificava a ideologia higienista, transplantando-a para o plano da estética e dos cuidados vinculados a um estilo de vida firmemente calcado na exposição do corpo. Belos, fortes e saudáveis, os membros da elite de Copacabana afirmavam seu prestígio para além dos elementos de cultura e civilização *stricto sensu*. Era com o próprio corpo que tentavam fazer jus ao título com que se apresentavam: uma verdadeira *aristocracia*, definida não pela hereditariedade, mas pelo sentido etimológico da palavra — o “governo dos melhores”.<sup>140</sup>

Se fizermos uso de O'Donnell e Lefebvre, talvez seja o caso de pensar, diante do exemplo de Copacabana, até que ponto os clubes da chamada zona sul da cidade do Rio de Janeiro do início do século XX — Clube de Regatas Flamengo, Fluminense Football Club e Botafogo Football Club —, produzem e são produtos do espaço em que estão inseridos. Considero pertinente, ainda, trazer a mesma reflexão para os *sportsmen*, protagonistas dessa pesquisa e que em muito se assemelham à descrição feita por Julia O'Donnell dos membros da elite de Copacabana citada acima. Da mesma maneira que os clubes, portanto, esses personagens estão dentro da dialética proposta por Lefebvre, uma vez que são frutos da busca por um ideal eurocentrado de “moderno”.

O trabalho dos antropólogos Akhil Gupta e James Ferguson questiona as interpretações que tomam os espaços como autônomos, delimitados por fronteiras arbitrariamente impostas e desconectados entre si.<sup>141</sup> Tais suposições permitiram “que o poder da topografia ocultasse a topografia do poder”.<sup>142</sup> Esta definição trabalha diretamente com as questões de construções — ou seja, um processo de atribuição de sentido — dos espaços. Isto porque:

[...] ao trazer sempre para o primeiro plano a distribuição espacial de relações de poder hierárquicas, podemos entender melhor o processo pelo qual um espaço adquire uma *identidade* distintiva como lugar. [...] podemos perceber que a identidade de um lugar

<sup>139</sup> O'DONNELL, 2013, p. 105.

<sup>140</sup> Ibidem, p. 122.

<sup>141</sup> GUPTA, Akhil e FERGUSON, James. “Beyond Culture: Space, Identity, and the Politics of Difference”. Culture, power, place. Explorations in critical Anthropology. Durham: Duke University Press, pp. 33-51, 1997.

<sup>142</sup> Ibidem, p. 33.

surge de interseção entre seu envolvimento específico de um sistema de espaços hierarquicamente organizados e a sua construção cultural como comunidade ou localidade.<sup>143</sup>

Parece-me ser justamente o que Julia O'Donnell faz quando explicita bem como o bairro de Copacabana é, desde o seu princípio, um projeto de uma “*Biarritz* brasileira”, que envolvia os investimentos de membros das camadas mais abastadas do Rio de Janeiro, fortemente estimulados pelos discursos higienistas recorrentes em fins do XIX.<sup>144</sup> Longe de ter sido um processo rápido e natural, tornou-se imprescindível à construção da identidade de Copacabana a hierarquização com outras localidades da cidade do Rio de Janeiro. Segundo O'Donnell:

Ficam muito claras, assim, não apenas as estratégias de afirmação dos padrões de distinção por parte dos segmentos de elite que se mudavam para Copacabana, como também a necessidade de diferenciar seu bairro de territórios como os subúrbios e os morros, numa alusão aos mecanismos de consolidação da cada vez mais nítida estratificação social do espaço que se configurava na capital da República.<sup>145</sup>

A construção, ou melhor, como a autora coloca, a invenção de Copacabana é excelente exemplo para demonstrar que “[...] os lugares são sempre imaginados no contexto de determinações políticas e econômicas que têm uma lógica própria. [...] a experiência do espaço é sempre socialmente construída.”<sup>146</sup> Se aplicarmos isso ao contexto do futebol nos primeiros anos do século XX, ressalta-se que “Já os primeiros clubes [...] organizados no país preocuparam-se em estabelecer uma rígida demarcação de espaços sociais. É bom lembrar que, **quando se delimitam fronteiras, também se estabelecem relações políticas**” (grifo nosso).<sup>147</sup>

O apontamento de Sarmiento é essencial ao prosseguimento do capítulo e, também, da pesquisa, já que a disputa entre amadorismo e profissionalismo é reconhecido aqui para além de um embate por um modelo. É, na verdade, a concorrência de dois projetos políticos distintos para futebol, ou melhor, pelo seu controle. Reconhecer o conflito pelas rédeas desse esporte é importante, pois, como veremos, ainda que o profissionalismo tenha aberto portas às classes populares, as elites permaneceram no poder.

Estabelece-se, portanto, um projeto de distinção social no Rio de Janeiro do início do século XX extremamente inspirado no que estamos chamando aqui de **modernidade europeia**. Há um eurocentrismo idealizado, baseado nos ideais de intelectualidade europeia e de branqui-

<sup>143</sup> Ibidem, p. 34.

<sup>144</sup> O'DONNELL, 2013, p. 37.

<sup>145</sup> Ibidem, 76.

<sup>146</sup> GUPTA e FERGUSON, 1997, p. 37.

<sup>147</sup> SARMENTO, 2006, p. 2.

tude, como essenciais à distinção social. O futebol serve, nesse sentido, como um dos mecanismos de uma engrenagem maior de difusão dessa lógica civilizadora. É justamente essa ideia de distinção social que vai ser um dos principais motivos de recusa à profissionalização que veremos posteriormente.

#### 01.4. Escolas, clubes e *sportsmen* — A influência dos espaços de sociabilidade na construção dos imaginários elitistas

O futebol chega oficialmente, portanto, destinado ao usufruto das elites, que se apropriam deste como um mecanismo de distinção social. Sua prática começou nas escolas, com uma introdução da educação física na grade de disciplinas das instituições ligadas à educação das camadas letradas da sociedade brasileira, um processo que vem a reboque da intensificação do higienismo, baseados em seus princípios. É justamente nesse contexto que Leonardo Pereira destaca o início aos primeiros estímulos à higienização dos corpos, para romper com esses “hábitos e costumes tradicionais” que viam “no exercício físico uma atividade degradante e indigna”.<sup>148</sup> Além disso, esta primeira parte deste capítulo, tenta atender, ainda que de maneira breve, à crítica feita por Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto Rocha, que diz que “a historiografia tem dado pouca atenção para compreender o espaço de formação de sociabilidade e formação de identidade das classes dominantes (escolas de elite, clubes de golfe, agremiações esportivas) como elementos da própria reprodução do mundo material”.<sup>149</sup>

Esse contexto, faz com que seja necessário analisarmos as escolas como um forte espaço de construção reprodução e manutenção dos imaginários dos grupos dirigentes. Pensando as análises sobre esse espaço, Ernesto Seidl chama a atenção para a “ênfase no peso dos mecanismos escolares nos processos de constituição e legitimação de grupos dominantes nas sociedades

---

<sup>148</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). 1998. Tese (Doutorado em História) – IFCH/Unicamp, Campinas, 1998. É importante que se diga que, apesar de falarmos em um rompimento com os “hábitos e costumes tradicionais”, isso não contradiz o que trouxemos no primeiro capítulo, com o conceito de “progresso conservador”, trazido por Azevedo (2003). Ainda que seja um progresso baseado nas continuidades, mais que nas rupturas, ele avança e atua sempre dentro dos limites do projeto civilizacional que se propõem. No caso do higienismo, era algo que estava na ordem do dia para a civilização europeia da época.

<sup>149</sup> ROCHA, Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto. João Havelange, uma vida extraordinária? Ideologia e ação política na formação de um patrimônio social-esportivo, 1916-1958. **FuLiA/UFMG**, v. 5, n. 3, 2020. p. 82-83.

ditas meritocráticas”.<sup>150</sup> Pierre Bourdieu reconhece na escola uma das mais importante e poderosas estratégias de dominação.<sup>151</sup> Segundo o autor:

As estratégias educativas [...] são de investimento de longo prazo e não necessariamente percebidas como tais, e não se reduzem, como crê a economia do “capital humano”, apenas à sua dimensão econômica, ou mesmo monetária: de fato, elas tendem acima de tudo a **produzir agentes sociais dignos e capazes de receber a herança do grupo, ou seja, de retransmiti-la, por sua vez, ao grupo.**<sup>152</sup> (Grifo nosso)

No caso das elites cariocas da virada para o século XX, essas escolas muitas vezes eram, inclusive, em países europeus, que comprova essa busca pelo caráter refinado de poder ser associado à Europa. De acordo com Renato Lanna Fernandez, as classes dirigentes viam que “a educação era cada vez mais um instrumento de estratificação social e modelação de caráter”.<sup>153</sup>

Os clubes da zona sul, podem ser entendidos da mesma forma, como um espaço construído de sociabilidade entre uma classe abastada, responsável por reforçar as marcas da distinção. Os dois clubes de Botafogo — o Botafogo Football Club e o Club de Regatas Botafogo — apareciam frequentemente nos cadernos sociais, como na edição do dia 04 de maio de 1930 do modesto jornal *Beira Mar*, destinado aos moradores de Copacabana, Ipanema e Leme, cujo público-alvo era essa nova elite praiana da Zona Sul.<sup>154</sup>

Na sua coluna “Vida Social”, um “jantar dansante [...] desse elegante grêmio [o Botafogo Football Club], [que] promete, como sempre, revestir-se de excepcional brilho”.<sup>155</sup> O ambiente de refinamento é complementado pela presença de “uma excelente orchestra”, dando bem o ar aristocrático de início do século XX. Não raro, alguns, anúncios vinham também nas próprias colunas esportivas. É o caso do *Jornal do Brasil*, do dia 31 de março de 1928, quando uma festa infantil à fantasia no Fluminense Football Club ganha destaque por ocasião do carnaval. A pequena nota ainda reforça o caráter restrito do evento, que era destinado “somente aos filhos e irmãos dos associados”.<sup>156</sup>

---

<sup>150</sup> SEIDL, Ernesto. “Estudar os poderosos: a sociologia do poder e das elites”. In: SEIDL, Ernesto e GRILL, Igor Gastal (orgs.). **As ciências sociais e os espaços da política no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013. p. 185. Para que não caiamos em anacronismos, é necessário fazer a ressalva de que é válido o questionamento do caráter meritocrático — para além da crítica cotidiana até hoje a esse conceito — dessa sociedade, mesmo para a elite, que era uma elite carioca de início de século XX, com um republicanismo ainda muito jovem e valores imperiais ainda muito enraizados.

<sup>151</sup> BOURDIEU, Pierre. “Estratégias de reprodução e modos de dominação”. *Repocs*, v.17, n.33, jan./jun. 2020. p. 21-36.

<sup>152</sup> *Ibidem*, p. 25.

<sup>153</sup> FERNANDEZ, Renato Lanna. **O Fluminense Foot-ball Club: a construção de uma identidade clubística no futebol carioca (1902-1933)**. 2010. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) – CPDOC/FGV, Rio de Janeiro, 2010. p. 15.

<sup>154</sup> *Beira Mar: Copacabana, Ipanema, Leme (RJ)*. 04 maio 1930. p. 7.

<sup>155</sup> *Beira Mar: Copacabana, Ipanema, Leme (RJ)*. 04 maio 1930. p. 7.

<sup>156</sup> *Jornal do Brasil (RJ)*. 31 mar. 1928.

Uma das hipóteses que tentamos defender ao longo da dissertação é de que existem imaginários elitistas que levam à recusa da profissionalização. Acreditamos que esses espaços, somados à agência dos *sportsmen*, influenciam diretamente na construção destes, uma vez que cumprem uma função de sociabilidade imprescindível a esse processo. Mais do que isso, acredito que haja uma cultura política da elite letrada carioca do início da República que influencia esse grupo diretamente.

Uso aqui o conceito de cultura política trazido por Rodrigo Patto Sá Motta, definida por: “conjunto de valores, tradições, práticas e representações políticas partilhado por determinado grupo humano, que expressa uma identidade coletiva e fornece leituras comuns do passado, assim como fornece inspiração para projetos políticos direcionados ao futuro”.<sup>157</sup> Seguindo tal definição, a identidade coletiva que pretende se expressar é de uma elite branca, patriarcal, europeizada e higiênica, cuja uma das expressões são os *sportsmen*. Essa classe dirigente busca uma leitura comum de um passado eurocentrado, onde ela se “ligaria à tradição da cultura europeia”.<sup>158</sup> Enquanto a inspiração pensa projetos políticos de manutenção dessa distinção e civilidade, tendo o esporte a função de controle da violência proposto por Elias.

Vejamos, agora, a impressão do caráter elitista ao futebol nos anos 1910.

---

<sup>157</sup> MOTTA, 2009, p. 21.

<sup>158</sup> AZEVEDO, André Nunes. A dimensão da ideia de civilização no contexto da reforma urbana de Pereira Passos. *AEDOS*, v. 9, n. 20, 2016. p. 390.

## CAPÍTULO 02

### DO *SPORTSMEN À DEMOISELLE*: O IMAGINÁRIO ARISTOCRÁTICO NAS PÁGINAS DE JORNAIS E NA FIGURA DE MARCOS CARNEIRO DE MENDONÇA

Como vimos no capítulo anterior, o futebol chega ao Rio de Janeiro como esse agente de um “processo civilizador” europeu, mais precisamente inglês. A “desportivização” que controla e estipula o limite da violência dentro do esporte está plenamente de acordo com os padrões de decoro e requinte da aristocracia brasileira. Qualquer coisa fora disso, era sumariamente recriminada e, até, julgada como barbárie. Ao mesmo tempo, quando ocorriam, prontamente tentava-se distanciar as elites desses episódios.

Nesse capítulo, portanto, apresentaremos como a imprensa carioca da época reforça essas noções, tanto através da exaltação dos “tipos ideais de *sportsmen*”, quanto da condenação da barbárie. Observaremos trechos de jornais dos anos 1910, buscando compreender como eles reforçavam o caráter elitista e distintivo do futebol no início do século XX. O que será seguido, por sua vez, por uma análise de relatos de transgressões das normas sociais elitistas e aristocráticas. Aqui será curioso perceber como se distancia, nesse momento, esse tão saudado ambiente da alta sociedade, dos acontecimentos, deixando transparecer já um certo incômodo com a popularização do esporte.

Por fim, trataremos do caso Marcos Carneiro de Mendonça e toda a imagem em torno deste personagem do futebol carioca e brasileiro do início do século XX. Marcos foi idealizado por muitos defensores do amadorismo como o padrão desejável de *sportsmen* por suas atitudes dentro e fora de campo. Aqui, traremos tanto suas aparições nas páginas dos jornais, mas, principalmente, seu depoimento ao Museu da Imagem e do Som de São Paulo (MIS/SP) e fontes do seu acervo pessoal, para ajudar-nos a enxergar os porquês por trás dessa idealização — que ele mesmo parecia reforçar.<sup>159</sup>

#### 02.1. *Status*, modernidade e civilização — Os *sportsmen* como espelho e máscara da sociedade carioca do início século XX

---

<sup>159</sup> O acervo pessoal de Marcos Carneiro de Mendonça está disponível na Biblioteca Nacional, na cidade do Rio de Janeiro e o seu depoimento no acervo digital do Museu da Imagem e do Som de São Paulo.

Anteriormente, tentamos demonstrar como o futebol está inserido em um contexto maior. Nessa conjuntura, o esporte era praticado por amadores dentro dos clubes que, como vimos, foram fundados com destino à sua prática, o que, objetivava a manutenção da sua “pureza”. Isso porque a qualidade de amador, desde os primeiros anos, foi utilizada como um mecanismo da manutenção da distinção social e assim permanecerá, como veremos no capítulo seguinte, mesmo durante os anos da profissionalização.

Lembremos que João Manuel Malaia, estabelece futebol naquele momento com “um símbolo da civilização europeia”, utilizado em favor do “engrandecimento da raça”, um processo que foi conduzido pelas elites das grandes capitais e cuja característica primordial era o amadorismo.<sup>160</sup> O cenário que Malaia traz é similar ao tratado no capítulo anterior quando da inserção do remo num contexto antes dominado pelo turfe. Nessa perspectiva elitista, o futebol vem para valorizar o homem, deslocando a objetividade do jogo do animal — o cavalo, no caso do turfe — para esse novo homem, moderno e saudável.

O relato é interessante, pois valoriza características próprias do processo de “desportivização”, como “a submissão a certas regras, voluntariamente aceitas e cuja transgressão pode acarretar revezes para seu quadro”. É entre esses dois aspectos que caminham as notícias sobre os jogos da época, valorizando as capacidades de sociabilidade e adequação às regras e condenando a violação das mesmas.

A figura dos *sportsmen* se destaca nessa política, e para entender melhor, nos é útil novamente o trabalho de Leonardo Pereira.<sup>161</sup> Tratando dos primeiros anos do século XX, ele traz todo o aparecimento destes que eram jovens atletas amadores, multiesportistas, que além de sua saúde e beleza, difundiam aspectos da cultura europeia “moderna”, como a civilidade, por exemplo.<sup>162</sup>

Trazendo para o Brasil um esporte que já havia se espalhado pelo proletariado na Inglaterra, seu país de origem, segundo Pereira, “os *sportmen* transformaram um esporte praticado e assistido por operários das mais diversas procedências em símbolo de elegância e sofisticação”.<sup>163</sup>

Um conceito apresentado no capítulo anterior que nos ajudará a entender melhor a pre-ocupação com a inscrição dos valores aristocráticos ao futebol. Este é a definição de Archetti

<sup>160</sup> MALAIA, João Manuel. “O processo de profissionalização do futebol no Rio de Janeiro: dos subúrbios à Zona Sul: A inserção de negros, mestiços e brancos pobres na economia da Capital Federal (1914-1923)”. **Leituras de Economia Política**, Campinas, v. 10, n. 1 (13), p. 125-155, jan./jul. 2008. p. 127.

<sup>161</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)**. 1998. Tese (Doutorado em História) – IFCH/Unicamp, Campinas, 1998.

<sup>162</sup> Cf. PEREIRA, 1997; FERNANDEZ, 2010.

<sup>163</sup> PEREIRA, 1998, p. 34.

do futebol como espelho e máscara do argentino, isto é, que se vê e é visto através do futebol.<sup>164</sup> Ainda que Archetti trate do argentino, penso ser uma noção útil, também, ao caso brasileiro dos primeiros anos do século XX. Delega-se aqui, portanto aos *sportsmen* o papel de ser o espelho e pôr uma máscara dessa modernidade europeia no futebol brasileiro. Corrobora a essa visão Carlos Eduardo Sarmiento, que diz que “Desde o início estava claro que as elites nacionais buscavam no futebol um espelho no qual pudessem enxergar seu reflexo à luz dos valores da sociedade europeia”.<sup>165</sup>

O conceito de Archetti apresentado pode, inclusive, ser transposto para fora das quatro linhas, pelo menos no caso do futebol carioca do início do século XX. É interessante perceber como, de fato, se tenta imprimir, dentro e fora do gramado essa imagem aristocrática, elitista ao ambiente dos estádios do Rio de Janeiro, como veremos a seguir.

## 02.2. “Seleta assistência” e “distintas famílias” — O reforço do ambiente aristocrático nos jornais cariocas dos anos 1910

Os jogos de futebol se tornam, portanto, um evento social importante entre as elites, que reunia nos estádios seus cavalheiros, dentro e fora de campo, e suas damas nas arquibancadas. Esse cenário refletia-se nas impressões presente nos jornais:

Desde cedo que **as archibancadas do club alvi-rubro achavam-se repletas do que de mais bello existe na nossa sociedade.**

**Graciosas demoiselles**, mostrando-nos uma variedade infinda de ‘toilettes’, assistiam dalli ao desenrolar do ‘match’ entre os mais fortes ‘teams’ que disputam o campeonato da Liga Metropolitana.

[...]

**As ‘torcedoras’ ‘enragées’ lá estavam firmes nos seus postos.**

**Grupos e grupos de ‘sportmen’ manifestavam-se sobre o desfecho da luta que diziam ser difficil de prognosticar-se.**<sup>166</sup> (Grifos nossos)

Esse trecho divide, de forma nítida, um padrão de comportamentos e funções de gênero dentro do ambiente de um estádio de futebol. Às mulheres, as “graciosas demoiselles”, fica relegado um papel de embelezar as arquibancadas, sendo permitida a elas, no máximo, uma breve demonstração de irritação — “enragées” — com o jogo. Já aos homens, os *sportsmen*, esses, sim, são capazes de analisar o jogo e definir, se possível, um prognóstico.

<sup>164</sup> Archetti, 2003:41 apud ALABARCES, 2003, p. 12.

<sup>165</sup> SARMENTO, Carlos Eduardo. **A regra do jogo**: uma história institucional da CBF. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006. p. 2.

<sup>166</sup> Periódico não identificado, 26 de julho de 2013. Localização: Manuscritos - I-18,16,001 (Álbum de recortes de jornais, v.1); I-18,17,001 (Álbum de recortes de jornais, v.2); I-18,17,002 (súmulas); I-18,17,003 (avulsos); I-45,30 e 31 (recortes de periódicos, correspondências); ARQ 3,2,8 e 9 (fotografias)

MENDONÇA, Marcos Carneiro de. **Arquivo Marcos Carneiro de Mendonça**. [S.l.: s.n.], 1906-2006. 79 registros.

Aqui neste ponto concordamos com Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto Rocha, que identifica que:

Na produção de um imaginário compartilhado, a construção dessa identidade de classe passava por um trabalho de educação sentimental. Gestada nos clubes, a solidariedade dessas frações da classe dominante reforçava e produzia uma acentuada divisão de gênero. Na gênese, os esportes modernos foram atividades masculinas por definição.<sup>167</sup>

Por isso, então, o papel das mulheres no jogo de futebol para as classes dirigentes era apenas acessório, com a função de embelezar o estádio. À prática do jogo, essas elites delegavam os seus homens, os *sportsmen*, estabelecendo assim um monopólio não só elitista, como masculino desses espaços.<sup>168</sup> Sem nos atermos muito à questão do gênero, ainda que seja importante, Rocha faz um apontamento bem interessante, dizendo que a exclusão das mulheres desses espaços de poder, permitiu aos homens a aprender a “amar e admirar uns aos outros”, essencial para todo o ambiente de cavalheirismo que veremos, principalmente, ao longo desse capítulo.<sup>169</sup>

O ambiente de um jogo de futebol era homogêneo, isto é, composto pelos mesmos grupos dentro de campo e nas arquibancadas. Segundo Mario Filho, “O que havia ali, no campo, na arquibancada, havia nos bailes do Clube das Laranjeiras, [...] havia nas festas e festinhas da casa do barão de Werneck, da casa de dona Chiquitota, da casa dos Hime [...]”.<sup>170</sup>

Ao aproximar os bailes no Fluminense e em outras localidades ao estádio de futebol da época, dentro e fora de campo, o jornalista atenta para a partida como um evento social próprio das elites cariocas da época, tal qual as “festas e festinhas”. Por isso, estar presente a um jogo demandava, por si só, um *status*, um refino àqueles que o frequentassem e ali fossem vistos, dentro e fora de campo. Estar nem uma partida, em meio àquele ambiente aristocrático trazia consigo um caráter distintivo.

Vejamos, por exemplo, um recorte de jornal desidentificado encontrado no acervo de Marcos Carneiro de Mendonça, podemos perceber a apropriação aristocrática do futebol nos anos 1910.<sup>171</sup> Na ocasião, uma partida a ser disputada entre o Fluminense F.C., do Rio de Janeiro, e a A.A. Palmeiras, de São Paulo, chama a nossa atenção:

<sup>167</sup> ROCHA, Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto. João Havelange, uma vida extraordinária? Ideologia e ação política na formação de um patrimônio social-esportivo, 1916-1958. *FuLiA/UFMG*, v. 5, n. 3, p. 75-97, 2020. p. 81.

<sup>168</sup> *Ibidem*, p. 82.

<sup>169</sup> *Ibidem*, p. 82.

<sup>170</sup> FILHO, Mario. *O Negro no Futebol Brasileiro*. 5 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2010. 360p.

<sup>171</sup> MENDONÇA, 1906-2006. Muitos recortes disponíveis no acervo de Marcos Carneiro de Mendonça não possuem a identificação do periódico e alguns sequer as datas exatas. Acredito, no entanto, que não comprometem a relevância das fontes.

Dizer que a assistência que pressurosa compareceu ao jogo de hontem [...] foi **numerosa e se compoz do que há de mais distinto na alta sociedade** desta grande urbs de S. Sebastião, é cousa que quasi se torna desnecessaria.  
 [...] Os jogadores paulistas têm grande qualidade – jogam com perfeita delicadeza. Em todo o correr do encontro, **portaram-se elles como perfeitos “gentlemen”, pouco se lhes dando a victoria ou a derrota e mais prezando, antes de qualquer outra coisa, o modo attencioso de receber os ataques ou os desfallecimentos antagonicos.**<sup>172</sup> (Grifos nossos)

Observe que o trecho descreve o público como “numeroso” e “composto do que há de mais distinto na alta sociedade”, e que era algo que já não surpreendia. Além disso, é destacado o refinamento da assistência presente nas arquibancadas, ao defini-la como “o que há de mais distinto na alta sociedade”.

Algo que se repete dentro de campo. O comportamento do time do Palmeiras é descrito como de “perfeitos cavalheiros”, pouco importando, inclusive, o resultado da partida. A falta de preocupação com o resultado é uma característica própria desse cavalheirismo aristocrático que sedimenta a agência dos *sportsmen* na sociedade carioca da época. De modo que, quando da profissionalização, as críticas ao regime passam, também, pela crítica à prática destinada apenas à vitória. O *Correio da Manhã* entrevistou Carlos Martins da Rocha, sócio, ex-dirigente do Botafogo F.C. e defensor do amadorismo, que trouxe esse argumento à discussão, dizendo que “Mercantilizados [pelo profissionalismo], seus sentimentos desaparecerão em benefício do mais mesquinho proveito material; daí [...] se os praticará para vencer”.<sup>173</sup>

Essas imagens são reforçadas por outro periódico ao tratar do mesmo jogo:

**Os distintos moços, representates de um dos gremios filiados à Associação Paulista de Sports Athleticos, chegaram cedo, desembarcando do nocturno de luxo que precedia de S. Paulo.** Foram recebidos na “gare” da Central por directores e membros da Liga Metropolitana de Sportes Athleticos, do Fluminense F.C., autor do convite e de diversos outros Clubs filiados.

[...]

O “score” foi elevado [7 a 2] mas nem por isso significa que a peleja foi destituída de interesse; de tal forma se traduzem as aclamações frenéticas e os applausos entusiasticos, dirigidos pela assistencia onde se notava a **presença de patricia mais bela e mais gentil e do “sportsmen” mais cavalheiroso e urbano.**<sup>174</sup> (Grifos nossos)

Reparemos como, novamente, o caráter requintado é reforçado para todos os personagens do jogo. Os jogadores do time visitante eram “distintos moços” que chegavam no “noturno

<sup>172</sup> MENDONÇA, 1906-2006.

<sup>173</sup> *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 1933, p. 10.

<sup>174</sup> Periódico não identificado, sem data. Localização: Manuscritos - I-18,16,001 (Álbum de recortes de jornais, v.1); I-18,17,001 (Álbum de recortes de jornais, v.2); I-18,17,002 (súmulas); I-18,17,003 (avulsos); I-45,30 e 31 (recortes de periódicos, correspondências); ARQ 3,2,8 e 9 (fotografias)  
 MENDONÇA, Marcos Carneiro de. *Arquivo Marcos Carneiro de Mendonça*. [S.l.: s.n.], 1906-2006. 79 registros.

de luxo que vinha de São Paulo”.<sup>175</sup> Há todo um protocolo, quase cerimonial, de recepção dos atletas, um verdadeiro “encontro de cavalheiros”. Os jogadores foram recebidos na Central do Brasil pelos diretores e membros da Liga Metropolitana de Sports Athleticos (LMSA) e do Fluminense, o time da casa e autor do convite, corroborando para essa imagem aristocrática.

Essa característica aparece de maneira explícita ao se tratar das arquibancadas, que contava com “a presença de patrícia mais bela e mais gentil e do ‘sportsmen’ mais cavalheiroso e urbano”. Mais uma vez, às mulheres delega-se um papel estético nas arquibancadas, enquanto aos homens delegam o requinte da função de *sportsmen*.

Mais à frente na matéria, temos mais uma cena digna de nota:

Embora alterando a ordem chronologica, tem logar nesta altura a noticia de uma **homenagem à delegação de “sportmen” paulistas**.

Depois de diversos passeios pela cidade e após o “match” de “football”, realizou-se no Metropole **um jantar, oferecido pelo Fluminense F.C.**

Houve alegria, houve entusiasmo; variado e delicioso era o cardapio; fez-se excelente palestra; a permuta de hymnos e “allegracks” à Liga Metropolitana e à Associação Paulista, à A.A. das Palmeiras e ao Fluminense, aos directores e membros de uns e outros foi intensa.<sup>176</sup> (Grifos nossos)

Nesse trecho temos a notícia de uma “homenagem à delegação de *sportmen* paulista”, que ganham “um jantar, oferecido pelo Fluminense F.C.”, que era o clube anfitrião. A lógica da cordialidade entre membros de um mesmo grupo social — as elites — é consumada nesse banquete, um evento tipicamente aristocrático para época.

Um encontro entre Fluminenses e Palmeiras também aparece em “O Negro no Futebol Brasileiro”.<sup>177</sup> Por ocasião da partida, segundo Mario Filho, “O Fluminense ofereceu um banquete. E no convite estava: traje a rigor. Pois não deixou de ir nem um jogador do Palmeiras, nem um do Fluminense. Todos irrepreensivelmente de *smocking*”. Novamente temos, aqui, a confraternização, bem típica da aristocracia da época. No entanto, o cronista reforça materialmente o caráter distintivo do evento, pois todos deveriam ir e foram “a rigor”, de “*smocking*”.<sup>178</sup>

Logo em seguida, Mario Filho continua a descrever um ambiente bastante aristocrático:

Enquanto os *garçons* de calça preta, jaqueta branca, iam e vinham, pisando macio, trazendo, levando os pratos, a orquestra, um piano, dois violinos, um contra-baixo, tocava músicas escolhidas

Durante o *hors d'oeuvre*, a *Promenade* de Engelman. Entre o *hors d'oeuvre* e o *consommé on tail*, uma valsa, *Amor de zingaro*, de Franz Lear. A seguir, o que se chamava um tango característico: *Batuque*, de H. mesquita. Vinha o *filet de sole frite*.

<sup>175</sup> O noturno de luxo era um trem que conectava, principalmente, os estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Destinado, teoricamente, às classes mais altas, não é difícil encontrar, nos jornais da década de 1910, críticas a ele.

<sup>176</sup> MENDONÇA, 1906-2006. Não consegui, no entanto, encontrar o significado de “allegracks”.

<sup>177</sup> Ainda que bem provável, não podemos tratar aqui como o mesmo encontro entre Fluminense e Palmeiras citado na reportagem, visto que Mario Filho não nos fornece a data, o local ou qualquer outro indício que nos permita associar os dois eventos.

<sup>178</sup> FILHO, 2010, p. 58.

Sc. Tartar. Ouvia-se um *one step*: *Humpeirok*, de Lestrage. E também um tango argentino: *La Seferina*, de Arriga. Chegava a vez da *mousse de foie gras en gellé*. E também do *Conde de Luxemburgo*, de Franz Lehar. O *poularde roti* ficava mais gostoso ao som de valsa: *Dreaming*, de Joyce. Os *garçons* serviam vinhos franceses, a orquestra tocava um *ragtime*: *Switchbak*, de Auracher. E a salada parecia pedir um tango, uma valsa. Tocava-se um tango, *Apolo*, de Bevilacqua, uma valsa, a *Princesa dos Dólares*, de Franz Lehar. O banquete aproximava-se do fim. *Poire Melba*, *Row Row, Row*, um *one step*, bem alegre, mais alegre ainda um tango brasileiro: *Cacique*, de Nazareth. Café, licores, charutos, o *Vendedor de Pássaros*, de Zeller.

A orquestra parava. Era hora dos brindes. Um jogador levantava-se, taça de *champagne* na mão, fazia um ligeiro *speech*. Levanta-se um *hip, hip, hurrah!* coisa do Fluminense, um ‘aleguá!’, coisa do Palmeiras. E a orquestra, que parecia só aguardar esse momento dos *hip-hurras* e dos ‘aleguás’, encerrava o banquete com a *Marcha do Barão do Rio Branco*, de Francisco Braga.<sup>179</sup>

Podemos começar destacando a clara distinção que Mario Filho faz à vestimenta dos *garçons*. Enquanto os *sportsmen* usavam seus *smockings*, àqueles que os serviam usavam calça preta e jaqueta branca. Apesar de parecer, a princípio, banal, a distinção das roupas é, na verdade, fundamental, pois estabelece materialmente a distinção entre os sócios e os funcionários. Essa mesma diferenciação aparece ao tratar profissionais e amadores, sendo um dos incômodos das classes mais abastadas com a profissionalização do futebol, uma vez que não se misturariam com “classes subalternas”.

Além disso, o uso pelo cronista de uma série de termos em outras línguas não é por acaso. A tentativa é justamente de demonstrar que essa bagunça de pratos e músicas estrangeiras, se apresentam, por fim, de maneira bastante organizada e harmônica, sendo cada momento bem demarcado. A imagem que passa é bem condizente com a de um ambiente aristocrático que tenta se equiparar às potências modernas do ocidente.<sup>180</sup>

Esses dois relatos acerca de encontros entre o Fluminense F.C. e o A.A. Palmeiras deixam claro como a função de *sportsmen* extrapolava o aspecto esportivo. Como verdadeiros membros da elite, esses jovens tinham uma função social a ser exercida. Muito além de praticar vários esportes e ter um corpo atlético, esses jovens tinham, através das práticas esportivas, o poder de “inculcar valores pedagógicos, disciplinares e morais”.<sup>181</sup> Estavam de acordo com o que havia de mais moderno e elegante, sendo eles próprios um grande elemento de distinção, um símbolo da civilização europeia.<sup>182</sup>

<sup>179</sup> Ibidem, p. 59.

<sup>180</sup> Preferi aqui escolher o termo ocidente, ao invés de Europa, pois há referências ao *one step*, um ritmo muito comum nos EUA.

<sup>181</sup> FERNANDEZ, 2010, p. 30.

<sup>182</sup> Cf. FERNANDEZ, 2010; MALAIA, 2008; PEREIRA, 1997.

Na lógica de espelho e máscara proposta por Archetti, os *sportsmen* e os jogos de futebol chegaram a ter, inclusive, funções diplomáticas. A própria Confederação Brasileira de Desportos (CBD) é criada, também, com esse fim, e, não sem motivo, sua fundação, em junho de 1916, ocorreu em reunião presidida pelo então ministro das Relações Exteriores, Lauro Müller.<sup>183</sup> Carlos Eduardo Sarmiento salienta que:

Mais do que à simples preocupação de regulamentar a prática desportiva, o início do século XX assistiu à legitimação do esporte como um ideal superior de expressão das qualidades humanas. [...] a expressão esportiva tornou-se um campo propício para as elites se lançarem à construção simbólica de seus valores civilizatórios. [...] Nesse quadro, a interferência aparentemente inusitada do ministro das Relações Exteriores para que fosse institucionalizado um organismo responsável pela gestão desportiva do país ganha sentido: estava em jogo, na verdade, a criação de um novo canal formal de operação para a diplomacia das nações.<sup>184</sup>

Esse caráter diplomático aparece durante a visita do ministro do Chile junto ao Brasil:

O “MATCH” DO AMERICA F.C. COM O FLAMENGO F.C. REVESTIU-SE DE GRANDE BRILHO

A assistencia, que presenciou o mais importante dos encontros de hontem, e tambem de todos os que se têm realizado até hoje, era **numerosissima**, fazendo-se notar no campo da rua Campos Salles, sobretudo, **as mais conhecidas e distintas famílias do bairro Haddock Lobo**.

Este *match* teve a honra de ser **presidido pelo ministro chileno** que quis desta forma **distinguir o club que convidou os jogadores seus compatriotas para uma série de matches nesta capital**.

A saída do 2º *half-time* foi dada por essa **tão elevada personalidade** do nosso mundo diplomático; que foi também **saudada com hurrahs pelo team do América F.C., em agradecimento à forma honrosa por que este foi distinguido**.<sup>185</sup> (Grifos nossos)

Uma outra matéria, retrata o mesmo evento da seguinte maneira:

Perante **numerosa e selecta assistencia**, realizou-se ante-hontem, no campo da rua Campos Salles, o mais importante match da actual temporada, tendo-se encontrado, pela primeira vez, este anno, a valorosas equipes do America e do Flamengo.

O Sr. Dr. Alfredo Irarrázabal, ministro do Chile junto ao nosso governo, solicitado, accedeu gentilmente ao **convite que lhe fez a directoria do America e honrou com a sua presença o “meeting” sportivo** a que nos vamos referir e cujas peripécias acompanhou com o mais vivo interesse. Finda a peleja, S. Ex. felicitou calorosamente os contendores pelo brilhante jogo desenvolvido por ambos.

Antes do começo do sengundo half-time, **os dous teams reunidos saudaram o Dr. Irarrázabal e convidaram-n’o a dar o ponta-pé inicial, o que S. Ex. fez debaixo de grande ovação**.<sup>186</sup> (Grifos nossos)

<sup>183</sup> SARMENTO, 2006, p. 1.

<sup>184</sup> Ibidem, p.1.

<sup>185</sup> Periódico não identificado, 24 de agosto de 1913. Localização: Manuscritos - I-18,16,001 (Álbum de recortes de jornais, v.1); I-18,17,001 (Álbum de recortes de jornais, v.2); I-18,17,002 (súmulas); I-18,17,003 (avulsos); I-45,30 e 31 (recortes de periódicos, correspondências); ARQ 3,2,8 e 9 (fotografias)

MENDONÇA, Marcos Carneiro de. **Arquivo Marcos Carneiro de Mendonça**. [S.l.: s.n.], 1906-2006. 79 registros.

<sup>186</sup> Periódico não identificado, 25 de agosto de 1913. Ibid.

Os dois periódicos trazem muitos elementos já analisados, que se repetem aqui. Temos, novamente, os indícios do aumento de popularidade do futebol com a assistência “numerosíssima” no jogo. Mais do que isso, ela era “seleta”, pois nesse público estavam “as mais conhecidas e distintas famílias do bairro Haddock Lobo”. A informação nos interessa porque reforça a visão do ambiente aristocrático do futebol através da imagem das famílias “conhecidas e distintas”. Isso porque, dentre as elites da época, “o conceito de família, fruto da influência portuguesa, sempre permaneceu muito presente, impregnando de forte moralismo as novas maneiras de diversão”, como era o caso do futebol.<sup>187</sup>

A questão da família é importante também para pensarmos a homogeneidade do ambiente da partida de futebol à época, que já falamos anteriormente. Isso aparece muito latente no livro de Mario Filho, em um dos eventos narrados, quando diz que:

Os melhores jogadores tinham de ser **brancos, de boas famílias**. Quando, um dia, a Liga Metropolitana, sem outros jogadores para mandar a São Paulo, teve que organizar um escrete com poucos brancos e muitos mulatos e pretos, todo mundo chamou esse escrete de

[...] Os grandes jogadores, os jogadores dos grandes clubes, brancos de boas famílias, se recusaram a jogar num dia de Natal, a passar o Natal longe do Rio. **Tinham família**.<sup>188</sup> (Grifos nossos)

Vemos nesse exemplo então como o “ter família” também se tornava algo distinto. Os jogadores de “boas famílias” ganhavam, inclusive, a preferência sobre os brancos “sem família”. Em outro exemplo, o autor mostra como, em determinada ocasião, onde precisou-se escolher entre Pascoal, um ex-peixeiro semianalfabeto, ou Zezé Guimarães, “moço de sociedade”, preferiu-se por este último pelo seu caráter distintivo familiar.<sup>189</sup>

Voltando às duas matérias, a imagem do evento é, mais uma vez de grande cordialidade e reverência mútuas, dessa vez de forma diplomática. Por ocasião de sua visita ao Rio de Janeiro, o ministro chileno é convidado pelo América a assistir o “encontro” contra o Flamengo. Não só isso, o clube alvirrubro teria convidado também jogadores chilenos para “uma série de partidas” no Rio.<sup>190</sup>

Como um grupo centrado no ideal de *status* — e, portanto, com um imaginário construído em torno deste —, a reciprocidade dos tratamentos também é um aspecto bem característico das elites da época. Uma espécie de validação que vemos ocorrer tanto nas práticas — banque-

<sup>187</sup> MELO, Victor Andrade de. Remo, modernidade e Pereira Passos: primórdios das políticas públicas de esporte no Brasil. **Esporte e Sociedade**, n. 03 (1), Jul. 2006/Out. 2006. p. 4.

<sup>188</sup> FILHO, 2010, p. 99.

<sup>189</sup> Ibidem, p. 128.

<sup>190</sup> MENDONÇA, 1906-2006.

tes, convites e recepções —, quanto nos discursos, que frequentemente empregam estrangeirismos — *demoiselles*, *enragées* e o próprio *sportsmen* — ao se referirem a esses grupos, talvez numa tentativa própria de os aproximar do ideal europeu de modernidade. Não parece-nos absurdo denotar, ainda que a escolha por termos em francês e inglês demonstra, por sua vez a importação de mais de uma modernidade vinda da Europa, e que se imbricam na generalidade do termo **modernidade europeia**.

### 02.3. “Entre tapas e beijos” — O dilema da imprensa carioca com as transgressões das normas sociais nas partidas de futebol

Por todas essas características e contexto, é que, quando algo fugia às regras sociais estabelecidas, era prontamente condenado pela grande imprensa. Há que se lembrar que estamos aqui falando de representantes do mesmo grupo social, seja no campo ou nas arquibancadas. Uma fuga às regras significava uma quebra de um acordo tácito entre os membros dessa elite aristocrática. Como exemplo, temos um caso ocorrido em 25 de junho de 1911, quando um jogador do Botafogo F.C. agrediu um adversário no jogo contra o América:

A Abelardo Delamare, “center forward” do “team” campeão [Botafogo], coube a glória de publicamente, **diante de toda a “élite” que assistia ao “match”**, mostrar a **falta de disciplina moral do “team” que gozou da fama de club de “smarts”!** Indignado com a insistência de um jogador contrario, que não o deixou fazer proezas, vingou-se agredindo-o subitamente – facto testemunhado pela multidão que enchia o campo.<sup>191</sup> (Grifos nossos)

O retrato impresso pelas palavras do jornal é, justamente, dessa atmosfera aristocrática que vimos nos outros trechos de jornais. Nesse ambiente, a agressão parece se tornar ainda mais grave. Era “uma falta de disciplina moral”. A tal ponto que o comissário da polícia precisou “fazer respeitar a sua autoridade, com o auxílio da polícia militar”.<sup>192</sup>

Cobrando uma punição a Abelardo Delamare, a quem o jornal atribui a agressão, o jornal rememora, ao final da matéria, o caso de um jogador do Rio Cricket que sofrera severa punição ao desrespeitar um árbitro. Segundo o jornal, “A Liga [Metropolitana de Sports Athléticos] suspendeu por 60 dias o tal jogador, e a directoria do Rio Cricket (diga-se logo), **pretendeu eliminar do seu registro social o jogador que havia publicamente desrespeitado ao ‘referee’**” (grifo nosso).<sup>193</sup>

<sup>191</sup> *O Paiz*. Rio de Janeiro, 26 de junho de 1911, p. 8.

<sup>192</sup> *Ibid.*

<sup>193</sup> *O Paiz*. Rio de Janeiro, 26 de junho de 1911, p. 8

O relato é interessante pois demonstra como essa fuga aos padrões sociais aceitáveis dentro daquele contexto elitista podia chegar a atitudes extremas, como a expulsão de um indivíduo do quadro social. Afinal de contas, os clubes eram espaços importantes de sociabilidade das elites e não poderiam aceitar tamanha barbárie em seus ambientes.<sup>194</sup>

Uma extensa matéria publicada no *Correio da Manhã* do dia 23 de outubro de 1916 é muito rica à essa pesquisa.<sup>195</sup> Ela relata o caso de uma invasão de campo ocorrida no jogo entre Flamengo e Fluminense no dia anterior. Vários trechos são dignos de análise, a começar pelo primeiro parágrafo da matéria:

A tarde de football de hontem **terminou de um modo lamentável, capaz de levar o desgosto áquelles que se interessam sinceramente pelo aperfeiçoamento dos nossos predicados nesse genero de desporto**, quer os que dizem respeito á technica, do jogo, quer os que se referem á **educação desportiva dos nossos aficionados**.<sup>196</sup> (Grifos nossos)

Podemos perceber que o trecho teme, justamente, pelo caráter pedagógico que o futebol exerce, ao dizer que o episódio era capaz de levar desgosto “àqueles que se interessam sinceramente” pelo “aperfeiçoamento” das virtudes da elite — “nossos predicados” — nesse esporte, onde, dentre elas, estaria a “educação desportiva” dos torcedores. Por botar isso em xeque, a maneira como o jogo foi encerrado — precocemente devido à invasão de campo — era “lamentável”.

Em outro trecho, a preocupação gira em torno do abandono do futebol pelas elites devido ao incidente:

Acontecimentos desta ordem, se bem que tenham como os de hontem, por exemplo, a attenuante do estado da peleja e do erro incontestado da autoridade que superintendia o jogo, sôa profundamente reprovaveis e cream uma norma de acção do publico **altamente pernicioso ao football e ao favoritismo de que o mesmo goza nas nossas mais elevadas camadas sociaes**.

Na expectativa de manifestações semelhantes, de taes perturbações da ordem, **familias cariocas, que tanto brilho emprestam aos encontros de football entre nós, começarão a rarear a sua presença nas sédes das nossas sociedades desportivas, acabando por procurar uma diversão mais segura e que não as ponha na contingencia de assistir as scenas tão tristes**, colocando-as em situação absolutamente incommoda e desagradavel.

Emquanto o que acabamos de relatar se passava em campo [um erro do juiz a favor do Flamengo], os espectadores pateavam o “referee”, na mais estrepitosa das manifestações de desgosto a que se há assistido em nossos campos. **Nas archibancadas, o proprio sexo fragil tomou parte da saliente manifestação**.<sup>197</sup> (Grifos nossos)

<sup>194</sup> Os clubes enquanto espaços de sociabilidade das elites cariocas da época serão trabalhados no próximo capítulo.

<sup>195</sup> Há uma curiosidade bem interessante e que pode nos ajudar a entender o tamanho do alarde que causou a quebra do decoro aristocrático da situação. A matéria aqui referenciada aparece logo na página 3 do jornal, fora da seção de esportes, que geralmente aparece mais próxima da décima página.

<sup>196</sup> *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 23 de outubro de 1916, p.3.

<sup>197</sup> Ibid. A pateada era uma espécie de manifestação de reprovação — tal qual uma vaia —, onde o público pisoteia com força no chão, produzindo um som ruidoso para representar tamanha insatisfação.

O caráter elitista, aristocrático que antes se imprimia ao jogo de futebol, aqui parece ruir. Veladamente, o periódico parece culpar a popularização do futebol. É interessante repararmos que o crescimento no número de espectadores havia sido tratado antes por outro periódico de maneira distintiva e positiva, sendo uma assistência “numerosa” e “seleta. Neste segundo caso, ocorrido três anos depois, o ato considerado bárbaro, vem em decorrência de um público cujas ações são “perniciosas”.

Esse nosso argumento é reforçado em um segundo momento. Se prestarmos atenção, o jornal dissocia a ação do público de invadir o campo das camadas mais elevadas da sociedade. No entanto, até pelos exemplos anteriores, vimos que os periódicos traziam esses membros da elite como os principais frequentadores, à época, das arquibancadas. A tentativa de dissociar os “transgressores das normas sociais” da sua “seleta assistência”, era, portanto, um sinal de incômodo com a popularização que o esporte já sofria.<sup>198</sup>

Dessa maneira, a ação de cerca de 500 torcedores — número estipulado pela matéria — põe em xeque a presença das “famílias cariocas, que tanto brilho emprestam aos encontros de futebol entre nós”.<sup>199</sup> Com as “perturbações da ordem” — ou seja, algo fora das normas sociais estabelecidas pela e para a elite —, esses grupos procurariam “diversão mais segura”.<sup>200</sup> Isso significaria que o futebol deixaria de ser um esporte de refino das classes mais altas, para passar à “barbárie” das classes mais baixas e médias.

Um último trecho interessante da notícia diz respeito, apesar dos acontecimentos, ao respeito e a reciprocidade àqueles que compartilham o mesmo *status* que:

**Os jogadores do Fluminense cercaram o juiz, prestando-lhe em tão crítica emergência todo o seu apoio.**

[...]

É preciso que seja posto á margem, por injusto, **qualquer conceito que attribua as lamentáveis occurências á má fé do juiz**, pois o sr. **Guilherme Witte [do América F.C.]** é um nome bastante acatado.

**Pode dizer-se mesmo que o sr. Witte é dos “sportsmen” mais dignos desse nome entre nós.** O caso foi certamente devido a um erro ocasional de s. s. do qual, estamos certos, se penitenciará.”<sup>201</sup> (Grifos nossos)

Da mesma maneira que entre os jogadores do Fluminense e da A.A. Palmeiras, de São Paulo, trazidos anteriormente, a cordialidade entre membros de uma mesma elite também aparece aqui entre os jogadores e o árbitro. Durante o regime amador, os juízes designados para as

<sup>198</sup> Cf. PEREIRA, 1998; MALAIA, 2010 e SOUZA, 2017.

<sup>199</sup> *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 23 de outubro de 1916.

<sup>200</sup> *Ibidem*.

<sup>201</sup> *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 23 de outubro de 1916.

partidas eram, eles mesmos, *sportsmen*, membros de outras equipes — e as vezes até de uma equipe envolvida.<sup>202</sup>

Sobre os *sportsmen*, analisemos o caso referência de Marcos Carneiro de Mendonça.

#### 02.4. O “tipo perfeito” — Marcos Carneiro de Mendonça como modelo de *sportsmen* no futebol carioca dos anos 1910.

Marcos Carneiro de Mendonça talvez tenha sido o primeiro grande nome do futebol brasileiro. Pelo menos para os amadores. Natural de Minas Gerais, Marcos diz, em depoimento memorialístico ao MIS/SP, ser sobrinho do filho do Visconde de Abaeté, que era casado com sua tia.<sup>203</sup> Além disso, segundo relata, ele e sua família mudaram-se para o Rio de Janeiro porque seu tio, o médico Carlos Carneiro de Mendonça, fora convocado para a campanha de combate à epidemia de febre amarela por Oswaldo Cruz.<sup>204</sup>

A breve história familiar do personagem serve para demonstrar, justamente, que Marcos Carneiro de Mendonça era, desde berço, filho de uma tradicional família mineira e, mesmo quando vem com sua família para o Rio, continua sendo um membro dessa elite aristocrática. Como bom representante da juventude abastada carioca, Marcos fora atraído aos estádios por conta de seu irmão, Luiz de Mendonça, que já disputava os campeonatos amadores da época.

Vale lembrar que, para além de seu irmão, “o futebol era marcado, em seus primeiros anos no Brasil, por uma imagem de grande refinamento, que fazia dele uma verdadeira moda entre os jovens das mais ricas famílias da cidade”.<sup>205</sup> E com Marcos não foi diferente. Apesar das dificuldades iniciais, conta que quando começou a jogar, foi buscado de emergência na própria arquibancada do estádio, já que o goleiro escalado tinha ido para os Estados Unidos sem aviso prévio.<sup>206</sup>

Esse início precoce, quase folclórico, era mais comum do que parece, pelo menos segundo Mario Filho. O futebol, como o *hobby* que deveria ser para as elites cariocas, fazia com

<sup>202</sup> Na edição d’*O Paiz* de 27 de abril de 1910, o árbitro escalado para a partida entre S.C. Mangureira e Haddock Lobo F. C. foi o “ilustre” Marcos Carneiro de Mendonça, do Haddock Lobo.

<sup>203</sup> MENDONÇA, Marcos Carneiro de. Depoimento de História Oral – Parte 1 de 3. In: **Coleção Memória do Futebol**. São Paulo, Museu da Imagem e do Som de São Paulo, 1982. Disponível em <<https://acervo.mis-sp.org.br/audio/depoimento-de-marcos-carneiro-de-mendonca-0#>>. Acesso em 25 de maio de 2022.

<sup>204</sup> É curioso no depoimento como Marcos Carneiro de Mendonça se orgulha do tio, a ponto de dizer que “o combate à febre amarela começou na minha casa” (MENDONÇA, 1982).

<sup>205</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Pelos campos da nação: um goal-keeper nos primeiros anos do futebol brasileiro. **Revista Estudos Históricos**, v.10, n.19, 1997. p. 25-26.

<sup>206</sup> As dificuldades giraram em torno de “problemas físicos, somados à desconfiança que a educação física ainda despertava nos primeiros anos deste século, [que] fizeram com que Marcos fosse proibido de correr e se esforçar: se quisesse mesmo praticar o esporte bretão, que fosse no gol, onde a atividade física seria menor e mais moderada”. (PEREIRA, 1997:27)

que ser jogador fosse algo que durava pouco tempo. Apenas os mais jovens ficavam no jogo, pois os mais velhos tinham que começar a trabalhar. De acordo com o autor:

Por isso desapareciam rapidamente dos campos os homens feitos, já com responsabilidade na vida. O futebol de bigode acabando. O bom jogador, sem bigode, mal tendo buço, indo para o primeiro time com dezesseis anos.

O caso de Marcos de Mendonça. Típico. Marcos de Mendonça tendo o dia todo à disposição dele. Passando as manhãs com Luís, com Fábio, a aperfeiçoar as pegadas

[...]

As preocupações de trabalho nem passando de longe pela cabeça dele [Marcos Mendonça]. O velho Mendonça, pai à antiga, achando que o filho só devia trabalhar depois de formado. Antes, era quase uma desonra para a família.<sup>207</sup>

É interessante notar como Mario Filho parece quase naturalizar esse processo. Mais do que um grande talento, a visão do cronista nos revela que Marcos era, na verdade, fruto de uma lógica que favorecia aos jovens da elite a tornarem-se jogadores logo cedo. Não podendo trabalhar ainda, dedicavam-se ao esporte no vasto tempo ocioso que tinham. Há que se ressaltar, contudo, que a narrativa de Mario Filho pode ser um pouco enviesada, uma vez que, como um dos principais ídolos do amadorismo, Marcos não contava com a boa vontade do autor, um defensor do profissionalismo.

A ascensão de Marcos Carneiro de Mendonça foi rápida e no ano seguinte, em 1911, já era convidado a jogar por um time de brasileiros formado pela LMSA.<sup>208</sup> No documento, o tratamento era digno do *status* que atribuíam ao futebol naquela época. Marcos era tratado como “ilustríssimo” e o convite serviria de ingresso para a entrada no “evento”.<sup>209</sup>

Marcos encantava por ser justamente o que se buscava de um *sportsmen*. Segundo Pereira, “Sendo o futebol no período um esporte elitizado e “moderno” – ao menos entre os times que participavam da primeira divisão da Liga Metropolitana -, articulistas e torcedores o aclamavam como verdadeiro símbolo de elegância”.<sup>210</sup> Não era difícil de vermos atribuído a Marcos o adjetivo de calmo nos periódicos da época.

No lado mais esportivo, Marcos cumpria com o seu direito de poder ser amador — essencial a qualquer *sportsmen* — e competia de forma bem-sucedida em outras modalidades, principalmente o atletismo. Em uma lista intitulada de “Coleções do Cofre”, Marcos elencava,

<sup>207</sup> FILHO, 2010, p. 79.

<sup>208</sup> Não dá para classificar esse time como uma seleção brasileira, porque a entidade que convidou Marcos de Mendonça não era nacional, apenas do Rio de Janeiro.

<sup>209</sup> Conforme consta no Anexo A. Localização: Manuscritos - I-18,16,001 (Álbum de recortes de jornais, v.1); I-18,17,001 (Álbum de recortes de jornais, v.2); I-18,17,002 (súmulas); I-18,17,003 (avulsos); I-45,30 e 31 (recortes de periódicos, correspondências); ARQ 3,2,8 e 9 (fotografias)

MENDONÇA, Marcos Carneiro de. **Arquivo Marcos Carneiro de Mendonça**. [S.l.: s.n.], 1906-2006. 79 registros.

<sup>210</sup> PEREIRA, 1997, p. 29.

entre uma série de medalhas do futebol, duas medalhas de ouro, ambas em uma competição de atletismo ocorrida em 1915, uma pelo arremesso de peso, outra pelo salto com vara.<sup>211</sup>

Além dessas conquistas, Marcos Mendonça, em um currículo feito por ele, ressalta êxitos também “nos torneios internos de volley-ball”, além de um “handicap 9 em golfe”.<sup>212</sup> Nesse mesmo documento, aliás, ele ressalta que, ao ir jogar pelo Fluminense, tornou-se, também, sócio do clube. Esse movimento reforçava nele uma identidade aristocrática, de modo que, associar-se ao Fluminense era motivo de distinção social.<sup>213</sup>

Desde os primeiros anos do clube, exigia-se de todos os sócios certa sofisticação. Renato Fernandez ressalta que “Nenhum atleta, por mais talentoso que fosse, poderia vestir o uniforme do Fluminense sem possuir condições econômicas necessárias”.<sup>214</sup> De modo que “Tudo comprovava que jogadores e público pertenciam a um grupo social comum”.<sup>215</sup>

Leonardo Pereira articula muito bem a ida de Marcos Mendonça para o Fluminense, com o ambiente aristocrático do clube e a popularização crescente pelo qual passava o futebol. Segundo ele foi essencial para a construção da imagem de Marcos como um verdadeiro *sportsmen*, pois:

[...] se consolidou ainda mais em 1914, quando Marcos, movido por conflitos internos no América, deixa o clube e passa a atuar pelo Fluminense - o mais antigo e tradicional dos clubes futebolísticos da cidade. O novo clube parecia realmente o lugar ideal para um jogador como Marcos. Embora o futebol se alastrasse rapidamente pela cidade, os sócios do Fluminense mantinham-se distantes dessa popularização.<sup>216</sup>

<sup>211</sup> Conforme consta no Anexo B. Localização: Manuscritos - I-18,16,001 (Álbum de recortes de jornais, v.1); I-18,17,001 (Álbum de recortes de jornais, v.2); I-18,17,002 (súmulas); I-18,17,003 (avulsos); I-45,30 e 31 (recortes de periódicos, correspondências); ARQ 3,2,8 e 9 (fotografias)

MENDONÇA, Marcos Carneiro de. **Arquivo Marcos Carneiro de Mendonça**. [S.l.: s.n.], 1906-2006. 79 registros.

<sup>212</sup> Conforme consta no Anexo C. Localização: Manuscritos - I-18,16,001 (Álbum de recortes de jornais, v.1); I-18,17,001 (Álbum de recortes de jornais, v.2); I-18,17,002 (súmulas); I-18,17,003 (avulsos); I-45,30 e 31 (recortes de periódicos, correspondências); ARQ 3,2,8 e 9 (fotografias)

MENDONÇA, Marcos Carneiro de. **Arquivo Marcos Carneiro de Mendonça**. [S.l.: s.n.], 1906-2006. 79 registros.

<sup>213</sup> “Essas elites – formadas por comerciantes, financistas, industriais, funcionários, entre outros – se associaram a clubes como o Fluminense, sem dúvida o mais cobiçado, buscando uma diferenciação social, um *status* que transformava as atividades patrocinadas pelo clube em um evento social, em que era possível celebrar as novidades trazidas do velho mundo, fosse nas festas realizadas na sede social, onde se trajava *smoking*, ou dentro do próprio estádio, nas arquibancadas, sendo o Fluminense definido como “*club chic* por excelência”, “tudo quanto há de elegante e distinto”. Também nos intervalos dos jogos, os jogadores podiam servir-se no *buffet* de diversas bebidas, enquanto as senhoritas se exibiam mostrando os seus leques”. (FERNANDEZ, 2010, p.39)

<sup>214</sup> FERNANDEZ, Renato Lanna. **O Fluminense Foot-ball Club: a construção de uma identidade clubística no futebol carioca (1902-1933)**. 2010. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) – CPDOC/FGV, Rio de Janeiro, 2010. p. 38.

<sup>215</sup> LOPES, José Sergio Leite. A vitória do futebol que incorporou a pelada – A invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro. **Revista USP**, n. 22, 1994. p. 19.

<sup>216</sup> PEREIRA, 1997, p. 30.

Mais do que isso, em meio à popularização crescente do futebol, o Fluminense, “junto com outros times da primeira divisão da liga, se tornasse um oásis de elegância em meio ao crescente prestígio que o jogo ia ganhando por entre os mais diversos grupos sociais”.<sup>217</sup>

A característica da distinção está bem presente, inclusive, no seu depoimento ao MIS/SP em 1982. Ao longo de toda a entrevista, Marcos Carneiro de Mendonça insiste, por exemplo, em usar os estrangeirismos da época. Mesmo que o entrevistador utilizasse o termo goleiro, Mendonça só se referia à posição como *goalkeeper* — algo que se repete ao se referir às outras posições, como *right back* e *center forward*. Além disso, é, ainda que sutil, perceptível como Mendonça faz questão de chamar o esporte de *football*, ao invés de futebol, amador.

Esse uso de estrangeirismos no futebol, são bem típicos da época do amadorismo, onde “quem gostasse dele [o futebol], precisava familiarizar-se com os nomes ingleses. De jogadores de tudo. Em campo **um jogador que se prezasse tinha que falar em inglês**. Ou melhor: gritar em inglês”.<sup>218</sup> Destaca-se aqui a figura do capitão do time, que era:

[...] justamente quem gritava mais em campo, [e **cujo repertório**] **precisava ser vasto**. Quando um jogador de seu time estava com a bola e um jogador do outro time corria para tomá-la, tinha de avisar: ‘*man on you*’. Quando o outro time atacava e ele precisava chamar os seus jogadores lá na frente, a senha era: ‘*come back forwards*’. E havia ‘*take you man*’ e havia mais. Onze posições de jogadores num time: *goalkeeper*, *fullback-right*, *fullback-left*, *halfback-right*, *center-half*, *halfback-left*, *winger-right*, *inside-right*, *center-forward*, *inside left*, *winger-left*.<sup>219</sup> (Grifos nossos)

Essas passagens de Mario Filho, somada ao depoimento de Mendonça, corrobora com a nossa argumentação do projeto de importação de um modelo inglês pelas. Aqueles que viam das camadas mais populares, sequer conseguiam assinar seus nomes, quem dirá falar outra língua.<sup>220</sup> Essa distinção se materializava-se, também, na figura do capitão do time, que corresponde à liderança dentro do campo de jogo, e a quem era exigido um nível avançado, já que as instruções durante a partida deveriam ser em inglês.

A escolha de Mendonça por termos estrangeiros, não parece, por tanto, ao acaso. Soa como uma tentativa de remontar a um passado de um projeto derrotado, o do amadorismo. Um período onde o jogo em si era excludente, se não pela sua prática — que era muito simples de

<sup>217</sup> Ibidem, p. 30.

<sup>218</sup> Grifo nosso. FILHO, 2010, p. 30.

<sup>219</sup> Em tradução livre, os termos em inglês são “homem te marcando”, “voltem, atacantes” e “pegue o seu homem”, respectivamente. Quanto às posições, com o avanço e desenvolvimento do jogo, algumas parecem ter se perdido no futebol contemporâneo, portanto, enquadrá-las em traduções para as posições atuais, seria assumir o risco de cair em anacronismo. Observado isto, as que permanecem, podem ser traduzidas livre e respectivamente em: goleiro (*goalkeeper*), meio campo (*center-half*), ponta direita (*winger-right*), centroavante (*center-forward*) e ponta esquerda (*winger-left*). FILHO, 2010, p. 30-31.

<sup>220</sup> Cf. FILHO, 2010.

reproduzir<sup>221</sup> —, pelo seu ambiente. Aqui incluímos o vocabulário como uma clara demonstração dada por essas elites que se pretendiam inglesas, mesmo a de clubes não exclusivos.

Outra questão que aparece de modo sutil ao longo do seu depoimento é a da cordialidade, já mencionada acima, tanto com os personagens ligados à sua história no futebol, como aqueles alheios a ela. Marcos Carneiro de Mendonça faz questão de elogiar boa parte das pessoas a quem menciona. Quanto aos seus colegas *sportsmen*, Mendonça fica reticente quando o entrevistador solicita que faça uma “seleção de amadores”, que, a princípio, diz não poder escalar.

As circunstâncias apresentadas por Pereira, Fernandez e José Sergio Leite Lopes, reforçam o ambiente elitista ao qual estavam inseridos os jogos de futebol. Desde a convocação emergencial de Marcos Mendonça, direto das arquibancadas para o campo de jogo, até o dia em que conheceu sua companheira, Ana Amélia. Segundo conta Marcos, os dois se conheceram em razão de suas primas que foram ao jogo e o alertaram de que conheceram na arquibancada uma moça que muito o admirava.<sup>222</sup>

No entanto, a popularização crescia e, curiosamente, Marcos Mendonça, como ídolo que já era, contribuía para esse movimento. Não foram só os grandes jogadores que popularizaram o esporte, mas, como aponta Glauco J. C. Souza, era muito difícil restringir a prática do futebol às camadas mais abastadas, pois era uma atividade facilmente improvisada, aumentando o seu alcance.<sup>223</sup> O mesmo aponta Pereira, que o reconhece como “um esporte bastante acessível à população, que costumava jogá-lo nos terrenos baldios com bolas de borracha ou até mesmo com laranjas ou embrulhos de papel”.<sup>224</sup>

O contraste desse período na vida de Marcos Mendonça fica claro, pois:

Ao jogar no Fluminense Marcos evitou misturar-se no campo com outros grupos que não davam ao futebol o mesmo sentido de jovens elegantes como ele, mas não escapou de assistir à rápida disseminação do esporte por entre torcedores das mais diversas camadas sociais, que tinham nele um de seus maiores ídolos. Seu estilo calmo e seguro lhe valia não só o reconhecimento generalizado da crítica esportiva, mas também a grande admiração da torcida.<sup>225</sup>

Em ocasião de um breve retorno após ter encerrado sua passagem pelos gramados, *O Globo* resalta essa qualidade de *sportsmen* que Marcos Mendonça carregava consigo:

<sup>221</sup> Cf. SOUZA, 2017.

<sup>222</sup> MENDONÇA, Marcos Carneiro de. Depoimento de História Oral – Parte 2 de 3. In: **Coleção Memória do Futebol**. São Paulo, Museu da Imagem e do Som de São Paulo, 1982. Disponível em < <https://acervo.mis-sp.org.br/audio/depoimento-de-marcos-carneiro-de-mendonca-1>>. Acesso em 25 de maio de 2022.

<sup>223</sup> SOUZA, Glauco J. C. “‘Cá em casa é só por amor’ O Profissionalismo Marrom nos Subúrbios Cariocas”. **XXIX Simpósio Nacional da Anpuh**, Brasília, 24-28 de julho de 2017, p. 03.

<sup>224</sup> PEREIRA, 1997, p. 30.

<sup>225</sup> *Ibidem*, p. 31.

Uma prestigiosa figura, que já teve momentos de raro brilho em nossos campos, chegou mesmo a proclamar que os jogadores de tempos passados eram, inegavelmente, sob o ponto de vista individual, de **bem mais accentuado valor que os actuaes**. Entre os jogadores, que assombraram os campos do Brasil e que tiveram renome nos campeonatos do nosso continente, deve ser citado **Marcos de Mendonça, typo perfeito de sportsmen e completo footballer**. Este um nome que apenas estaria venerado entre os heróis do passado, se não se anunciasse, agora, a sua volta á actividade, como *keeper* do mesmo club, onde conquistou os seus maiores triumphos. Annuncia-se que Marcos de Mendonça vae fazer amanhã a sua '*rentrée*', depois dos indispensaveis treinamentos para defender a sua bandeira na hora do embate decisivo. **É lindo e exemplar este seu gesto! É de um verdadeiro sportsmen de fibra e grande coração.**<sup>226</sup> (Grifos nossos)

A questão moral está aqui presente quando dizem que Marcos de Mendonça faz parte dos jogadores que possuíam “bem mais accentuado valor que os actuaes”. Ao dissociar, inclusive, o *sportsmen* do *footballer*, o jornal ressalta os seus feitos dentro e fora de campo. Exalta a sua excelência física e o seu refinamento. Vale lembrar que essa é a época na qual os discursos higienistas ganhavam força.

Ter se tornado um goleiro de sucesso e superado as dificuldades físicas e os preconceitos com a prática de esportes era o símbolo do sucesso do projeto de modernidade que quis se estabelecer desde o início do século XX. A tentativa de imposição de uma civilização europeia foi um dos motores para os primeiros estímulos à higienização dos corpos. Os defensores do higienismo baseavam-se no princípio do *mens sana in corpore sano*, aliando a ideia do corpo saudável a uma correspondência intelectual.

No depoimento ao MIS/SP, Marcos Carneiro de Mendonça exemplifica bem o sentimento que se tinha acerca da prática do futebol entre as classes dominantes. O goleiro parou de jogar o futebol amador com apenas 24 anos, em 1919, e deu a seguinte justificativa: “Quando alguns, hoje, dizem, estão começando, eu estava terminando. **Tinha que fazer virada na vida**”<sup>227</sup> (grifo nosso).

É interessante perceber como, antes das recusas que veremos, Marcos Mendonça se aposentou por motivos muitos similares aos que vão ser usados como justificativa para não se profissionalizar. Vale lembrar que, por mais atrativo que fosse, o futebol não passava de um *hobby* para boa parte de seus praticantes que vinham das elites, não sendo encarado como uma

<sup>226</sup> *O Globo*, sem data. Localização: Manuscritos - I-18,16,001 (Álbum de recortes de jornais, v.1); I-18,17,001 (Álbum de recortes de jornais, v.2); I-18,17,002 (súmulas); I-18,17,003 (avulsos); I-45,30 e 31 (recortes de periódicos, correspondências); ARQ 3,2,8 e 9 (fotografias)

MENDONÇA, Marcos Carneiro de. **Arquivo Marcos Carneiro de Mendonça**. [S.l.: s.n.], 1906-2006. 79 registros.

<sup>227</sup> MENDONÇA, Marcos Carneiro de. Depoimento de História Oral – Parte 2 de 3. In: **Coleção Memória do Futebol**. São Paulo, Museu da Imagem e do Som de São Paulo, 1982. Disponível em < <https://acervo.mis-sp.org.br/audio/depoimento-de-marcos-carneiro-de-mendonca-2>>.

profissão. Essa justificativa de Mendonça aponta para esses imaginários 16 anos antes da profissionalização, quando as discussões acerca do tema ainda eram bem incipientes.

Quando Marcos Mendonça diz “ter que fazer virada na vida” ele se refere a conseguir um emprego e continuar a sua vida fora das quatro linhas. À prática do futebol, foram relegados somente os prazeres do lazer, com o qual Marcos, um verdadeiro representante da aristocracia brasileira, não poderia mais perder tempo jogando.

Podemos até interpretar uma certa crítica ao “futebol de hoje”.<sup>228</sup> Há quase uma denotação de imaturidade do futebol profissional, que bota para jogar homens que já deveriam estar terminando. É uma visão que, como veremos no próximo capítulo, partiria de um preconceito, que posteriormente, se desenvolveu contra o futebol como profissão, encarado como emprego de “vadios”, “malandros” e pessoas “inferiores”. Seria uma profissão para quem “não dispõe de recursos intelectuais”.<sup>229</sup>

O depoimento de Marcos Mendonça, portanto, torna nítido o berço elitista e aristocrático dos discursos de recusa à profissionalização. Tanto é que este passa posteriormente a se dedicar à vida intelectual, se tornando um historiador do período pombalino no Brasil. Além disso, Marcos revela um profundo desinteresse com o futebol profissional, dizendo que “deixou de acompanhar o esporte”.<sup>230</sup>

---

<sup>228</sup> Há que se fazer a ressalva que o relato é de 1982, ou seja, 40 anos atrás. O futebol daquela época já não é mais o mesmo de hoje, mas por outros motivos que não os entre ela e o futebol na época de Marcos Mendonça.

<sup>229</sup> Todas essas impressões acerca do futebol enquanto profissão são detalhadamente analisadas ao longo do capítulo 03 da presente pesquisa.

<sup>230</sup> Op. cit.

### CAPÍTULO 03

## DA AVERSÃO À “BOA VIZINHANÇA”: OS TIPOS DE DISCURSOS DE RECUSA À PROFISSIONALIZAÇÃO DO FUTEBOL MASCULINO NA IMPRENSA CARIOCA

Nos capítulos anteriores começamos a mostrar como futebol é inserido no Rio de Janeiro dentro de um contexto maior de modernização da sociedade republicana à moda europeia, cujas origens tentamos remontar à “desportivização” que gera o futebol, ainda na Inglaterra. Para uma Grande Reforma Urbana calcada principalmente na ideia de uma civilização à europeia — mais do que na de progresso —, reconhecer o esporte como um impulso a esse processo civilizador, como diria Elias, mostra que a sua inserção, mais do que uma consequência, foi um mecanismo encontrado para a concretização dessa importação cultural.<sup>231</sup> Tiramos, assim, a chegada do futebol do eixo dos reflexos, passando a entendê-lo como parte integrante desse processo.

Além disso, vimos como, uma vez inserido na sociedade, uma elite aristocrática se apropria dele e tenta, através de seus jornais e personagens, imprimir os seus valores ao jogo. Esses predicados são incutidos ao jogo sob a forma de “normas sociais” com as quais esperava-se que os *sportsmen* estivessem de acordo. Tentamos entender um pouco mais o papel desses agentes, tanto nas páginas de seus periódicos, como na experiência de Marcos Carneiro de Mendonça, reconhecendo-os como responsáveis por terem dado uma imagem aristocrática ao jogo à época.

Este último capítulo está dividido em duas partes. Primeiro, analisaremos o início das tensões — nos clubes e federações — através do dissídio esportivo, quando o futebol passa por um período de popularização, trazendo à tona a questão da profissionalização. Essa situação coloca em xeque sua qualidade, no Rio de Janeiro, de elemento distintivo das elites, uma vez que passaria a ser compartilhado também com as classes mais populares.

A partir daí, levando em conta todo o processo apresentado no primeiro capítulo, que culmina no Rio de Janeiro de início do século XX — em especial a de construção do espaço e sua dupla inscrição produto-produtor —, os clubes como espaços de sociabilidade das elites e,

---

<sup>231</sup> ELIAS, Norbert. Ensaio sobre o desporto e a violência. *In*: DUNNING, Eric; ELIAS, Norbert. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992b. p. 223-256.

não menos importante, o papel dos *sportsmen* como “vetores sociais responsáveis pela reprodução das culturas políticas”, proponho uma análise de alguns discursos utilizados para que se recusasse a condição de profissional na prática do futebol.<sup>232</sup>

### 03.1. O dissídio esportivo — A disputa por trás das recusas à profissionalização

Ao chegar à década de 1930, o amadorismo era visto por alguns como algo obsoleto. Segundo Drumond, “o futebol se modernizava e os clubes tentavam acompanhá-lo, buscando maneiras de burlar as barreiras limitadoras do amadorismo vigente”.<sup>233</sup> Um exemplo de que o amadorismo — que, como veremos, resguardava o aspecto elitista do esporte — já não era o mesmo de antes, era a prática do “amadorismo marrom”, que consistia no pagamento de “bichos”, prêmios em dinheiro por jogo disputado pagos aos jogadores, uma vez que, enquanto amadores, não poderiam receber salários.<sup>234</sup> Com o passar dos anos, cada vez era menos rara a prática de se pagar para que jogassem o futebol, mesmo que, oficialmente, não fosse mais permitido.

O “amadorismo marrom”, no entanto, foi enfraquecido por um êxodo de seus principais representantes para o exterior, além de já ter se tornado uma prática “pública e notória”. Drumond também não nega uma possível influência de Getúlio Vargas, uma vez que, dentro do processo de construção de uma identidade brasileira, já se divulgava uma imagem do homem trabalhador como o ideal do homem brasileiro.

A prática do “amadorismo marrom” é uma consequência direta do processo de popularização do futebol. Um marco fundamental foi o campeonato Sul-americano de 1919, sediado em um Brasil que cujo público do futebol, havia algum tempo, já começara a chamar atenção para além das elites. Para que tenhamos noção do quanto o futebol já mexia com a emoção do brasileiro naqueles anos, Pereira nos mostra o aspecto do dia da final entre Brasil e Uruguai:

Com o estádio tomado, fosse nas suas arquibancadas e gerais ou em seu entorno, eles entraram em campo com a camisa branca do selecionado brasileiro. Pelo aspecto das arquibancadas, o jogo parecia uma grande festa. Na avenida Rio Branco, o tamanho da multidão que fechava a rua fez com que muitos fossem obrigados a acompanhar de binóculos os resultados afixados no placar.<sup>235</sup>

<sup>232</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. “Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia”. In: MOTTA, R. P. S. (org.). **Culturas Políticas na História**: Novos Estudos. Belo Horizonte: Argumentum. 2009. p. 23.

<sup>233</sup> DRUMOND, Maurício da Silva. Os Gramados do Catete: Futebol e Política na Era Vargas (1930-1945). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos. **Memória social dos esportes**: futebol e política: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad Editora: FAPERJ, 2006. p. 115.

<sup>234</sup> O pagamento desses bichos veio de encontro com o aspecto elitista que o amadorismo preservava até então, justamente por não ser uma profissão. Essa prática acabou permitindo a entrada de jogadores oriundos das camadas mais baixas da sociedade em um espaço extremamente elitizado. (FERNANDEZ, 2010:128-130)

<sup>235</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Pelos campos da nação: um goal-keeper nos primeiros anos do futebol brasileiro. Revista Estudos Históricos, v.10, n.19, p. 23-40, 1997. p.32.

Depois da vitória no campeonato, o futebol começou a espalhar-se por toda parte e começaram a aparecer times de todas as classes sociais, entre eles das categorias profissionais menos valorizadas na sociedade daquela época.<sup>236</sup>

Os clubes começam a presenciar um aumento significativo no número de pessoas nos estádios, o que modificou o perfil do público nos jogos. A popularização atingiu tais níveis, que nenhum dos clubes mais tradicionais e elitizados ficou imune: “Mesmo a considerada elegante torcida do Fluminense perdia a compostura quando seu time não ia bem”.<sup>237</sup> Essa exaltação a qual Fernandez fala é característica de um futebol que começava a se espetacularizar, e aqui utilizo o conceito da matriz espetacularizada de futebol trazido por Arlei Sander Damo.<sup>238</sup>

Segundo Damo, é na matriz espetacularizada que o futebol “conduz a tensão e o conflito aos níveis mais elevados”.<sup>239</sup> Essa tensão é própria de uma característica inerente ao futebol espetáculo, que é a excelência performática. Essa faz com que se tenda “à separação entre vencedores e perdedores”, sendo “fundamental para a produção e circulação das emoções dos torcedores, antes, durante e depois do espaço-tempo do jogo propriamente dito”.<sup>240</sup>

Outro ponto interessante à análise é reconhecer que esse processo de profissionalização foi, também, de espetacularização, um processo próprio de um esporte que caminhava em direção àquela classe média definida por Victor Andrade de Melo, com a qual se preocupavam as classes aristocráticas, que também eram as que dirigiam o futebol.<sup>241</sup> Isso porque a:

[...] falta de domínio de todos os códigos da elite foi fundamental para o gestar de formas híbridas de entretenimento: logo esse público, com características específicas, mesmo que bem pouco precisas, passou a ser perseguido pela nascente “indústria do lazer”, pela sociedade do espetáculo [...]<sup>242</sup>

Segundo João Manuel Malaia, a questão é que “À medida que os estádios começaram a ficar mais cheios e a gerar mais dinheiro, a necessidade por vitórias aumentou e os fins começaram a justificar os meios”.<sup>243</sup> No entanto, essa visão apresentada por Malaia como sendo a gênese do “amadorismo marrom”, caminha apenas no ponto de vista dos partidários do regime

<sup>236</sup> Ibidem, p. 34.

<sup>237</sup> FERNANDEZ, 2010, p. 133.

<sup>238</sup> DAMO, Arlei Sander. Senso de jogo. *Esporte e Sociedade*, Rio de Janeiro, n. 1, Nov 2005/Fev 2006.

<sup>239</sup> Ibidem, p. 14. Ainda que o trabalho de Damo trate do futebol mais contemporânea, não julgo a aplicação do seu conceito anacrônico. Isso porque, como veremos, o próprio discurso anti-profissionalista aponta para uma espetacularização do futebol, sendo isso justamente o que incomoda a elite que antes dirigia o esporte.

<sup>240</sup> Ibidem, p. 13.

<sup>241</sup> Acho válido relembrar, aqui, que isso não as enquadra necessariamente como dirigentes, mas como público alvo.

<sup>242</sup> MELO, 2006, p. 3.

<sup>243</sup> MALAIA, 2012, p. 132.

profissional, o que dá uma “naturalidade” maior do que realmente houve. Na luta contra esse pagamento irregular, muitos defensores do regime profissional o tratavam como moralizador dessa situação.

Albino e Preguinho, dois jogadores do Fluminense F.C., são exemplos desse discurso.<sup>244</sup> Ao *Jornal dos Sports*, em 1933, Albino diz ser “partidario do profissionalismo pois vejo nelle o meio de se moralizar e fazer progredir technicamente o nosso ‘soccer’”.<sup>245</sup> Já Preguinho em entrevista ao *O Globo*, diz que “Defendi-o [profissionalismo] como medida salvadora do nosso foot-ball. Estavamos caminhando para a sua desmoralização completa. O publico confundia amadores e profissionais mascarados”.<sup>246</sup>

As entidades e veículos amadores apelavam para os valores aristocráticos do *status* e da distinção. Em uma crítica à adesão do Flamengo ao profissionalismo, no *Jornal do Brasil*, José Agostinho Pereira da Cunha — tratado pelo jornal como sócio número 1 do clube —, diz que o clube preferiu “vêr o teu velho pavilhão — que até então era um nobre pendão de um núcleo norteado pelo são ideal do amadorismo — transformado hoje em um emblema mercantil”.<sup>247</sup>

A crítica à mercantilização do futebol — como contrapartida ao ideal do amadorismo — deixa claro essa nova direção que já expusemos. Antes apreciado como verdadeira expressão das elites, tendo seu espaço próprio de convivência nas arquibancadas, o futebol caminhava para a sua massificação definitiva até um produto a ser consumido pela classe média.

Outro ponto que evoca essa consequência do processo de transição é o êxodo de jogadores para outros campeonatos onde o profissionalismo já tinha sido implementado. Esse era mais um argumento utilizado pelos defensores do regime profissional, mas que não se comprova quando da profissionalização. Se pegarmos o exemplo do Fluminense, dos 32 amadores que defendiam as cores do clube, apenas um assinou contrato de profissional.<sup>248</sup> Inclusive ídolos do clube, como o goleiro Velloso e Preguinho, hesitam quanto a profissionalizar-se.

Mais uma vez, a profissionalização reforça a quem se destinava agora o futebol: às classes médias. Mesmo na divisão desse “quem fica e quem sai” com a profissionalização, muitos dos que recusam pertencem às classes aristocráticas e, portanto, não necessitam do futebol para sobreviver. Ainda que não neguem a importância da profissionalização, esses *sportsmen* fazem questão de reforçar aquilo que os definem como tal, ou seja, o amadorismo.

---

<sup>244</sup> E com um detalhe: nenhum dos dois, em um primeiro momento, aceitou profissionalizar-se.

<sup>245</sup> *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 12 de março de 1933, p. 6.

<sup>246</sup> *O Globo*. Rio de Janeiro, 18 de fevereiro de 1933.

<sup>247</sup> *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 21 de maio de 1933, p. 23.

<sup>248</sup> *O Globo*. Rio de Janeiro, 18 de junho de 1933.

Como veremos logo mais, alguns daqueles que cogitam jogar pelos times profissionais de seus clubes só o fariam com uma condição: a manutenção da sua condição de amador. E, caso isso não fosse possível, recusariam qualquer tipo de compensação financeira, por não precisarem, afinal, não podiam se confundir com “elementos que tem por único ofício jogar futebol”.<sup>249</sup>

Eduardo Gomes entende, portanto, que a “hipótese mais preponderante e significativa na geração do processo de profissionalização do futebol”, mais que a do êxodo de jogadores, foi a do *dissídio esportivo*, “onde as disputas entre dirigentes que buscavam comandar as principais entidades do futebol carioca e nacional, resultaram em uma divisão que ficou marcada pelos ‘defensores do profissionalismo x defensores do amadorismo’”.<sup>250</sup>

Para que possamos entender melhor esse contexto, é necessário antes estabelecer que, nacional e internacionalmente, o debate acerca da implementação ou não do regime profissional, bem como suas nuances — a qual podemos incluir os pagamentos feitos aos atletas amadores —, perpassa, pelo menos, metade da década de 1920. Dá para se estabelecer um marco no futebol carioca com a chegada do Club de Regatas Vasco da Gama à elite do futebol do Rio de Janeiro, em 1922. A razão é muito simples, o clube da colônia portuguesa utilizava-se do amadorismo marrom.<sup>251</sup> Antonio Carlos Napoleão traz duas questões interessantes à análise:

Não bastasse isso, seus craques eram praticamente todos moradores da Zona Norte e subúrbios do Rio de Janeiro e, **o que era muito pior aos olhos da elite que reinava absoluta no futebol carioca**, a maioria dos jogadores da equipe cruz-maltina era de negros e mulatos.

Cientes da pressão e como o profissionalismo estava bem longe de ser admitido, os dirigentes cruz-maltinos arrumaram uma maneira de burlar as leis criadas pela Liga. **Registraram todos os seus jogadores como funcionários de estabelecimentos comerciais dos portugueses.**<sup>252</sup>

Primeiro, há uma sensação de invasão do espaço de distinção, muito caro à elite que o usufrui, por moradores da Zona Norte e do subúrbio, com vivências muito diferentes daquelas criadas nas áreas elitizadas da cidade que Julia O’Donnell tão bem definiu. Além disso, essa situação só foi possível graças à criação de um mecanismo para burlar o amadorismo, que “empregava” esses jogadores nos comércios portugueses.

<sup>249</sup> É assim que o jornal *Beira Mar* define os jogadores profissionais. *Beira Mar: Copacabana, Ipanema Leme* (RJ). Rio de Janeiro, 18 de março de 1933, p. 8.

<sup>250</sup> GOMES, Eduardo de Souza. A chegada do profissionalismo: imprensa e dirigentes de futebol no Rio de Janeiro (1933) e na Colômbia (1948). *Esporte e Sociedade*, Rio de Janeiro, ano 12, n. 29, março 2017. p. 5-6.

<sup>251</sup> NAPOLEÃO, Antonio Carlos. História das Ligas e Federações no Rio de Janeiro (1905-1941). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos. *Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad Editora: FAPERJ, 2006. p. 95.

<sup>252</sup> NAPOLEÃO, 2006, p. 95.

A vitória do Campeonato de 1923 pelo Vasco, com esse time do “amadorismo marrom” provocou a primeira cisão no futebol carioca. A Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (LMDT), que organizava os campeonatos do antigo Distrito Federal, contava, para além dos clubes da elite, com muitos clubes menores, que faziam uso desse mecanismo de remuneração, algo que não incomodava tanto até a vitória do Vasco.

É nessa conjuntura institucional que no ano seguinte, após perderem votação para adotar na LMDT uma fórmula mais restritiva, uma “coligação formada pelos cinco grandes (América, Bangu, Botafogo, Flamengo, Fluminense), anunciou o rompimento com a LMDT e a criação de uma nova entidade, a Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (AMEA)”.<sup>253</sup> A nova instituição logo encontrou o respaldo nacional da CBD como verdadeira representante do futebol do Rio de Janeiro, “Graças à influência dos dirigentes dessas equipes cariocas na estrutura decisória da CBD, a entidade nacional decidiu-se pelo desligamento da LMDT e pela filiação da AMEA”.<sup>254</sup>

No Capítulo IX de seu Estatuto, a entidade estabelecia:

*Da inscrição dos amadores, suas formalidades e requisitos.*

Art. 64

Poderão ser inscritos os sócios dos clubes filiados, que, sem o intuito de lucro, pratiquem os esportes superintendidos pela AMEA.

Art.65

Não poderão, porém, ser inscritos:

- 1 - os que a troco de dinheiro, tenham tomado parte em festas, partidas, campeonatos ou concursos esportivos de qualquer natureza, dentro ou fora do país;
- 2 - os que tirem os seus meios de subsistência de qualquer profissão braçal, considerando como tal a que se predomine esforço físico;**
- 3 - os que direta ou indiretamente tirem proveito da prática do esporte;
- 4 - os que já tenham tomado parte em qualquer prova das quais participem profissionais;
- 5 - os que se entregarem a exploração de jogos de azar, ou viverem da sua prática;
- 6 - os que não forem reconhecidos como amadores pela entidade máxima a quem competir a direção do esporte no Brasil;
- 7 - os que não saibam escrever e ler corretamente;**
- 8 - os pronunciados, enquanto durarem efeitos da pronúncia, os condenados por crimes capitulados no Código Penal, e os culpados mediante provas irrecusáveis de atos imorais ou desonrosos;
- 9 - os que habitualmente não tenham profissão ou empregos certos;**
- 10 - os que exerçam profissão ou emprego subalternos; tais como: contínuo, servente, engraxate e motorista;**
- 11 - os que exerçam profissão ou emprego que exija, permita ou facilite o recebimento de gorjetas;**
- 12 - os praças de pret (soldados, cabos e sargentos), excetuando-se, porém, os aspirantes a oficial e os alunos de Escolas Militares, os sargentos e desligados do tempo de serviço obrigatório.<sup>255</sup> (Grifos nossos)

<sup>253</sup> NAPOLEÃO, 2006, p. 97.

<sup>254</sup> SARMENTO, 2006, p. 31.

<sup>255</sup> Estatuto da Associação Metropolitana de Esportes Athleticos, 1924 *apud* NAPOLEÃO, 2006, p. 97.

Esse trecho do documento, escrito em 1924, é muito interessante à nossa análise visto que deixa perceptível a preocupação com a manutenção do caráter distintivo do futebol, que a popularização observada, pelo menos, desde o Sul-Americano de 1919 punha em cheque. Ao juntar no mesmo artigo “profissões braçais” e “empregos subalternos”, como que equiparando-os, os dirigentes da coligação formalizam em um documento oficial muitos dos preconceitos que existiam no imaginário das classes mais abastadas do Rio de Janeiro.<sup>256</sup> Como veremos mais adiante, quando do advento da profissionalização, o futebol será tratado como um emprego subalterno nos discursos mais inflamados de recusa à profissionalização.

No plano internacional, Marcel Diego Tonini e Sérgio Settani Giglio trazem o exemplo de um Congresso do Comitê Olímpico Internacional (COI), realizado em Praga, no ano de 1925, onde:

[...] houve um grande debate em torno das **definições de amador e profissional** dentro do movimento olímpico e que, por consequência, reverberava nas federações que integravam o COI. A FIFA e o COI, apesar de divergirem quanto à definição que deveria ser adotada, ao final daquele congresso chegaram a um consenso a respeito da compensação por perda de salário. Ou seja, **o atleta não poderia receber da federação a compensação financeira pelo tempo em que ficasse afastado de seu trabalho de origem.**<sup>257</sup> (Grifos nossos)

Os trechos grifados nos trazem duas observações importantes. Há que se destacar de início que as próprias fronteiras entre o amadorismo e o profissionalismo estavam difusas, a ponto de ser necessário estabelecer a definição do que é ser amador. Consequentemente, chegasse à conclusão de que não poderia haver qualquer compensação pelo tempo de trabalho perdido em decorrência dos compromissos esportivos. É interessante notar que a própria definição já descarta a possibilidade do futebol ou qualquer outro esporte ser reconhecido como um trabalho de fato, uma vez que sequer falava-se em salários, mas sim uma compensação por conta do período afastado da verdadeira atividade profissional.

O futebol tanto não era considerado uma atividade digna, que os relatos de Mario Filho trazem a imagem de jogadores usando desse esporte “para dar um bom emprego”.<sup>258</sup> Eram os

<sup>256</sup> Em que pese a adesão do Bangu à AMEA, um clube de fábrica, cuja inclusão foi como uma máscara para cobrir os atos elitistas e racistas dos demais clubes. Cf. NAPOLEÃO, 2006; ANTUNES, 2021; FILHO, 2010.

<sup>257</sup> Cabe destacar que a FIFA ainda não era uma entidade autônoma, sendo subordinada ao COI, como as demais federações especializadas. TONINI, Marcel Diego; GIGLIO, Sérgio Settani. A transferência de jogadores no sistema FIFA e a migração de brasileiros para a Europa (1920-1970). **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 32, p. 609-632, 2019. p. 614.

<sup>258</sup> FILHO, 2010, p, 186.

casos, por exemplo, de Domingos da Guia e Mineiro, que segundo o cronista, “entre o trabalho e o futebol, preferiam o trabalho”.<sup>259</sup>

Essas situações trazidas por Mario Filho, trazem à luz a necessidade do emprego para muitos desses jogadores que vinham das classes mais baixas, ainda que muitos, na prática, fossem pagos para jogar futebol. O que, na realidade, em certos casos, os deixavam nas mãos dos clubes, já que não possuíam, de fato, a escolha por jogar ou não. Já nos períodos do “amadorismo marrom”, muitos dependiam desse dinheiro do chamado “bicho” para se sustentarem.<sup>260</sup>

Principalmente após a adesão do Vasco da Gama, em 1925, a AMEA havia se tornado hegemônica no futebol do Rio de Janeiro. Esta, era a entidade filiada à Confederação Brasileira de Desportos (CBD), sendo ambas fortes defensoras do amadorismo. No entanto, como mostram os relatos de Albino e Preguinho vistos anteriormente, os mecanismos para burlar o regime se alastraram e sequer ocorriam de maneira velada, como antes. A tal ponto que, em 1928, a AMEA buscou alternativas para coibir a intensa troca de jogadores que se instaurava, ano após ano. A solução encontrada foi estabelecer um prazo de pelo menos quatro anos para que um jogador fosse inscrito por um clube diferente.<sup>261</sup>

Há que se fazer duas constatações importantes para o seguimento das nossas análises. É importante, primeiro, ressaltar que o futebol não é um mundo à parte da sociedade, mais do que isso, é, muitas vezes reflexo das disputas nela existentes, ainda mais se levarmos em conta o fato de ser o Rio de Janeiro a capital federal à época. Esses exemplos citados acima, são, portanto, reflexos do contexto da década de 1920 no país. Como nos mostra Claudia Maria Ribeiro Viscardi, a novidade que se apresenta no contexto de sucessão do presidente Epiácio Pessoa, em 1922, era:

[...]a discussão de **diferentes projetos alternativos a serem desenvolvidos pelos candidatos ao futuro governo**. Pela primeira vez, as alianças foram compostas com base em programas de governo diferentes entre si, o que era indício de um **maior amadurecimento político por parte das elites dominantes brasileiras**. Tal diferenciação derivava da emergência de novos atores políticos, representados pelos setores médios do Exército e pelos setores urbanos.<sup>262</sup> (Grifos nossos)

Em outro trecho, Viscardi diz acreditar que “a Reação Republicana tenha, de fato, introduzido algumas alterações na prática política republicana, contribuindo para o seu progressivo esgotamento”.<sup>263</sup>

<sup>259</sup> FILHO, 2010, p. 189.

<sup>260</sup> Cf. FILHO, 2010.

<sup>261</sup> NAPOLEÃO, 2006, p. 100.

<sup>262</sup> VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. O federalismo oligárquico brasileiro: uma revisão da “política do café-com-leite”. *Anuário IEHS, Buenos Aires*, v. 16, p. 73-90, 2001. p. 88.

<sup>263</sup> VISCARDI, 2001, p. 88.

Como parte da chamada Reação Republicana, o Rio de Janeiro fez parte dessa disputa no campo político.<sup>264</sup> Mais do que isso, o amadurecimento das elites fez com que houvesse um processo de degeneração da prática republicana, que culminaria no golpe de 1930.

Dito isso, é necessário que percebamos o embate entre amadoristas e profissionalistas como elitista e que, mais do que o modelo a ser adotado, decide, principalmente, o controle do campo esportivo. O trabalho de Viscardi é importante nesse sentido, pois estabelece justamente um desgaste das antigas elites dirigentes, em favor de um novo projeto, que, no entanto, permanece com muitas características aristocráticas anteriores.

Analisando o caso específico de João Havelange, que veremos logo mais, Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto Rocha contribui bastante com a nossa análise.<sup>265</sup> Segundo o autor, o dissídio esportivo e a posterior profissionalização teve um impacto determinante para as classes mais abastadas. Rocha diz que:

Desafiados por setores *outsiders*, a profissionalização do esporte-espetáculo e ampliação da mão de obra esportiva fizeram com que esses grupos de elite **perdessem progressivamente o monopólio da prática do futebol-espetáculo**, algo que produziu um **efeito contínuo de desencajamento**.<sup>266</sup> (Grifos nossos)

Ora, os discursos de recusa à profissionalização, que aqui analisaremos, nada mais são do que produtos desse contínuo desencajamento. Esse efeito, no entanto, gerou outro, uma vez que “Diante desse quadro, seria preciso, então, reforçar e consolidar o **monopólio de sua organização**. Nesta seara, o principal mecanismo de **exclusão dos segmentos populares** foi a permanência do **estatuto amador dos dirigentes esportivos**” (grifos nossos).<sup>267</sup> Mais adiante, Rocha ainda destaca que essa “era uma estratégia para consolidar e manter posições de mando e de controle nas mãos de um determinado grupo social”.<sup>268</sup>

Não é exagero dizer que os trabalhos de Viscardi e Rocha, portanto, conversam, na medida em que tratam de continuidades similares, de caráter elitista, mesmo que em escalas diferentes. Se a primeira estabelece que “o estado varguista seria marcado mais pela continuidade do que pela ruptura em relação ao seu passado oligárquico”, Rocha nos confirma que o próprio

<sup>264</sup> Segundo o Atlas Histórico do Brasil, produzido pelo CPDOC/FGV, “em torno da Reação Republicana uniram-se Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco e Distrito Federal, tentando construir um eixo alternativo de poder”. (FERREIRA, Marieta de Moraes. Reação Republicana. In: **Atlas Histórico do Brasil**, Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2016. Disponível em: <https://atlas.fgv.br/verbetes/reacao-republicana>. Acesso em: 06 out. 2022).

<sup>265</sup> ROCHA, Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto. João Havelange, uma vida extraordinária? Ideologia e ação política na formação de um patrimônio social-esportivo, 1916-1958. **FuLiA/UFMG**, v. 5, n. 3, p. 75-97, 2020.

<sup>266</sup> ROCHA, 2020, p. 84.

<sup>267</sup> Ibidem, p. 85.

<sup>268</sup> Ibidem, p. 86.

projeto de profissionalização do futebol, ainda que admita pôr fim a inclusão das classes populares à prática do esporte — muito mais em virtude das derrotas, literalmente, em campo, do que por uma concessão dos grupos dominantes —, o controle do futebol permanece nas mãos da elite e, conseqüentemente, amador.

O que comprova a proximidade entre a política e o esporte — aqui ainda de maneira mais geral — nacional é a própria CBD, que, como vimos, foi fundada com a presença do ministro das Relações Exteriores, Lauro Müller. Aliás, Carlos Eduardo Sarmiento estabelece uma estreita relação entre a CBD e o governo federal, que por vezes assemelha-se à situação de dependência da entidade desportiva, que, durante boa parte da década de 1920, necessitava de verbas advindas do Estado.<sup>269</sup>

Era natural que a própria entidade passasse, então, por seus momentos conturbados, especialmente na década de 1920. O clima agitado na entidade é demonstrado por Sarmiento, onde, do mesmo modo como ocorria na política nacional, há a imagem de uma época marcada por uma disputa pela hegemonia, neste caso, do futebol entre a LMDT e a APEA, entidades desportivas de Rio de Janeiro e São Paulo, respectivamente.<sup>270</sup>

Segundo Gomes, a ascensão de Getúlio Vargas com o golpe de 1930, no entanto, trouxe novos nomes à disputa de poder no futebol. Disputa essa que era, até então, irrelevante, pois o grupo que dirigia a CBD era liderado por Arnaldo Guinle, dirigente benemérito do Fluminense, e mantinha-se no poder. Contudo, com os episódios do golpe de 1930, outro grupo, que tinha à frente Rivadávia Meyer e Luiz Aranha — irmão de Oswaldo Aranha, ministro de Vargas — entram na disputa.

Arnaldo Guinle era descendente de uma das famílias mais ricas do Brasil. Seu pai, Eduardo Guinle, ajudou a estruturar a sede das Laranjeiras, estádio do Fluminense F.C., já em seu início.<sup>271</sup> É interessante ressaltar que, quando presidente do clube, Guinle foi um dos principais incentivadores de políticas de distinção social dentro dele, sendo pró-amadorismo até quando conseguiu.<sup>272</sup> A contribuição de Fernandez é essencial, pois desnaturaliza o processo até entre os dirigentes.

---

<sup>269</sup> SARMENTO, 2006.

<sup>270</sup> O autor, na verdade fala em LMEA, que seria a Liga Metropolitana de Esportes Atléticos, ou, como geralmente aparece, LMSA, que é a sigla, digamos, não traduzida (Liga Metropolitana de Sports Athleticos). No entanto, a liga sofre uma alteração de nome em 1917, tornando-se a LMDT (NAPOLEÃO, 2006, p. 91). SARMENTO, 2006, p. 22-24.

<sup>271</sup> FERNANDEZ, 2010, p. 21-22.

<sup>272</sup> FERNANDEZ, 2010.

A profissionalização tornou-se, então, uma alternativa para o grupo ligado a Guinle, uma vez que ele tinha sido relegado ao “segundo plano” dentro da CBD.<sup>273</sup> Uma reunião com os representantes da AMEA, ocorrida em 1933, na Sede das Laranjeiras, acabou por decidir pela permanência do amadorismo, provocando mais um rompimento do Fluminense, dessa vez com a instituição que fundara quase dez anos antes e pelo motivo oposto. O clube foi seguido por Vasco, Bangu e América, que juntos fundaram a Liga Carioca de Futebol (LCF), tendo, logo depois, a adesão do Flamengo. A CBD, contudo, recusou a filiação da entidade, justamente por conta da adoção do profissionalismo como regime vigente.<sup>274</sup> Desse modo, a única entidade oficial do futebol carioca mantinha-se a AMEA.

É após a recusa de filiação por parte da CBD que surge um dos marcos da história do futebol carioca. Com a negativa da entidade nacional, os clubes da LCF não poderiam participar do campeonato da AMEA. A solução, portanto, foi a criação, em 1933, de um campeonato profissional de futebol. Vale ressaltar que:

A LCF se alia com a Associação Paulista de Esportes Athleticos (APEA) com quem formaria, ainda em 1933, a Federação Brasileira de Futebol (FBF), que adota o regime profissional. Além disso, a FBF possuía “em seus quadros os principais clubes do Brasil”.<sup>275</sup>

O ano de 1933 é essencial, portanto, à pesquisa. É ao longo dele que veremos um grande número de discursos de recusa ao profissionalismo, já que era o assunto da hora. Como veremos, ocorreram das mais enfurecidas reações à sua implementação até discursos simpáticos ao movimento, ainda que recusassem se profissionalizar.

## 03.2. “Quero conservar minha liberdade” — Estudos de discursos de recusa à profissionalização do futebol masculino no Rio de Janeiro

### 03.2.1. Definindo os dois tipos de discursos

Há que se fazer alguns apontamentos, antes de começarmos nossas análises. A historiadora Giselda Brito traz um debate acerca dessa área interdisciplinar entre a História e a Linguística que é a Análise de Discurso. Primeiro, a língua é um fator de identidade e o seu domínio um mecanismo de distinção.<sup>276</sup> Destaco que é “Pela linguagem constituímos nossos discursos,

<sup>273</sup> GOMES, E., 2017.

<sup>274</sup> A CBD não aceitava filiações de entidades profissionais, somente amadoras.

<sup>275</sup> Segundo Drumond: América, Flamengo, Fluminense, Vasco da Gama, Corinthians, Palestra Itália, Santos e São Paulo. (DRUMOND, 2009, p. 116)

<sup>276</sup> BRITO, Giselda. “História e Linguística: algumas reflexões em torno das propostas que aproximam a história da análise do discurso”. *Saeculum* - Revista de História, n11, João Pessoa, ago./dez. 2004.

nossas identidades, formulamos nossas crenças, construímos nossos mundos e, sobretudo, interagimos com nossos semelhantes, construímos nossos argumentos, nossas teorias e visão de mundo”.<sup>277</sup>

A linguagem, portanto, atribui e, mais do que isso, carrega sentidos, que vão muito além do objetivamente expresso. Logo, “o discurso deve ser analisado nas suas condições históricas de produção de sentido, bem como na análise da relação unidade-dispersão inerente aos discursos”.<sup>278</sup>

Usando-se de Eni P. Orlandi:

[...] afirma importância de se conceber não apenas as condições de produção de sentido dos discursos pela contextualização dos mesmos, mas com uma abordagem analítica da dispersão dos sentidos e dos sujeitos como condição de existência dos discursos, mesmo que, para funcionar, ele tome a forma de unidade. [...] é nessa relação entre as diferentes formações discursivas e seus jogos discursivos nas tramas da história, que se pode localizar a produção de sentido dos discursos como atividades históricas. [...] o sentido não está no dito, nem no sujeito, mas na relação entre eles em determinados contextos.<sup>279</sup>

O que a autora traz, portanto, é que os discursos não são proferidos de maneira vazia, ou seja, desprovidos de sentido. Para entendê-los, contudo, é necessário contextualizá-los e posicioná-los historicamente. Os que veremos a seguir, são discursos posicionados dentro de um contexto de iminente profissionalização do futebol, onde a defesa do amadorismo é uma tentativa de manter os resquícios do esporte como prática distinta.

Há, nesse sentido, dois tipos de discurso de recusa à profissionalização. O primeiro deles é de aversão, mais proferido por matérias de jornais cujas linhas editoriais alinham-se a um discurso aristocrático e tentam resistir à vertiginosa virada da modernidade. São linhas escritas geralmente com chacota e deboche, que usam da ironia como uma arma para diminuição da proposta profissionalizante, tentando legitimar o seu ponto de vista.

O segundo tipo é o que gosto de chamar de recusa da “boa vizinhança”, mais comum entre os jogadores, que se veem diante desse impasse. Educados demais para recusarem com veemência — talvez para não ter portas fechadas caso não reste alternativa — e elitistas demais para aceitarem se sujeitar ao convívio com outros que não guardassem as mesmas características aristocráticas.

Veremos, então, esses dois tipos.

<sup>277</sup> Marcuschi, 2004 apud BRITO, 2004, p. 31.

<sup>278</sup> BRITO, 2004, p. 31.

<sup>279</sup> Orlandi, 2002 apud BRITO, 2004, p. 31.

### 03.2.2. “Vadios” e “infeciosos”: os discursos de aversão à profissionalização (e aos profissionais)

Para pensarmos o primeiro tipo, a aversão, leiamos a seguinte nota publicada na seção de “*sports*” do jornal *Beira Mar*, um dos mais ferrenhos críticos ao profissionalismo no futebol, no dia 18 de março de 1933:

#### OS PROFISSIONALISTAS E O GRANDE ARQUEIRO VICTOR

Victor, o maravilhoso guardião botafoguense continua a ser alvo das **velleidades profissionalistas**.

Ainda outro dia, afirmava um matutino que o “Gatinho” defenderia as cores do América F. Club; pena é que o mesmo jornal não tenha declarado **onde colheu aquella afirmativa tão mentirosa**.

Agora é um vespertino que diz ter o grande guarda-valas recebido uma vantajosa proposta do Fluminense F. Club, para integrar a sua equipe de profissionais. O mais impressionante é o redactor do mesmo ficar admirado como Victor não aceitou a **tentadora oferta**.

Ora, o player botafoguense **é um alto funcionário do Banco de Commercio e Industria do Rio de Janeiro, e não precisa de ser profissional para viver**. Além do mais, **é um rapaz de cultura e pensar, e não iria se misturar entre elementos que têm por unico officio jogar foot-ball**.

Por todas estas razões, qualquer afirmativa em torno da sahida de Victor do “glorioso” é **falsa e carece de fundamento**.<sup>280</sup> (Grifos nossos)

O texto, ainda que breve, está repleto de exemplos de mecanismos que explicitam a aversão à profissionalização. A começar pelo primeiro parágrafo, onde se trata as propostas de contrato entregues ao goleiro Victor como “velleidades profissionalista”, um forte caráter pejorativo na tentativa de deslegitimar o movimento. A deslegitimação do profissionalismo também ocorre através do aparente emprego da ironia que ocorre no terceiro parágrafo, ao tratar a oferta recusada como tendo sido “tentadora”.

Sem citar nomes, o texto ainda acusa, no segundo e no último parágrafos, duas notícias, publicadas em dois jornais diferentes — “um matutino” e “um vespertino” —, de trabalharem com informações falsas. Mais uma vez, um artifício para tentar desqualificar os periódicos que, teoricamente, defenderiam o profissionalismo. Há de se notar, contudo, que tampouco o próprio *Beira Mar* apresenta fontes seguras para sustentar a acusação feita, apegando-se ao *status* social do jogador.

O que nos leva ao nosso terceiro ponto. O quarto parágrafo é todo ele construído em cima dessa ideia de distinção social. Observemos que o jornal diz que ele “não precisa de ser [jogador] profissional para viver”, porque ele já “é um alto funcionário do Banco de Commercio e Industria do Rio de Janeiro”.<sup>281</sup> Por isso, ele “não iria se misturar entre elementos que têm por

<sup>280</sup> *Beira Mar: Copacabana, Ipanema Leme* (RJ). Rio de Janeiro, 18 de março de 1933, p. 8.

<sup>281</sup> *Beira Mar: Copacabana, Ipanema Leme* (RJ). Rio de Janeiro, 18 de março de 1933, p. 8.

único ofício jogar futebol”, ainda mais sendo “um rapaz de cultura e pensar”.<sup>282</sup> De um lado, temos a imagem de um intelectual bem empregado e, do outro, quase uma imagem de vadiagem, que necessita do seu corpo para sobreviver. Essa ideia será trabalhada um pouco melhor logo mais.

Victor Corrêa Gonçalves era um dos exemplos de *sportsmen* que se tinha à época. Além do destaque que conseguira como goleiro nos campos de futebol, o nome de Gatinho — apelido que lhe foi dado — aparece também registrado pelo Botafogo F.C. em campeonatos de atletismo, em 1929. Em dois registros publicados no *Diário Carioca*, por exemplo, Victor aparece entre os inscritos com o número 89 em ambos os casos.<sup>283284</sup>

A aversão aparece, também, no espaço aberto aos dirigentes amadoristas que, em seus discursos, reforçam todos os argumentos geralmente observados na defesa do regime amador. Observemos, por exemplo, alguns trechos da entrevista dada por Carlos Martins da Rocha, um diretor do Botafogo F.C., ao jornal *Correio da Manhã*, publicada no dia 21 de fevereiro de 1933:

Há dias que procuravamos ouvir o **conhecido sportsmen Carlos Martins da Rocha, director do Botafogo F. C.** sobre essa questão do profissionalismo. Enfronhado como está no assumpto, bens poderia dizer-nos algo de interessante e oportuno sobre essa debatida matéria. Hontem, finalmente, conseguimos alguns minutos de atenção, em seu escriptorio e lhe perguntamos de chofre:

— O que lhe parece o profissionalismo no football?

— **A inversão de sua finalidade como a de todo e qualquer desporto mercantilizado. Desde os primórdios da civilização humana têm sido praticado com o intuito de fortalecer o physico, a moral e o character, que a maxima “mens sana in corpore sano” define e justifica — todos os alevantados propositos de maior amor e amizade á patria e á familia.** Mercantilizados, seus sentimentos desaparecerão em **benefício do mais mesquinho proveito material; dahi tanto se os praticará para vencer como para prender dependendo sómente da maior offerta.** E ha ainda quem diga que o profissionalismo virá moralizar o football!

Moralizar! Que bôa moralização!

O significado de moralizar é ainda o de — tornar bons os costumes — elevando-os, corrigindo-os restituindo-os. Jamais se viu em qualquer campo da humanidade — porque alguns elementos não tenham bom comportamento — **sejam dissolutos — desvirtuados e infecciosos** — todos os demais sejam obrigados tambem a ser, para que se extirpe o mal!

Desmoralizar sim, porque **os bons elementos, os que têm instrução, os que podem ganhar a vida em outros misteres o abandonarão, deixando o campo entregue aos incultos, áquelles que não poderão ganhar a vida de outra maneira.**<sup>285</sup> (Grifos nossos)

Esse primeiro trecho da entrevista se utiliza de artifícios muito similares ao da matéria do *Beira-Mar*, como a ironia — usada para desacreditar o discurso de moralização que era

<sup>282</sup> *Beira Mar: Copacabana, Ipanema Leme* (RJ). Rio de Janeiro, 18 de março de 1933, p. 8.

<sup>283</sup> *Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 29 de abril de 1929, p. 11.

<sup>284</sup> *Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 03 de maio de 1929, p. 11.

<sup>285</sup> *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 1933, p. 10.

adotado pelos profissionalistas — e, principalmente, a valorização — e medo do abandono — dos “bons elementos”, “que podem ganhar a vida em outros misteres” — tal qual Victor, trazido no *Beira-Mar* —, uma vez que estes trazem consigo a “instrução” para dentro de campo. Essa perspectiva visa reforçar o futebol como um esporte e um ambiente elitizado.

Há, no entanto, de se denotar que o trecho traz também, dois outros aspectos. O primeiro deles é a caracterização de Carlos Martins da Rocha como um *sportsmen*. Desse modo, o jornal legitima a figura de Rocha como agente dessa modernização, ainda na década de 1930, dentro do, digamos, “modelo Pereira Passos” de um “progresso conservador”, próprio de uma classe aristocrática.<sup>286</sup> Isso se comprova diante da acusação de “mercantilização do football”, que contrapõe um outro modelo modernizante — o do profissionalismo —, dessa vez liberal e capitalista, e que caminha em direção à classe média.<sup>287</sup>

Interessa aqui perceber que esse confronto entre duas modalidades, em parte distintas, expõe uma certa angústia dessa antiga elite republicana, baseada muito mais numa distinção por *status*, frente à “ameaça” do “benefício do mais mesquinho proveito material”.<sup>288</sup> Fica claro aqui como para Carlos Martins da Rocha o *status* social deveria prevalecer sobre a lógica do lucro que carregava consigo a proposta da profissionalização.

Em seguida, outro aspecto que chama a atenção na entrevista — e que segue a mesma linha do primeiro — é o apelo para as justificativas higienistas em favor da manutenção do futebol como um esporte de distinção, isto é, destinado às elites. A defesa dos ideais higienistas, com todo o seu apelo à saúde, é contraposto a entrada dos “elementos dissolutos, desvirtuados e” — principalmente — “infecciosos”, referindo-se “àqueles que não poderão ganhar a vida de outra maneira”, ou seja, que vêm das classes mais baixas.<sup>289</sup>

Além desses dois aspectos, é digno de nota, também, o reconhecimento pelo diretor do Botafogo F.C. da função civilizadora que o futebol deveria exercer. Essa observação corrobora a análise da “desportivização”, proposta por Elias e que norteia a presente pesquisa.

Em outro trecho, Carlos Martins da Rocha comenta sobre o uso de uma foto pela corrente profissionalizante de São Paulo, onde o então presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), Renato Pacheco, se encontrava com Oscar Costa, presidente do Fluminense e representante da paulista Apea, entidade a favor da profissionalização:

**Sómente quem não conhece o feitio moral, a lealdade e dignidade do dr. Renato poderá julga-lo capaz de uma felonía ou traição ao mandato que lhe fôr confiado.**  
Presidente varias vezes do Botafogo, seu socio benemerito, figura sempre acatada em

<sup>286</sup> AZEVEDO, 2003.

<sup>287</sup> *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 1933, p. 10.

<sup>288</sup> *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 1933, p. 10.

<sup>289</sup> *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 1933, p. 10.

seu seio, como companheiro em varias directorias, conheço-o bastante para poder afirmar que **como presidente da Confederação elle foi, é, e será o maior defensor de suas filiadas, no caso a Amea**, como tem sido sua invariavel norma, e tambem, porque não dizer, o que mais lhe realça o feito — por ser seu dever, por ser sua obrigação.<sup>290</sup> (Grifos nossos)

Ao defender Renato Pacheco como “moral, leal e digno”, Rocha se utiliza de valores prezados por essa elite. Tanto é que, por confiar nesses valores, acredita que Pacheco seria “o maior defensor de suas filiadas, no caso a Amea”.<sup>291</sup> Diferente da sua equivalente paulista, a Apea, a Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (AMEA) era uma entidade amadorista, o que faria de Renato Pacheco, portanto, defensor também do amadorismo.

É curioso, no entanto, que, poucos meses mais tarde, o mesmo *Correio da Manhã* que publicara a entrevista de Carlos Martins da Rocha defendendo Renato Pacheco, diz que espera do último um “pedido de demissão, que desta vez deverá ser feito sob forma ‘irrevocabilissima’”.<sup>292</sup> Isto se deve ao fato de Pacheco ter publicado no *Jornal do Commercio* crônicas esportivas em favor do profissionalismo sob o pseudônimo de “Justo Severo”.<sup>293</sup> Um fator interessante, e que deixa ainda mais curiosa a história, é que o *Correio da Manhã* identifica como um dos proprietários do *Jornal do Commercio* o mesmo Oscar Costa com quem se encontrara, o que, de certa forma, descredibiliza a defesa de Renato Pacheco feita pelo diretor botafoguense.<sup>294</sup>

Outro dirigente que ganhou espaço no *Correio da Manhã* foi Célio de Barros, editor do *Jornal do Brasil* — outro aberto defensor do amadorismo em suas páginas — e ex-presidente da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres, após conferência na Rádio Guanabara e que foi publicada na seção de esportes do jornal. Ainda que muitos argumentos se repitam no discurso de Célio de Barros, este é mais agressivo ainda que Carlos Martins da Rocha e as linhas do periódico *Beira-Mar*, como já demonstra o seguinte trecho:

Praticar o sport a troco de dinheiro é **subalternizar-se, é collocar-se em inferioridade** perante a comunhão social.

O profissional em sport não é um deshonesto, mas é **um indivíduo inferior, é um pobre de espirito que não dispõe dos recursos intellectuaes para ganhar a vida e se aproveita da habilidade dos pés**. É fóra de toda e qualquer duvida que **o profissional de football, mostra clara e precisamente a sua falta de aptidão para o trabalho. A sua tendencia para a ociosidade é manifesta**. Prefere nada fazer e ganhar dinheiro, pouco se preocupando com a posição subalterna em que vive. Sem trabalho, com casa e comida e ainda dinheiro para gastar, o profissional acha a vida regalada e **se torna um inutil á sociedade**. E na realidade, salvo rara excepção, **o profissional**

<sup>290</sup> *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 1933, p. 10.

<sup>291</sup> *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 1933, p. 10.

<sup>292</sup> *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 02 de maio de 1933, p. 9.

<sup>293</sup> *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 02 de maio de 1933, p. 9.

<sup>294</sup> O *Correio da Manhã* identifica o *Jornal do Commercio* não pelo nome, mas como o “matutino de que é um dos proprietários o commendador [Oscar] da Costa, leader dos mais graduados do profissionalismo”.

**de football é, de facto, malandro.** Em alguns casos um malandro engravatado, mas sempre um malandro, inimigo declarado do trabalho.<sup>295</sup> (Grifos nossos)

Célio de Barros deixa nítido todo o preconceito que se há com a profissionalização, sendo o “profissional de futebol” um “inútil à sociedade”.<sup>296</sup> Mais do que isso, Barros praticamente enquadra os profissionais no, à época, crime de vadiagem, ao dizer que ele “mostra clara e precisamente a sua falta de aptidão para o trabalho” e, logo em seguida, que “A sua tendência para a ociosidade é manifesta”.<sup>297</sup> É o que mostra Lilia Schwarcz, dizendo sobre esse período que:

[...] o tema da segurança — sanitária ou mesmo policial — passou a fazer parte das novas agendas governamentais. A saída mais recorrente foi a reação, ora passiva, ora violenta, estando os registros policiais repletos de referências a crimes de "vagabundagem", "gatunagem", mas também assassinatos ou outros atos violentos.<sup>298</sup>

Essa impressão fica ainda mais perceptível quando ele trata do que chama de “aspecto social” da profissionalização:

#### O ASPECTO SOCIAL

Apreciando a questão sob o ponto de vista social, a primeira coisa chocante que se depara é o completo desvirtuamento dos  **fins para que se fundaram esses gremios hoje transformados em mercadores do football**.

Não se compreende bem como um club do quilate do Fluminense F. C., por exemplo, legítimo padrão de glórias do sport nacional, reunindo em seu seio o escól da sociedade brasileira, negue a sua alta finalidade sportiva e se transforme em casa de negocios, explorando a habilidade de uma duzia de **malandros**, á sombra do seu glorioso pavilhão e sob a sua camisa tricolor, tantas vezes laureada em prelios memoraveis, **envergada pela fina flor da nossa mocidade**. Para mim, profissionalismo e Fluminense F. Club são coisas hecterogeneas.

Apezar das declarações reiteradas pela imprensa de que os “artistas” serão tão bons socios como os outros, não compreendo bem, **como em suas festas de gala, reunido o seu corpo social de elite, possa o Fluminense dar ingresso aos seus empregados subalternos, pois outra coisa não serão os vadios contratados como jogadores, uma vez que, um homem de nível social superior, não póde sujeitar-se ás condições vexatorias estipuladas num contrato de profissional sem dever social**.

Emquanto o mundo fôr mundo, ha de existir a hierarchia social. [...] ella existe e emquanto subsistir, **a alta e leviana dama de grande representação social, ha de ser tratada com uma reverencia que não será tributada á simples e honesta creada de servir**. Assim é o mundo, assim as suas leis a cujo imperio ninguem se furta impunemente. Essa a razão porque não compreendo **a presença do “Pé de ouro”, do “Cabeça de Bronze”, do “Shoota mansinho” e outros famosos artistas do football profissional nos aristocraticos salões do Fluminense F. C.**

<sup>295</sup> *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 18 de março de 1933, p. 10.

<sup>296</sup> *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 18 de março de 1933, p. 10.

<sup>297</sup> *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 18 de março de 1933, p. 10. O crime de vadiagem era tipificado pelo Código Penal de 1890, no Art. 399. Quando Célio de Barros diz que o profissional de futebol ainda que tenha “casa e comida”, não tem trabalho, ele flerta com o texto do artigo que diz que o crime de vadiagem se configura quando “Deixar de exercitar profissão, officio, ou qualquer mister em que ganhe a vida, não possuindo meios de subsistencia e domicilio certo em que habite” (BRASIL. Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890. Promulga o Código Penal. Disponível em < <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 19 mai. 2022).

<sup>298</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. População e Sociedade. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (coord.). **A abertura para o mundo (1889-1930)**. Coleção História do Brasil Nação: Vol. 3, Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 71.

**O profissional não pode e não deve pertencer ao quadro social de um club de elite; é um simples empregado subalterno e nada mais.** Essa **posição de inferioridade social** lhe será lembrada a cada passo ou a cada pretensão mais ousada que venha a ter.<sup>299</sup> (Grifos nossos)

As declarações de Célio de Barros nessa parte deixam latente a sua agressividade e completa aversão à proposta profissionalizante. A função de sociabilidade do clube exposta por Barros, confirma a proposição feita logo no início do capítulo, onde os clubes da Zona Sul do Rio de Janeiro possuem uma simetria com as funções exercidas pela escola segundo Seidl, ou seja, fazem parte dos “processos de constituição e legitimação de grupos dominantes”.<sup>300</sup> A imagem do cotidiano de um clube de elite é — tal qual a escola em Seidl — de reprodução das diferenças sociais, ou, pelo menos, de afirmação destas.

Aqui também, portanto, confirma-se a estratégia educativa apresentada por Bourdieu, como trouxemos anteriormente. Isso porque é nítido o incômodo gerado pela introdução de “empregados”, “subalternos” e/ou “vadios” naquele ambiente destinado à produção de agentes sociais que herdarão o *status* elitista enquanto sócios de um clube “do quilate do Fluminense F. C.”.<sup>301</sup>

Célio de Barros traça um paralelo marcadamente aristocrático da relação que deveria existir entre um sócio e um funcionário, com aquela existente, respectivamente, entre uma “alta e leviana dama de grande representação social” e sua criada.<sup>302</sup> É uma tentativa de demonstrar a subversão da lógica elitista da época que a profissionalização traria, já que ao jogador profissional, aqui na figura da criada, não se tributava nenhuma reverência, diferente do *sportsmen*, aqui, a dama. Da mesma maneira, não cabiam àqueles espaços, *status*, glórias e, portanto, ao próprio futebol “a presença do ‘Pé de ouro’, do ‘Cabeça de Bronze’, do ‘chuta mansinho’” nos “aristocráticos salões do Fluminense F. C” destinados à “fina flor da mocidade” do Rio de Janeiro.<sup>303</sup>

<sup>299</sup> *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 18 de março de 1933, p. 10.

<sup>300</sup> SEIDL, 2013, p. 185.

<sup>301</sup> *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 18 de março de 1933, p. 10.

<sup>302</sup> *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 18 de março de 1933, p. 10.

<sup>303</sup> É interessante reparar como Célio de Barros faz uso irônico de apelidos aparentemente fictícios para se referir aos jogadores vindos das classes mais baixas, o que denota um preconceito claro, pois, ainda que muitos *sportsmen* da época usassem seus sobrenomes, outros usavam apelidos como Nariz e Preguinho. Ajuda a entender melhor o ambiente extremamente elitizado que Célio de Barros idealiza saudosamente, o depoimento de Marcos Carneiro de Mendonça ao MIS/SP. Nele, ao se referir ao público presente ao jogo, Mendonça limita-se a se referir a ele como “os sócios”, nos dando bem essa ideia de exclusividade que existia nos campos de futebol do início do século XX. MENDONÇA, Marcos Carneiro de. Depoimento de História Oral – Parte 1 de 3. In: **Coleção Memória do Futebol**. São Paulo, Museu da Imagem e do Som de São Paulo, 1982. Disponível em <<https://acervo.mis-sp.org.br/audio/depoimento-de-marcos-carneiro-de-mendonca-0#>>. Acesso em 25 de maio de 2022.

É digno de destaque, mais uma vez, o preconceito de Celio de Barros com os profissionais — identificados como “empregados” e “subalternos” —, que, para ele, “outra coisa não serão” do que “vadios”. Ser remunerado pela prática do futebol nada mais seria do que uma “posição de inferioridade social”, em que “um homem de nível social superior” não poderia aceitar tais “condições vexatórias”.<sup>304</sup>

Temos também o relato de José Agostinho Pereira da Cunha, “sócio número 1 — grande benemérito com 38 anos de clube” lamentando a adesão do Flamengo aos quadros profissionais do futebol carioca.<sup>305</sup> Interessa notar que o relato é repleto de um tom saudoso, até fúnebre, da época do amadorismo, perceptível logo na introdução da fala de Cunha:

Quiz a Divina Providencia que a **minha velhice de *sportsmen*** viesse a soffrer a grande provação de vêr transformada a tua **finalidade de club sportista**, que idealizamos e construímos, com o maior dos carinhos, sob o lemma único e idealista: — **o sport pelo sport**.

Com o desaparecimento dessa nobre finalidade, **o velho, glorioso e tradicional “Flamengo” de hontem, pereceu, morreu.**<sup>306</sup> (Grifos nossos)

Algumas questões aparecem nesse discurso, já na direção que apontamos no primeiro capítulo e que reforçaremos logo mais. Ao deixar de ser “o velho, glorioso e tradicional Flamengo”, o clube perde a sua “finalidade de esportista”, passando, como veremos, a ser um clube “mercantilista” — pelo menos para Cunha em sua “velhice de *sportsmen*”.<sup>307</sup> Aqui, aliás, temos outro ponto interessante. Se no regime profissional há uma aposentadoria e torna-se um ex-jogador, no regime amador jamais se perdia a qualidade de *sportsmen*, mesmo que já não praticasse esporte algum, assim como o *status* e a tradição. Ser um *sportsmen*, como já vimos, era mais do que ser apenas um multi-atleta; era um elemento distintivo e carregava consigo os preceitos elitistas da época.

Essas impressões se confirmam ao longo do relato de Cunha, quando ele alinha amadorismo e dignidade:

Despiste a tua gloriosa camiseta — **rubro-negra de amador com a qual conquistaste em todos os ramos do sport, de mar e de terra** — com a maior das galbardias e denodo sem par — as mais retumbantes e memoraveis victorias — para envergar de hoje em deante o **uniforme incolor e sem realce do profissional!**

**Despojaste-te dos europeis do amadorismo**, que te ornavam e dignificavam, **para abrir a bolsa á azinhavrada moeda do profissionalismo!**<sup>308</sup> (Grifos nossos)

<sup>304</sup> *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 18 de março de 1933, p. 10.

<sup>305</sup> A descrição apresentada aqui é a mesma feita pelo *Jornal do Brasil* no espaço aberto a José Agostinho Pereira da Cunha. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 21 de maio de 1933, p. 23.

<sup>306</sup> *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 21 de maio de 1933, p. 23.

<sup>307</sup> *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 21 de maio de 1933, p. 23.

<sup>308</sup> *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 21 de maio de 1933, p. 23.

Mais uma vez o tom fúnebre aparece aqui, ainda que, agora, de forma menos clara. O amadorismo, cheio de conquistas, alegre e colorido, dá lugar ao profissionalismo, burocrático e incolor. Além disso, o amadorismo é dourado — como sugerem os ouropéis —, dando bem a sensação de brilho, ao mesmo tempo em que o profissionalismo é enferrujado — “azinhavrado” — como a moeda que o paga.<sup>309</sup> Não parece ser por acaso o uso desses termos mais rebuscados, pelo contrário, reconheço um claro mecanismo de afirmação da distinção, tentando comunicar somente aos seus pares de “grande representação social” com um vocabulário que só os “bons elementos, de instrução” seriam capazes de entender.<sup>310</sup>

Tendo esse discurso mais agressivo sido majoritário entre os dirigentes, vejamos agora como se posicionavam os jogadores.

### 03.2.3. Do “não quero” ao “não preciso”: os discursos com aparência de “boa vizinhança”

Pensando os discursos de “boa vizinhança” da recusa, comecemos pelo caso de Amaury, com um trecho de sua entrevista para *O Globo*, que foi publicada no dia 30 de agosto de 1933:

#### EXPLICANDO

Pergunta-se a Amaury se elle é contra o profissionalismo. E a resposta é um “**não redondo**”.

— **Então por que você não quer tornar-se profissional?**

— Por um motivo muito simples: **quero conservar minha liberdade**. Além disso, mesmo considerando o profissionalismo uma necessidade, **prefiro continuar como amador**. Tenho uma porção de pequenas cousas que teria de pôr de lado, assignando um contrato. A praia, por exemplo...

**Amaury mora em Copacabana e gosta da praia que forma um pouco do “seu mundo”**. Há uma observação:

— **Mas o profissionalismo não impediria que você fosse à praia.**

**Elle não insiste no assumpto** e diz, apenas:

— Por outro lado quero descansar. Você não calcula como me sinto fatigado. [...] <sup>311</sup>  
(Grifos nossos)

Amaury traduz bem o que eu chamo de recusa de “boa vizinhança”. Percebamos que o *sportsmen*, em nenhum momento, condena o profissionalismo, ou melhor, pelo menos diretamente. No entanto, ele o recusa do mesmo modo e parece na defensiva com essa pergunta, como quem buscasse uma saída para não respondê-la.

<sup>309</sup> O uso de um vocabulário altamente rebuscado pode ser interpretado, por si só, como uma forma de afirmação da distinção que José Antonio Pereira da Cunha tanto evoca. Segundo o dicionário Houaiss, ouropel é a “liga metálica de cobre, de cor amarela, que imita ouro”. (HOUAISS, Antonio e VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, p. 1405.) Ainda segundo o mesmo dicionário, azinhavre é a “camada de cor verde que se forma na superfície dos objetos de cobre ou latão, resultante da corrosão destes quando expostos ao ar úmido”. (Ibid., p. 234).

<sup>310</sup> *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 21 de maio de 1933, p. 23.

<sup>311</sup> *O Globo*. Rio de Janeiro, 30 de agosto de 1933.

O mundo ao qual se refere o periódico no quarto parágrafo é, provavelmente, o dos “cilenses”, isto é, os moradores de Copacabana, Ipanema e Leme (“CIL”) nomenclatura que Julia O’Donnell identifica nos periódicos locais em seu livro.<sup>312</sup> Ser habitante da CIL em agosto de 1933 era integrar uma vizinhança que fora construída de acordo com os ideais higienistas, eugenistas e sob o signo da modernização à europeia desde o princípio da sua ocupação, nos anos finais do século XIX, possibilitada pela abertura do túnel entre Copacabana e Botafogo.<sup>313</sup>

Indo mais além, O’Donnell reconhece que a praia desempenha um papel importante nos preceitos higienistas que muito influenciam o desenvolvimento do futebol nas duas primeiras décadas do século XX. Fundamental na invenção de Copacabana como um espaço de sociabilidade das elites, ela torna-se produto e produtora de significados e personagens novos, diretamente ligados à uma lógica de excludente, distintiva de modernidade europeia.

Muito me intriga, no entanto, a justificativa dada ao primeiro questionamento sobre a profissionalização, ou seja, o desejo de “conservar a liberdade”. O discurso de *liberdade*, como se ter o futebol como profissão a restringisse, suscita um uso do corpo como estigmatizado, talvez pelo longo período de escravidão pelo qual passou o Brasil. De qualquer modo, como vimos no primeiro capítulo, a remuneração pela prática do futebol, corrompe o próprio *ethos* civilizatório que há nos esportes, implantados sob inspiração britânica.<sup>314</sup>

A ideia de profissionalismo como “prisão” é recorrente nas críticas ao regime. Ela aparece tanto em Carlos Martins da Rocha, como em José Agostinho Pereira da Cunha, por exemplo. O botafoguense Rocha fala que a profissionalização iria fazer com que o futebol fosse praticado “tanto para vencer, como para prender, dependendo somente da maior oferta”.<sup>315</sup> Já o flamenguista Cunha diz que o clube “curva a sua elevada cabeça” — provavelmente referindo-se, aqui, a um aspecto de razão — “de *sportsmen* para acorrentar-se à inconsciência do profissional”, o que, segundo ele, provoca o “perecimento da honra esportiva e a anulação da vontade”.<sup>316</sup>

É interessante, por isso, pensar a relação complementar que há entre o tipo da aversão e o da “boa vizinhança”. Se não conseguimos ter certeza se há de fato um estigma nos trabalhos que dependam do corpo, parece-nos claro que o futebol era visto sim como um modo de ganhar

<sup>312</sup> O’DONNELL, Julia. *A invenção de Copacabana: culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro (1890-1940)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 255p.

<sup>313</sup> *Ibidem*.

<sup>314</sup> Cf. ELIAS, 1992, p. 256.

<sup>315</sup> *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 1933, p. 10.

<sup>316</sup> A frase de Cunha foi adaptada devido ao linguajar excessivamente rebuscado da época, para que houvesse melhor compreensão. O original seria “Curvaste a tua altaneira cerviz de *sportsmen*, para acorrentar-te à inconsciência do profissional, com perecimento da honra esportiva e anulação da vontade”. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 21 de maio de 1933, p. 23.

a vida inferior por essa elite intelectual do início da República. Em ambos os casos, acho que há, aberta ou veladamente, um reforço da distinção social típica dessa classe dirigente que se pretende europeia.

Peguemos mais um exemplo de um discurso mais direto e ríspido contrário à profissionalização, que pode ser encontrado em pequeno artigo no *Jornal do Brasil*, no dia 16 de fevereiro de 1933, e que reforça as críticas:

**O PROFISSIONAL NÃO PODE TER EMPREGO**

Os profissionalistas para melhor attrahirem os jogadores que lhes convem, fazem espalhar que nada impede que os profissionaes continuem nos empregos que exercem. Isso não pode ser verdade. Emprego e profissionalismo são cousas incompatíveis: **ou bem se tem ocupação e não será possível abandoná-la** constantemente para trenos, exercícios diários e viagens para aqui e acolá, **ou não se tem emprego algum e então não há inconvenientes em ser profissionnal justamente por não ter ocupação alguma.**

O patrão não vae pagar o empregado para elle estar constantemente ausente no trabalho para os exercícios pela manhã, os trenos à tarde e os jogos fóra da cidade.

Agora mesmo os pregoeiros do profissionalismo dizem abertamente que vão ser realizados jogos aqui [no Rio de Janeiro] e em São Paulo, além de outras excursões mais longínquas

Qual o patrão que vae pagar o seu empregado para elle andar sempre fora do serviço, jogando *football* por dinheiro?

Queira ou não queiram, **só os desocupados podem ser profissionaes e dahi a formidável queda do nível moral dos jogadores e da assistência que lhes aprecia as habilidades dos pés.**<sup>317</sup> (Grifos nossos)

Ao estabelecer a contradição profissionalismo *versus* emprego, o *Jornal do Brasil* reforça a visão dos profissionais como vadios, uma vez que só pode tornar-se profissional de futebol o desempregado. Mais do que isso, a profissionalização poderá ser responsável por uma queda moral dos jogadores e da assistência, portanto do próprio futebol.

Se há reticência nas falas de Amaury, talvez aí se justifique. Enquanto *sportsmen* e, conseqüentemente, agente de uma modernidade europeia, tida como moralmente elevada e distinta.

Em relato memorialístico ao CPDOC, João Havelange mostra como esse discurso era realmente muito forte entre as elites e, conseqüentemente, entre os *sportsmen*.<sup>318</sup> Em depoimento, o ex-presidente da FIFA afirma:

E fomos campeões. E, veja, eu devia ter dezesseis anos. Então, naquela época foi o primeiro ano que começava o profissionalismo<sup>319</sup> [...] E o meu pai não me deixou mais jogar futebol. Porque, o senhor veja as concepções, meu pai era engenheiro; minha mãe, de família de pessoas de indústria na Bélgica, então, viam os problemas de frente. [...] E o que ele desejava é que eu estudasse. E fui estudar.<sup>320</sup>

<sup>317</sup> *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 16 de fevereiro de 1933.

<sup>318</sup> Havelange, João. *João Havelange (depoimento, 2012)*. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, 2012. 53 p.

<sup>319</sup> Nesse momento João Havelange se engana por um ano. A instituição do futebol profissional no Rio de Janeiro e o posterior título do Bangu se dão em 1933, não em 1932 como Havelange disse.

<sup>320</sup> HAVELANGE, 2012, p. 7.

Levando a escola como um espaço de sociabilidade das elites, a educação era vista como prioridade, capaz de prover um futuro mais seguro que o futebol, ainda mais com a queda “moral” que pensavam que esse passava. Além disso, sobre esse mesmo relato, Rocha vai salientar que “Sintomático é que esta seja uma **decisão familiar**, e não individual. Nas décadas de 1920 e 1930, o profissionalismo representava a ascensão de grupos marginalizados, dos quais Havelange e os seus companheiros de Fluminense **deveriam guardar distância**”.<sup>321</sup>

A colocação do autor é interessante, pois traz à discussão a questão familiar. Lembremos que, como vimos no capítulo anterior, a família era um aspecto distinto entre as elites cariocas da época e, em outros tempos, dentro do campo de futebol, motivo até de predileção sobre outro jogador “sem família”. Além disso, havia um aspecto moral, que imprimia-se às práticas esportivas.

Podemos ressaltar também, sobre a observação de Rocha, que há, nos relatos de João Havelange, de maneira sutil, o mesmo argumento de distinção que foi utilizado nos discursos de aversão. Ao dever guardar distância dos grupos marginalizados que naquele momento ascendiam por conta da profissionalização, reforça o seu caráter de distinção, que não poderia se misturar com os “subalternos” e “vadios” que monopolizaram a prática do futebol.

Um caso interessante, também, é o de João Coelho Netto, o Preguinho, ídolo do Fluminense. Filho do romancista e político maranhense, Coelho Netto, era desde cedo tratado como exemplo de *sportsmen*.<sup>322</sup> Em 10 de fevereiro de 1910, quando Prego tinha apenas 15 anos, o jornal *O Paiz* já trazia, no seu caderno de esportes, “o aniversário de um tricolor mirim”, destacando a conquista dos feitos desportivos: “Muito jovem ainda, possui, para ornar-lhe o peito, um grande numero de medalhas de ouro, prata e bronze, premios estes alcançados brilhantemente, nas pugnas desportivas em que tem tomado parte”.<sup>323</sup>

Ainda que seu talento mais destacado fosse para o futebol, não raro Preguinho perdia alguns jogos para poder competir em outros esportes e, em alguns casos, por outros clubes. Em 1929, por exemplo, *O Paiz* noticiava a animação com a volta de Preguinho aos campos pelo Fluminense: “O meia-esquerda do Fluminense, que não actuou no último jogo contra o Bangú,

---

<sup>321</sup> ROCHA, 2020, p. 84.

<sup>322</sup> É bem verdade, contudo, que o fato de seu pai ser figura pública e associado a diversos clubes corroborava para essa notoriedade precoce. Por outro lado, por esses mesmos motivos e pelo que já vimos até aqui, não me parece equivocado classificá-lo como um representante legítimo dessa juventude aristocrática, berço dos *sportsmen*. Aqui faço, novamente, o uso de Seidl (2013) e Bourdieu (2020) para atestar tal característica, reconhecendo os clubes como espaços determinantes da sociabilidade das elites.

<sup>323</sup> *O Paiz*. Rio de Janeiro, 10 de fevereiro de 1920, p. 10.

por ter de disputar o campeonato carioca de natação, no qual se collocou em 2º lugar, trará, com sua presença, mais entusiasmo aos jogadores tricolores, que muito o estimam”.<sup>324</sup>

O já mencionado Correio da Manhã, partidário da causa amadora, não à toa noticiava os feitos de João Coelho Netto como grande *sportsmen*.<sup>325</sup> Em uma dessas, em meio à sua campanha anti-profissionalista em 1933, traz uma biografia do ídolo tricolor, ressaltando suas múltiplas conquistas em esportes diferentes:

Aos vinte annos de idade, em 1925, era João Coelho Netto [...] um invencível, um grande e maravilhoso triumphador. Varios campeonatos da cidade, varias provas de honra. [...] Depois Prego enfiou-se no basket-ball, sagrando-se, por vezes, campeão do Rio de Janeiro, sendo, ainda, **campeão de atletismo, com a circunstancia de ter disputado, e vencido, no mesmo dia, um campeonato de natação e um torneio de football**. Entre campeonatos e torneios victoriosos tem, hoje, para mais de sessenta, isto é: mais victorias do que anos de vida.

No Fluminense [...] todos o têm como um **symbolo de hygidez, bravura, de elegancia moral**.

Hoje, Pregoinho disputa o campeonato de amadores pelo tricolôr, **fazendo o sport por sport**.<sup>326</sup> (Grifos nosso)

Aqui já temos indícios do porquê da recusa de Pregoinho à profissionalização que veremos a seguir — bem como de um dos principais pontos na defesa do regime amador. Uma vez profissional de futebol, Prego não poderia mais atuar nos demais esportes, o que, em determinado momento, foi, ainda que brevemente, um problema. Além da questão do atleta em si, ser um *sportsmen*, enquanto agente de uma modernidade que se pretendia europeia e, portanto, superior, era ser capaz, também, — em uma perspectiva bastante higienista — de comprovar essa dita superioridade pelas condecorações em múltiplos esportes. A excelência física era tida como sinal da excelência intelectual.

Mesmo sendo um amador exemplar e defensor do amadorismo, no entanto, o meia-esquerda era um dos que “declaravam em 1931 ser o profissionalismo uma necessidade”.<sup>327</sup> Durante esse conturbado contexto acerca da profissionalização, o *sportsmen* reforçava a declaração, mas faz uma ressalva:

Foi o início da campanha [pela profissionalização]. Você se lembra que eu disse que estaria prompto a jogar como amador no team de profissionaes? [...] Falaria hoje da mesma maneira. Sou o mesmo. Ha uma differença: sinto-me cansado, com vontade de deixar a pelota<sup>328</sup>

<sup>324</sup> *O Paiz*. Rio de Janeiro, 20 de abril de 1929, p. 9.

<sup>325</sup> Qualidade também ressaltada pelo *O Globo*: “Quando se fala em amadorismo puro ha sempre um nome que acompanha a phrase: o nome de João Coelho Netto.” *O Globo*. Rio de Janeiro, 18 de fevereiro de 1933.

<sup>326</sup> *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 26 de julho de 1933, p. 10.

<sup>327</sup> FERNANDEZ, 2010, p. 141.

<sup>328</sup> *O Globo*. Rio de Janeiro, 18 de fevereiro de 1933.

A argumentação de Preguinho é interessante pois ele, de fato, não recusa jogar no time de profissionais, desde que isso não exclua a sua condição de amador. As visões apresentadas anteriormente, levando em conta que João Coelho Netto era representante das camadas abastadas da sociedade carioca, além de um típico representante dos *sportsmen*, provavelmente faziam parte do seu cotidiano, não querendo este, portanto, ser associado às imagens de “vadio” e “infeccioso”, trazidas anteriormente. E, para tanto, alega estar cansado e, desde aquele momento, “com vontade de deixar a pelota”.

Questionado se assinaria um contrato, Preguinho, por exemplo, respondeu:

— Sim. Porque não? O club precisando de mim eu lhe oferecia o meu titulo de amador. **Não quero ser profissional**. Não porque me diminuisse a perda da condição de amador. Sempre defendi o profissionalismo.

[...] Tenho um titulo de amador que me orgulha. Se eu decidisse voltar a jogar football e **não pudesse actuar como amador** no team de profissionais do Fluminense, estaria disposto até a assignar um contrato. **Não preciso do foot-ball**. Por isso mesmo o meu contrato seria de “um tostão por anno”.<sup>329</sup> (Grifos nossos)

Se houve um “amadorismo marrom” durante o período amador, onde jogadores eram pagos mesmo sendo amadores, houve durante a ascensão do profissionalismo, por parte desses *sportsmen*, algo que pode ser tratado como o contrário. Preguinho foi um dos que consideraram receber quantias simbólicas ou doar seus salários à caridade, tentando evitar com que perdessem, se não a condição — como falou o próprio jogador e que uma vez sendo pago, perderia — o *status de sportsmen*.

Nesse sentido, como comparação, Alfredo, outro amador do Fluminense, teria se colocado à disposição da assinatura de um contrato de profissional, segundo *O Globo*, do dia 12 de junho de 1933:

Alfredo assignaria um contrato? O esplendido centro avante já se teria manifestado abertamente. Estaria disposto **até a se tornar profissional**, em determinadas condições, porém. Assim é que **abriria mão das vantagens que o contrato lhe pudesse trazer**, em beneficio do Natal das Creanças Pobres, ou de outra qualquer iniciativa de caridade.<sup>330</sup> (Grifos nossos)

Percebamos que, nos dois casos, reforço, ainda que se abra mão da condição, a inviolabilidade do *status de sportsmen* permanece. Ou seja, todo um “conjunto de valores, práticas e tradições” próprios de uma cultura política das elites conservadoras cariocas, que se recusam a serem remunerados por uma prática corporal.<sup>331</sup> Essa atitude expõe, porque não, um imaginário que se via confrontada com os desafios já expostos de um novo modelo de modernidade.

<sup>329</sup> *O Globo*. Rio de Janeiro, 18 de fevereiro de 1933.

<sup>330</sup> *O Globo*. Rio de Janeiro, 12 de junho de 1933.

<sup>331</sup> Retomo aqui o conceito de cultura política tal qual em Motta (2009) já exposto no início do capítulo.

Como vimos no primeiro capítulo, há dois modelos em disputa aqui. De um lado temos um ideal aristocrático, do esporte pelo esporte, e do outro, um ideal que, reconhecendo a popularidade que o futebol tomara, caminha em direção à classe média. É o confronto do *status* e da distinção *versus* a “mercantilização” da prática — como acusavam os partidários do amadorismo.

É inevitável, aqui, a associação à mesma degeneração das elites políticas pelo qual passava o Brasil no mesmo período. Ainda que a dita “Revolução de 1930” seja mais de continuidades do que de rupturas, as antigas elites, conservadoras, pautadas na tradição que comandaram as rédeas durante boa parte da Primeira República, começam a se deparar com uma nova proposta política — nem por isso, necessariamente, menos elitista — mais liberal.<sup>332</sup>

Ainda dentro desse contexto, outra questão própria da condição de amador — e do status de *sportsmen* — é a possibilidade de ser campeão em múltiplos esportes, que, como já demonstrado, reforçava os preceitos higienistas através da relação entre as excelências físicas e intelectuais. Em meio ao dissídio esportivo da época, Prego, que já integrara o time profissional do Fluminense, mesmo que permanecesse amador, se vê em situação delicada, pois, segundo a edição do *O Globo* de 24 de outubro de 1933, “não quer assignar um contrato, mesmo porque não pratica apenas o football. Inscreveu-se pelo Guanabara para disputar o campeonato de *water-polo* e pelo Fluminense para o campeonato de basket”.<sup>333</sup>

De acordo com *O Globo*, Preguinho não poderia mais pedir uma licença especial à FIFA, que, à época, as concedia aos amadores que quisessem atuar por um time profissional por tempo indeterminado, o que acaba se tornando uma justificativa para o impasse. Como pontuado por Eduardo Gomes, “o campeonato profissional da LCF não era considerado ‘oficial’, já que a entidade não era filiada a CBD e, assim, não era reconhecida pela Conmebol e pela FIFA”.<sup>334</sup> Por não ser filiado, o campeonato da Liga Carioca de Futebol, entidade profissionalizante do Rio de Janeiro, presenciava uma “ameaça” de profissionalização de seus “amadores emprestados” para que pudessem se manter jogando.<sup>335</sup>

O receio ao “desprestígio” do futebol com a profissionalização, no entanto, não parecia para a elite intelectual da época sem sentido e já tinha sido sinalizado pelo *Beira-Mar* ao falar

<sup>332</sup> VARES, Sidnei Ferreira de. A dominação na República Velha - uma análise sobre os fundamentos políticos do sistema oligárquico e os impactos da Revolução de 1930. *História: Debates e Tendências*, Passo Fundo, v. 11, n.1, janeiro/junho 2011.

<sup>333</sup> *O Globo*. Rio de Janeiro, 24 de outubro de 1933.

<sup>334</sup> GOMES, E., 2017, p. 7.

<sup>335</sup> Que fique claro que as entidades profissionais não consideravam a profissionalização uma ameaça. No entanto, algumas entidades amadoras estipulavam seus próprios limites à atuação de amadores em times profissionais. Uma vez ultrapassado esse limite, as entidades obrigavam os *sportsmen* a um período de “readequação” ao amadorismo, que os impedia de competir em seus campeonatos.

nos “elementos que tem por único ofício jogar futebol”. Os trabalhos de João Manuel Malaia e Glauco J. C. Souza são de extrema relevância para entendermos essas críticas, ao trazerem a “suburbanização” do futebol concomitantemente ao seu processo de consolidação nas classes elitizadas.<sup>336</sup> O futebol é, como destaca Souza, uma atividade de mais fácil acesso e foi difícil restringi-lo aos espaços dos clubes apenas, rapidamente se espalhando para a região além do eixo Centro-Zona Sul:

O jogo com bola não estava limitado aos clubes, ele era praticado também fora dessas instituições, pois era simples: necessitava de uma bola, que podia ser improvisada com um objeto redondo, assim como os demais instrumentos usados para a prática do esporte.<sup>337</sup>

Seguindo esse caminho, Malaia chama a atenção para o papel do Vasco da Gama nesse ponto.<sup>338</sup> Segundo ele, o time da colônia portuguesa escancarou a questão do “amadorismo marrom” após o título carioca de 1923, uma vez que: “Desde 1919 o time do Vasco vinha bancando praticamente todos os seus jogadores com prêmios em dinheiro por vitória”.<sup>339</sup>

Souza, por sua vez, traz questões relacionadas à formação da Liga Suburbana, que viria a ficar conhecida como o “Celeiro de Craques”. O próprio termo indica a transferência de jogadores para outros clubes. Muitos dos jogadores da Liga Suburbana, sendo o futebol um esporte amador — logo, teoricamente, não remunerado —, dependiam de outras atividades para sobreviver. Desse modo, os clubes da elite não tinham outro atrativo maior que o seu poder aquisitivo. O pagamento de prêmios a jogadores torna-se assim, comum, possibilitando o aparecimento desses jogadores nos campeonatos da elite.

Há, portanto, uma ameaça clara ao futebol como elemento distintivo. A popularização do esporte fez com que fosse perdendo o *status* ligado à classe dirigente, passando, cada vez mais a um do povo. Nesse sentido, pensando, justamente, numa política de distinção que o Fluminense vai liderar o processo de profissionalização, não para conceder uma benesse a esses jogadores que provinham do subúrbio, mas para reforçar os aspectos de distinção existentes antes da popularização do futebol. O clube passou a aplicar com rigor a sua implementação,

<sup>336</sup> MALAIA, João Manuel. *Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)*. 2010. Tese (Doutorado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010; SOUZA, Glauco J. C. “‘Cá em casa é só por amor’ O Profissionalismo Marrom nos Subúrbios Cariocas”. **XXIX Simpósio Nacional da Anpuh**, Brasília, 24-28 de julho de 2017.

<sup>337</sup> SOUZA, 2017, p. 3.

<sup>338</sup> MALAIA, João Manuel. “O processo de profissionalização do futebol no Rio de Janeiro: dos subúrbios à Zona Sul: A inserção de negros, mestiços e brancos pobres na economia da Capital Federal (1914-1923)”. *Leituras de Economia Política*, Campinas, v. 10, n. 1 (13), p. 125-155, jan./jul. 2008.

<sup>339</sup> MALAIA, 2008, p. 131.

uma vez que “o profissionalismo foi uma forma clara de separar o futebol, que deixara de ser um esporte de distinção, dos outros esportes que permaneciam exclusivos”.<sup>340</sup>

Entendemos, portanto, muitas das razões para a não adesão, pelo menos imediata, ao regime profissional. Por trás dessa aparente “boa vizinhança”, há todo um contexto vivido e um imaginário construído ao longo de anos de convivência nos espaços sociais dos clubes, fazendo com que, provavelmente, não difiram muito dos dirigentes que reclamavam nos jornais anti-profissionalistas da época. Há uma clara preocupação com a manutenção de um *status* de *sportsmen*, mais do que a condição de amador. Tentam, com isso, desvencilhar duas características que, desde o princípio, eram indissociáveis.

---

<sup>340</sup> FERNANDEZ, 2010, p. 148.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### POR MAIS ESTUDOS DA PROFISSIONALIZAÇÃO PELA ÓTICA DAS ELITES

Chegando às páginas finais, esperamos ter respondido à questão central dessa pesquisa: entender o porquê das recusas à profissionalização do futebol masculino no Rio de Janeiro das três primeiras décadas do século XX. Tentamos demonstrar que há um longo período de construção de imaginários ligados às elites cariocas, que ressoam nos argumentos utilizados por aqueles que vão recusar tornar-se profissional de futebol. Mais do que isso, acreditamos ter cumprido mostrar que o futebol, desde a sua origem, reflete um contexto maior, de processos e de disputas.

A primeira parte desse caminho em direção às recusas, surge com uma das perguntas fundamentais e que acreditamos sustentar o trabalho. Estabelecemos que há no início do século XX uma importação de um modelo de sociedade que se pretende moderna. A que tipo de modernidade, então, nos referimos quando tratamos desse processo? Em um primeiro momento, reconhecemos uma modernidade europeia. No entanto, o termo pode parecer por vezes um tanto quanto reducionista, sem levar em conta a diversidade de modernidades que existem naquele continente. Por outro lado, parece haver de fato uma anuência muito grande às importações vindas de qualquer parte da Europa ocidental.

Para demonstrar isso, focamos em três processos, aparentemente distintos, a começar pela Grande Reforma Urbana, principalmente por ser um notório projeto de modernização à europeia da cidade do Rio de Janeiro, ocorrido na gestão do prefeito Francisco Pereira Passos, ainda na primeira década do século XX. Foram essenciais, aqui, os trabalhos de André Nunes de Azevedo, que nos trouxeram a ideia de “progresso conservador”.<sup>341</sup> Como vimos, esta é “uma ideia na qual as mudanças somente se efetivariam a partir de níveis de continuidade para com uma estrutura anterior”.<sup>342</sup>

Relembremos que o remodelamento pelo qual passou o Rio de Janeiro foi de inspiração haussmanniana, ou seja, teve como espelho projeto similar empreendido pelo Barão de Haussmann em Paris, capital da França. Este é um primeiro momento onde o progresso conservador se faz importante, pois a importação, no caso, de um modelo francês de cidade, passa por uma

---

<sup>341</sup> AZEVEDO, André Nunes de. “A reforma Pereira Passos: uma tentativa de integração conservadora”. **Revista Rio de Janeiro**, n. 10, p. 151-183. Maio/ago 2003; AZEVEDO, André Nunes. A dimensão da ideia de civilização no contexto da reforma urbana de Pereira Passos. **AEDOS**, v. 9, n. 20, p. 383-400, 2016.

<sup>342</sup> AZEVEDO, 2016, p. 389.

tentativa ater à cidade a tradição europeia, que Pereira Passos acreditava haver por conta da colonização portuguesa.<sup>343</sup>

Essa constatação é muito importante para esse ponto do trabalho, pois demonstra, justamente, como a própria noção de europeu das classes dirigentes da época é bastante genérica. Destacamos, então, que a importação europeia tem um forte caráter distintivo, na medida em que ela é uma tentativa de manutenção de uma tradição que tenta se modernizar, muito típica de um grupo ávido por *status*. Dessa maneira, a Grande Reforma Urbana foi um processo característico dessa classe que se jugava superior, a quem chamamos de elite.

Da mesma maneira, enxergamos a inserção do futebol nesse mesmo Rio de Janeiro que passava por essa reconfiguração urbanística, e até antes disso. Para isso foi necessário entendermos um pouco melhor o conceito de “desportivização” elaborado por Norbert Elias.<sup>344</sup> O autor inglês, através desse conceito, inclui o esporte como parte do processo civilizador da Inglaterra. Seus valores civilizatórios eram inculcados nos jovens ingleses através de um esporte, dentre eles o futebol.

Portanto, trazer o futebol, um jogo “desportivizado”, foi uma forma de trazer o processo civilizador inglês para o Rio de Janeiro. É bem verdade, que, no início, os principais trabalhos sobre a chegada do futebol em terras cariocas tratam de uma celebração da identidade britânica entre as comunidades inglesas.<sup>345</sup> No entanto, reconhecemos que a própria presença dessa comunidade — cujo tamanho era tal que tinham jornais internos, empresas estabelecidas e clubes destinados a ela — era um sinal da chegada do “impulso civilizador” da Inglaterra na antiga capital federal.<sup>346</sup>

Não demorou muito para que o futebol, enquanto um produto europeu, logo fosse apropriado pelas elites cariocas. É muito importante para nós desnaturalizar os processos, que muitas vezes parecem demasiado orgânicos. Portanto, acreditamos que, ainda que de maneira breve, conseguimos demonstrar que essa apropriação não veio sem discussão, e sua implementação dependeu da relevância que ganhara as teorias higienistas de início do século XX.

O surgimento do Fluminense Football Club é o principal exemplo disso. Fundado por um descendente de inglês, Oscar Cox, o clube foi um espaço da afirmação da distinção daqueles que o frequentavam. Além do time de futebol, composto pelos jovens das mais prestigiosas

---

<sup>343</sup> Ibid., p. 390.

<sup>344</sup> ELIAS, Norbert. Ensaio sobre o desporto e a violência. In: DUNNING, Eric; ELIAS, Norbert. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992b. p. 223-256.

<sup>345</sup> Como exemplos temos os trabalhos de Leonardo Affonso de Miranda Pereira (1998) e Fábio Franzini (2000).

<sup>346</sup> São exemplos, respectivamente, *The Rio News*, *Light and Power Company Limited* e o *Rio Cricket and Athletic Association*, este último na cidade vizinha de Niterói.

famílias do Rio de Janeiro, eram comuns os bailes no clube, eventos de ampla sociabilidade aristocrática da época.

Acredito que nesse sentido, conseguimos demonstrar, também, como a própria criação de um espaço elitizado ela não se dá ao acaso. Principalmente através das contribuições de Julia O'Donnell, pudemos ver como o espaço ele é construído.<sup>347</sup> A zona sul da cidade do Rio de Janeiro fez parte de um projeto, e a instalação do Fluminense F.C. nessa região não foi sem razão. Há toda a criação de um território destinado às elites cariocas.

Mais do que isso, vemos que há uma dupla inscrição do espaço como produto-produtor de sentidos.<sup>348</sup> Novamente, a tentativa foi de desnaturalizar esse conceito, muitas vezes tido como dado, passivo, próprio das elites. Ao nos atentarmos a essa dialética, pudemos entender o surgimento do Fluminense F.C. na zona sul do Rio de Janeiro como próprio de um grupo que deseja um espaço, digamos, “genuinamente” elitizado, e, ao mesmo tempo, que o reforça enquanto tal.

Por isso, é importante ressaltar que, esses três processos descritos aqui, a Grande Reforma Urbana, a chegada do futebol e o estabelecimento da zona sul do Rio de Janeiro como um espaço demarcadamente elitizado, são entendidos pela nossa pesquisa como partes de um mesmo projeto modernizante, de um “impulso civilizador”. Por sua vez, modernidade a qual se tenta impor à cidade, ainda que sinalize para uma visão bastante genérica de Europa, é norteada, no Rio de Janeiro, por ideais, principalmente, franceses e ingleses.

Deixamos em aberto a possibilidade às pesquisas futuras de investigar o quão genérica, de fato, era essa compreensão, principalmente se explorarmos uma questão que não levamos muito afundo aqui, que é a imigração. Seria, por exemplo, o caso particular de João Havelange, filho de imigrantes belgas, representativo disso? Ou as próprias saídas de jogadores para jogar no futebol profissional da Itália, na década de 1920, devido a laços familiares, não são representativos disso? São questões propostas que surgem a partir das leituras propostas ao longo de todo o nosso trabalho.

Firmar essa relação existente entre modernidade, espaço e ideal de civilização, nos foi essencial para entender a consolidação dos imaginários dessa elite a qual estamos nos referindo. No entanto, aqui surgiu uma segunda questão que precisávamos enfrentar: a qual elite estamos

---

<sup>347</sup> O'DONNELL, Julia. *A invenção de Copacabana: culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro (1890-1940)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 255p.

<sup>348</sup> Conceito sistematizado por Lefebvre (2013), mas que já encontrávamos abordagens semelhantes antes, como por exemplo em Gupta e Ferguson (1997).

nos referindo? Confessamos que, essa foi mais difícil de precisar, principalmente porque identificamos uma disputa de projetos elitistas diferentes, não só acerca do futebol, como acerca do próprio país, em determinado momento.

Disputa essa que já fora identificada por nós na tensão existente entre o turfe e o remo, os dois principais esportes na cidade do Rio de Janeiro quando da chegada do futebol na cidade. Esses se associavam cada um a um tipo de elite. Enquanto que o turfe representava uma elite ainda bastante conservadora, de caráter aristocrático, o remo já agradava aqueles de uma elite um pouco mais liberal, “pequeno-burguesa”. Percebemos nesse conflito, as origens dos primeiros argumentos que surgiram posteriormente no embate entre amadorismo e profissionalismo.

Um exemplo é que há uma popularização do remo enquanto espetáculo. Isso faz com que os liberais vejam uma oportunidade de fazer lucro com aquela atividade. Não assusta, portanto, que muitos dos argumentos contrários à profissionalização posteriormente, a acusarão de “mercantilizar” o futebol. Temos que lembrar e ressaltar que essa não era uma discussão acerca do profissionalismo nesses dois esportes, inclusive um dos principais pontos do remo era a defesa do amadorismo. O que havia era uma divergência entre a conservação das características de *status* e distinção *versus* a modernização da espetacularização do esporte, transformado em negócio.

Aqui deixamos em aberto a possibilidade de pesquisas futuras verificarem se de fato houve uma apropriação do futebol pelas mesmas elites do turfe. Acreditamos, contudo, ter deixado claro que houve, sim, uma atribuição de características aristocráticas à prática do futebol.

Essas mesmas características ficaram latentes ao observarmos os recortes jornalísticos que cobriam as partidas de futebol das duas primeiras décadas do século XX. Nas nossas análises, destacamos alguns pontos que julgamos fundamentais à compreensão dos imaginários elitistas do Rio de Janeiro.

Primeiro, identificamos que há uma forte demarcação de gênero nesses recortes, que nos mostram uma visão das mulheres como meramente acessórias aos estádios de futebol da época. Os recortes abordavam o público feminino destacando sua beleza, suas vestes e seus comportamentos, produzindo uma imagem das mulheres como alheias e, muitas vezes, ignorantes ao jogo. Como contraponto, não raro traziam imagens dos homens como analíticos, estudiosos, como se esse soubessem exatamente o que estava acontecendo a cada jogada. Para essa elite carioca da época, a função da mulher é, portanto, praticamente reduzir a “embelezar” o estádio.

Temos nessa questão um ponto muito interessante às pesquisas futuras, que podem se debruçar sobre essa questão de gênero que expusemos, mas que não conseguimos nos aprofundar. Afinal, essa afirmação dos espaços do homem e da mulher no futebol feita pelos periódicos do início do século XX, traz um aspecto importante que acreditamos ajudar a entender essa construção de imaginários elitizados acerca do futebol.

Esses discursos acerca da presença das mulheres nos estádios suscita outra questão relevante. Muitas vezes essas moças eram tratadas como integrantes das mais “distintas famílias” do Rio de Janeiro. Vimos que esse é um aspecto essencial à compreensão do imaginário que reforçava essa distinção social. A ascendência familiar de um jogador, por exemplo, foi usada, segundo Mario Filho, algumas vezes como critério de desempate na hora de montar selecionados nacionais ou estaduais.

Ter selecionados e times compostos pelos membros de “boas famílias” era essencial, também, pelo forte caráter diplomático que o futebol ganhava àquela altura. Trouxemos como exemplo a recepção do ministro do Chile e a própria fundação da CDB, que fora revestida de interesse do estado, tendo sido presidida pelo ministro das Relações Exteriores, Lauro Müller. A questão diplomática nos leva a um conceito essencial nessa pesquisa, que é do futebol como espelho e máscara de Archetti trazida por Pablo Alabarces, ou seja, uma construção da imagem de um clube, estado ou nação entorno do futebol.<sup>349</sup>

Outro aspecto que esses periódicos trouxeram é a impressão de um ambiente dentro e fora de campo, antes e após a partida, muito marcado por esses ideais aristocráticos que falamos. Foi comum ao longo da pesquisa vermos confraternizações entre os jogadores e diretorias dos clubes que se enfrentaram no mesmo dia. Nesse sentido, o livro de Mario Filho foi muito importante ao demonstrar uma visão do requinte que se tinha, e muitas vezes se exigia, daqueles que participavam de uma partida de futebol.

Ao nos debruçarmos sobre esse assunto, acreditamos ter conseguido demonstrar que uma partida de futebol era, para esse grupo, um verdadeiro evento social. Mostramos que os jornais da época tentaram imprimir a esse esporte um caráter distintivo, ressaltando o cavalheirismo entre os que jogavam e os que assistiam, noticiando não só as partidas, mas também as confraternizações, minuciosamente detalhadas. Há, portanto, a imagem da partida de futebol como um espaço comum a uma só classe — a elite aristocrática —, onde as fronteiras entre o campo e a arquibancada parecem não existir.

---

<sup>349</sup> Archetti, 2003:41 apud ALABARCES, Pablo. *Tropicalismos y europeísmos: la narración de la diferencia entre Argentina y Brasil através del fútbol*. *Motus corporis*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 9-29, maio 2003, p. 12.

Além disso, há, tanto nos jornais, quanto nas falas dos jogadores, uma série de palavras e expressões em línguas estrangeiras, especialmente em francês e inglês. Muito importante foi identificarmos esse aspecto, pois nos permitiu ver que há uma tentativa dessa elite aristocrática de se distinguir através de europeísmos. Nesse ponto, pudemos associar a questão das elites à questão da modernidade, que, como defendemos, buscavam uma ideia genérica de Europa, na tentativa de se agarrarem à uma tradição europeia que julgavam ter.

Levando isso em consideração, parece-nos perceptível como a difusão desse esporte para outros lugares que não os seus, incomoda essa classe dirigente. Tentamos mostrar como, nos anos 1910, com os primeiros sinais dessa popularização, a imprensa elitista insinuava que as quebras dos códigos sociais desse grupo que ocorriam em alguns jogos, poderiam ser fruto dessa expansão do futebol para além dos muros dos clubes elitizados. Acreditamos que isso ficou visível quando analisamos duas abordagens diferentes acerca de um estádio cheio em circunstâncias opostas de um jogo que ocorreu sem grandes problemas e um jogo onde houve invasão do campo. No primeiro caso, tratado como “numerosa e distinta assistência” e, no segundo, como algo que ameaçava aquele ambiente de vulgarização, o que afastaria o interesse das “distintas famílias” que o frequentavam.

O mundo do futebol era, portanto, marcado por toda a pompa da elite carioca, com toda sua cordialidade, cavalheirismo e orgulho, e não admitia que houvesse transgressões. Como mecanismo de reforço desses valores, não eram raros os banquetes oferecidos pelo time mandante em homenagem ao visitante. Muito menos, eram as medalhas em mérito de alguma conquista por parte de um *sportsmen*, a quem dedicaremos nossas considerações logo mais.

Ao identificarmos então a que elite e a que tipo de modernidade estamos nos referindo, associando-as, é claro, pudemos entender melhor questões relacionadas à construção e reforço desses imaginários acerca de um futebol elitizado. Nesse sentido, é preciso dar destaque ao papel desempenhado pelos clubes como espaços de sociabilidade e de formação de identidade aristocrática. Com muitos de seus associados tendo formação escolar na Europa, esses espaços tornam-se exclusivos dessas elites e passam a ser utilizados para bailes e jantares onde seus valores, sua disciplina, sua moral são transmitidos geração após geração.<sup>350</sup>

São nesses espaços que se formam os que julgamos serem os protagonistas do nosso estudo, os *sportsmen*. Mais do que os praticantes do jogo, são eles os responsáveis por essa

---

<sup>350</sup> Como nos demonstraram Ernesto Seidl (2013) e Pierre Bourdieu (2020), a própria escola era um espaço de produção de novos agentes de transmissão da “herança do grupo” (BOURDIEU, 2020, p. 25), aqui no caso, bastante aristocrática.

transmissão no campo esportivo. No entanto, esses personagens são o resultado de uma sociabilidade que, além das características democráticas, levava em conta os aspectos dessa modernização que defendemos. Não parece absurdo, aqui, pensar que os *sportsmen*, enquanto agentes, então, de uma modernidade europeia a partir do futebol, obedecem à mesma agenda da Grande Reforma Urbana no início do século XX, ou seja, uma agência norteadora por uma ideia de modernidade baseada em um “progresso conservador”.

Nesse sentido, a figura de Marcos Carneiro de Mendonça aparece para nós como um “tipo ideal” de *sportsmen*, como os jornais da época o definiam, e, por isso, digno da nossa atenção. Como um ídolo do futebol amador, o goleiro e sua história demonstram-se quase como uma personificação dos aspectos tratados acima.

Tudo isso que tratamos até aqui nos permite compreender os imaginários que levam ao que consideramos ser a principal contribuição da presente pesquisa, que são os discursos de recusa à profissionalização do futebol. Nesse sentido, não é exagero que o futebol enquanto agente civilizador das elites perde muito do seu ímpeto com a sua profissionalização. Constantemente, contudo, vemos esse processo sendo tratado de maneira natural, principalmente entre os jogadores.

Como vimos, existe uma série de fatores que influenciaram o contexto para os membros da elite aristocrática. Acreditamos que a esse ponto, passados todos os capítulos e chegando até aqui, já é perceptível como havia toda uma estrutura cujas abordagens naturalizantes do processo de profissionalização parecem subestimar. Não queremos aqui negar que houve o “amadorismo marrom” que, nessa altura, a existência aparenta ser ponto pacífico nos estudos do futebol carioca pré-amadorismo.<sup>351</sup> O que buscamos foi, justamente, mostrar a ressonância dessa prática e da posterior adoção do regime profissional dentro das classes dirigentes do Rio de Janeiro.

Conseguimos reconhecer inclusive, dois tipos gerais de discurso, demonstrando que sequer existia um padrão nessas recusas, estando muito relacionados à posição que quem os proferia estava.

O discurso de aversão, mais revoltado e indignado, era majoritariamente a expressão de sócios, dirigentes e antigos *sportsmen*, que não aceitavam perder o controle do campo de jogo enquanto um espaço distinto. Esse discurso encontrou ressonâncias nas instituições que foram declaradamente contra a adoção do profissionalismo. Essas instituições cogitam, e algumas até cumprem, encerrar as atividades do futebol. Uma delas, por exemplo, foi o Botafogo F.C., um

---

<sup>351</sup> Inclusive, por isso julguei necessário tratar do dissídio esportivo no primeiro capítulo, que gira em torno, justamente, dos conflitos provocados pelo pagamento irregular de jogadores.

dos clubes que dão origem ao tradicional Botafogo F.R., que ameaçou publicamente encerrar suas atividades futebolísticas.<sup>352</sup>

Em nota publicada no *Correio da Manhã* do dia 02 de fevereiro de 1933, o clube diz o seguinte: “A unanimidade da directoria do Botafogo F. Club [...] assume de publico a inteira responsabilidade de todas as suas actividades **contra o profissionalismo [...] em defesa das tradições e dos fins de um club como sociedade civil**”<sup>353</sup> (grifo nosso). O caso é interessante pois é uma manifestação institucional — segundo a nota, decidida em unanimidade —, porém adotando uma argumentação muito similar à vista ao longo da pesquisa.

Há um apelo às “tradições e aos fins do clube como sociedade civil”, ou seja, sem visar o lucro. Aqui fica nítida a função de sociabilidade que defendemos sendo utilizada para combater a queda de um regime que ameaça o que a elite aristocrática tem de mais valorizado: o seu *status*. Esse fora impresso ao futebol, ano após ano, mas havia, desde o processo de popularização do esporte, um receio, um sentimento de ameaça desse espaço que era de afirmação do seu *status* e da sua distinção.

Mais do que isso, o profissionalismo trazia uma

[...] mudança de ênfase, do desejo de vencer um confronto para a aspiração à vivência da agradável excitação prolongada do confronto, era a este respeito bastante significativa. Num estádio posterior encontrou a sua expressão no bem conhecido *ethos* dos desportos, de acordo com o qual não era a vitória, mas o próprio jogo, que interessava.<sup>354</sup>

Para as elites intelectuais do início da República, portanto, esse *ethos* era deixado de lado no momento em que remunerava-se os atletas. Pela própria lógica do profissionalismo — ou, melhor dizendo, do capitalismo —, o indivíduo costuma buscar, cada vez mais, um melhor desempenho à procura de uma ascensão, possibilitada pelo dinheiro. Nessa perspectiva, então, a diversão do jogo dá lugar à busca pela vitória, que torna-se a prova do sucesso.

Em outro trecho, a nota do Botafogo F.C. apela para outros argumentos:

**Para promover a cultura em geral e, especialmente, a educação physica da mocidade carioca, foi fundado**, viveu [...] e viverá das proprias forças para a exclusividade de seu idealismo.

[...] sente-se o Botafogo Football Club á vontade para **admitir a hypotese de dissolver a sua secção de football se, contra os seus melhores desejos e esforços, fôr em absoluto impossivel manter os principios universaes do amadorismo**. O

<sup>352</sup> O que é curioso, se pararmos para pensar que o Botafogo Football Club foi um clube, teoricamente, fundado para esse fim.

<sup>353</sup> *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 02 de fevereiro de 1933, p. 10.

<sup>354</sup> ELIAS, Norbert. Ensaio sobre o desporto e a violência. In: DUNNING, Eric; ELIAS, Norbert. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992b. p. 256.

Botafogo F. Club em nome de todos os seus amadores [...] despreza as insinuações dos “sem trabalho” do sport. [...] Ahi está o primeiro resultado da inovação. **Por interesse pecuniario, ofende-se a honra pessoa de grandes nomes do football nacional com projecção na vida universitaria.**<sup>355</sup> (Grifos nossos)

Novamente, a nota apresenta muitos dos argumentos utilizados pelos indivíduos que atacavam o profissionalismo. A começar pela defesa dos preceitos higienistas, dizendo ser o clube fundado visando a cultura e a educação física da juventude carioca. Lembremos que, ao longo da pesquisa, vimos que essa era uma das defesas feitas pelo higienismo, defendendo a melhor educação do corpo para a melhor educação da mente.

Na ameaça de dissolução do futebol do clube, a justificativa talvez seja o que mais nos interessa. A crítica ou recusa ao recebimento de dinheiro e ao lucro é recorrente, aberta ou veladamente, como razão para a não profissionalização. Esse “interesse pecuniário” é justamente destinado à classe média ascendente, enriquecida, cuja a única coisa que as distingue da elite é a falta de *status*, e, por isso, é algo que a elite aristocrática não admitirá abrir mão.

Além disso, esse enriquecer do corpo é tratado como ofensivo. Da mesma forma o foi — repito —, aberta ou veladamente, tratado nos argumentos que vimos até aqui. É ofensivo justamente porque mexe com a honra de um indivíduo que tem a possibilidade de fazer um curso universitário, ou seja, exercer uma atividade intelectual. Há aqui, provavelmente, um estigma do “ganhar dinheiro” através do corpo. Esse preconceito pode tanto vir de um estigma da escravidão, em uma sociedade que tem que lidar com uma realidade de uma abolição recente, ainda estigmatizando os trabalhos que dependam do corpo como uma atividade escrava, quanto de um estigma da prostituição, onde mulheres ganhavam dinheiro através do seu corpo.

Um clube que foi mais drástico que o Botafogo F.C. foi o S.C. Brasil que extinguiu, de fato, a seção de futebol do clube. A esse respeito, *O Paiz*, publicou uma breve nota, onde um dos argumentos era de que o S.C. Brasil “Fiel aos seus principios [...] ficou com a corrente amadorista. Não era de estranhar já antes era elle o exemplo, o paradigma do amadorismo”.<sup>356</sup>

*O Paiz* é mais um, na defesa do S.C. Brasil, a defender que a expressão amadora era a verdadeira expressão do *sport*, como se o profissionalismo fosse um antagônico. Segundo o jornal, o clube:

Era uma victima da evolução que vinha praticamente transformando o *football* praticado do ponto de vista meramente *sportivo* para o profissionalismo.

<sup>355</sup> *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 02 de fevereiro de 1933, p. 10.

<sup>356</sup> *O Paiz*. Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1933.

[...] se tratava dum club cuja vida era exemplo de dedicação, desprendimento e esforço incalculável dos seus associados [...].<sup>357</sup>

Aparecem aqui as qualidades de dedicação e esforço, como se o profissional de futebol — talvez por ser um “profissional do corpo” e “inferior” — não as fosse ter. Além disso, a ideia de desprendimento, somada aos casos de uso de outras palavras como “preso”, referindo-se ao profissionalismo, e “liberdade”, ao amadorismo, são mais um dos indícios os desses estigmas citados. Não raro vimos a associação dos profissionais a “vadios” e “sujos”, deixando claro esse preconceito com essa prática.

O outro tipo de discurso era o que chamamos como de “boa vizinhança”, ou seja, aqueles que não se profissionalizam, mas não a condenam, a tratam como algo necessário, provavelmente com a perspectiva de um dia poder jogar pelos clubes novamente. Estes, encaravam esse projeto como uma proposta moralizadora, carregando o argumento profissionalizante de um preconceito com a população. A moralização proposta, nada mais era do que a das relações de trabalho, pois julgavam mais degradante receber de maneira clandestina, como ocorria no “amadorismo marrom”, do que receber legalmente pela prática do futebol. É óbvio que havia, sim, o objetivo do lucro, muito atacado pelos defensores do amadorismo, mas a força da tradição aristocrática é tão grande que o argumento da moralização torna-se, portanto, mais adequado para esses indivíduos.

Para que tenhamos ideia, muitos dos jogadores que tratamos aqui, voltaram para jogar nos times de profissionais dos seus antigos clubes, alguns deles exigindo a manutenção da condição de amador. É o caso, por exemplo do goleiro Victor, que trouxemos. Em 1934, ele concorda em jogar pelo América, desde que se mantivesse amador. Preguinho e Velloso, mesmo com as ameaças do Fluminense de profissionalizá-los, também voltaram para os times profissionais.

Continuar afirmando a profissionalização do futebol masculino no Rio de Janeiro como uma consequência natural e, de certo modo, pacífica da popularização seria ignorar essa parcela que, anteriormente, se consideravam os dignos representantes do futebol brasileiro. É negar toda uma estrutura armada para a socialização desses indivíduos dentro do esporte. Há nos clubes e entre os seus associados, mecanismos próprios de uma cultura política de manutenção da

---

<sup>357</sup> *O Paiz*. Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1933. É cômico que *O Paiz* diz que “Não foi o S.C. Brasil quem perdeu, foi o football”, e hoje o futebol é o esporte mais praticado no mundo e poucos sabem da existência do S.C. Brasil.

distinção, vindo ruir uma importante instituição e espaço de compartilhamento de valores, tradições, práticas e representações. Isso faz com que o processo seja muito mais conturbado e conflituoso do que aparenta ser.

É importante que se diga que o futebol não era um mundo à parte da sociedade, pelo contrário, era o reflexo desta. Tendo isso em mente, tentamos demonstrar que muitos desses conflitos estão ocorrendo, também, em contextos maiores, como o nacional. Vimos que há uma degeneração das estruturas republicanas antigas que acreditamos estar diretamente relacionada a esse processo.

Já sinalizávamos para isso ao associar a introdução do futebol no Rio de Janeiro como parte do processo de modernização que a cidade passava, tendo por trás uma figura relevante da política e dessa elite como Pereira Passos. Além disso, todo o contexto do golpe que leva ao poder Getúlio Vargas, conversa diretamente com esse processo de profissionalização, tanto na perda de ímpeto das antigas elites tradicionais aristocráticas, quanto a uma maior atenção à questão social, e portanto profissional, àquela época.

Essa degeneração que estamos falando, nos leva a uma pergunta que ainda não tínhamos feito até aqui. Mais do que todos esses questionamentos e personagens centrais, que apresentamos, é importante compreender o porquê de quase não ouvirmos falar desses personagens que trouxemos.

Até na tentativa de continuar desnaturalizando esse processo, precisamos entender que tudo que tratamos até aqui faz parte de um projeto que fora derrotado, o da manutenção do amadorismo. Após essa derrota, o que existiu foi uma construção da memória do futebol repleto de referências do profissionalismo para frente. Ainda que, em páginas e documentos oficiais, se tenha referências a alguns desses personagens, no imaginário popular, esses *sportsmen* se perderam.

Marcos Carneiro de Mendonça é um bom exemplo. Personagem já bem referenciado em estudos acadêmicos, inclusive com uma boa parte dedicada a ele nessa pesquisa, foi um dos principais nomes do título brasileiro do Campeonato Sul-Americano de 1919. No entanto, não é nome muito conhecido ou mencionado em discussões, por vezes, acaloradas sobre os ídolos nacionais no futebol. É, portanto, um ídolo do amadorismo.

O apelo feito no título dessas considerações finais, parte desse “porquê” a ser respondido. A derrota desse projeto, apagou por muito tempo esses *sportsmen*, que tornaram-se negligenciados nas pesquisas acerca do tema. A visão das elites, enquanto agentes e personagens também dentro de campo e que sofre com o processo da profissionalização a perda do controle

da prática do jogo e dos sentidos que ele impõe, traz um conflito e uma indignação com o projeto vencedor.

Com isso, esperamos que a presente pesquisa tenha ajudado a incentivar pesquisas futuras, na busca de uma visão mais completa e menos natural desse processo. Buscamos aqui, portanto, uma alternativa para futuros estudos acerca da temática, melhorando a compreensão da temática não só do processo de profissionalização do futebol, como também das elites cariocas, cujos clubes foram espaços determinantes de socialização e construção de seus imaginários.

## REFERÊNCIAS

### PERIÓDICOS

*Beira Mar: Copacabana, Ipanema Leme.*

*Correio da Manhã.*

*Diário Carioca.*

*Jornal do Brasil*

*O Globo*

*O Paiz.*

*The Brazilian News*

### BIBLIOGRAFIA

ALABARCES, Pablo. Tropicalismos y europeísmos: la narración de la diferencia entre Argentina y Brasil através del fútbol. **Motus corporis**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 9-29, maio 2003.

ANTUNES, Fátima M. R. Ferreira. A influência britânica na formação dos clubes de fábrica em São Paulo. *In*: FONTES, Paulo e HOLLANDA, Bernardo Buarque (orgs.). **Futebol e mundos do trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2021. p. 39-69.

ARAÚJO, R. B. de. **Os gênios da pelota**. Um estudo do futebol como profissão. 1980. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – PPGAS/Museu Nacional/UFRJ. Rio de Janeiro. 1980.

AZEVEDO, André Nunes de. A reforma Pereira Passos: uma tentativa de integração conservadora. **Revista Rio de Janeiro**, n. 10, maio/agosto de 2003. p. 151-183.

AZEVEDO, André Nunes. A dimensão da ideia de civilização no contexto da reforma urbana de Pereira Passos. **AEDOS**, v. 9, n. 20, p. 383-400, 2017.

BOURDIEU, Pierre. Estratégias de reprodução e modos de dominação. **Repocs**, v.17, n.33, jan./jun. 2020. p 21-36.

BRITO, Giselda. História e Lingüística: algumas reflexões em torno das propostas que aproximam a história da análise do discurso. **Saeculum** - Revista de História, n11, João Pessoa, ago./dez. 2004.

CONRAD, Sebastian. **What Is Global History?**. Princeton University Press, Nova Jérsei, 2016.

CORREIA, Carlos Augusto Jourand. As vozes do gramado: relato de ex-atletas sobre a formação do Sindicato de Futebolistas Profissionais do Rio de Janeiro (1971-1982). *In*. **Esporte e Sociedade**, ano 5, n15, Jul. 2010/Out. 2010.

COUTINHO, Renato Soares. Pena que Fausto fosse assim, um revoltado: memória e esquecimento em tempos de futebol profissional. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH São Paulo**, p. 1-10, julho 2011.

DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio – Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP**, n. 22, 1994. p. 10-17.

DAMO, Arlei Sander. Senso de jogo. **Esporte e Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 1, Nov 2005/Fev 2006.

DRUMOND, Maurício da Silva. Os Gramados do Catete: Futebol e Política na Era Vargas (1930-1945). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos. **Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional**. Rio de Janeiro: Mauad Editora: FAPERJ, 2006. p. 107-132.

DUNNING, Eric; SHEARD, Kenneth. **Barbarians, Gentlemen and Players**. A sociological study of development of rugby football. Canberra: Australian National University Press. 1979.

ELIAS, Norbert. A gênese do desporto: um problema sociológico. In: DUNNING, Eric; ELIAS, Norbert. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992a. p. 187-221.

ELIAS, Norbert. Ensaio sobre o desporto e a violência. In: DUNNING, Eric; ELIAS, Norbert. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992b. p. 223-256.

FERNANDEZ, Renato Lanna. **O Fluminense Foot-ball Club: a construção de uma identidade clubística no futebol carioca (1902-1933)**. 2010. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) – CPDOC/FGV, Rio de Janeiro, 2010.

FILHO, Mario. **O Negro no Futebol Brasileiro**. 5 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2010. 360p.

FRANZINI, Fabio. **As raízes do país do futebol – Estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919-1950)**. 2000. Dissertação (Mestrado em História Social) – FFLCH/USP, São Paulo, 2000. GOMES, Angela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

GIGLIO, Sérgio Settani. "Muito mais do que um jogo": os embates entre o coi e a Fifa pelo controle do futebol olímpico. **Ciência e Cultura**, v. 66, n. 2, p. 47-50, 2014.

GOMES, Eduardo de Souza. A chegada do profissionalismo: imprensa e dirigentes de futebol no Rio de Janeiro (1933) e na Colômbia (1948). **Esporte e Sociedade**, Rio de Janeiro, ano 12, n. 29, março 2017.

GUPTA, Akhil e FERGUSON, James. "Beyond Culture: Space, Identity, and the Politics of Difference". Culture, power, place. **Explorations incritical Anthropology**. Durham: Duke University Press, 1997, pp. 33-51.

LEFEBVRE, Henri. "Prefácio - A produção do espaço". In: **Estudos avançados**, vol.27, n.79, 2013.

LEVI, Giovanni. "Microhistoria e Historia Global". **Historia Crítica** n.º 69. 2018.

MALAIÁ, João Manuel. O processo de profissionalização do futebol no Rio de Janeiro: dos subúrbios à Zona Sul: A inserção de negros, mestiços e brancos pobres na economia da Capital Federal (1914-1923). **Leituras de Economia Política, Campinas**, v. 10, n. 1 (13), p. 125-155, jan./jul. 2008.

MALAIÁ, João Manuel. **Revolução Vascaína**: a profissionalização do futebol e inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934). 2010. Tese (Doutorado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010

MATTOS, Hebe. A vida política. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (coord.). **A abertura para o mundo (1889-1930)**. Coleção História do Brasil Nação: Vol. 3, Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 85-131.

MICHEL, Johann. Podemos falar de uma política do esquecimento?. **Revista Memória em Rede**, v. 2, n. 3, 2010.

MONTEIRO, Lorena. Estudos de elites políticas e sociais: as contribuições da Sociologia e da História. **Sociedade e Cultura**, v. 12, n. 1, p. 25-32, 2009.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia. In: MOTTA, R. P. S. (org.). **Culturas Políticas na História**: Novos Estudos. Belo Horizonte: Argumentum. 2009. P. 13-37.

NAPOLEÃO, Antonio Carlos. História das Ligas e Federações no Rio de Janeiro (1905-1941). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos. **Memória social dos esportes**: futebol e política: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad Editora: FAPERJ, 2006. p. 81-105.

O'DONNELL, Julia. **A invenção de Copacabana**: culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro (1890-1940). Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 255p.

PADRÓS, Enrique Serra. Usos da memória e do esquecimento na História. **Letras**, n. 22, p. 79-95, 2001.

PATTO, Maria Helena Souza. Estado, ciência e política na Primeira República: a desqualificação dos pobres. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 13, n. 35, p. 167-198, abril 1999.

PECHMAN, Robert. Pedra e discurso: cidade, história e literatura. **Revista Semear**, Rio de Janeiro, n. 3, 1999.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). 1998. Tese (Doutorado em História) – IFCH/Unicamp, Campinas, 1998.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Pelos campos da nação: um goal-keeper nos primeiros anos do futebol brasileiro. **Revista Estudos Históricos**, v.10, n.19, 1997. p. 23-40.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista estudos históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RIO, João do. *Vida Vertiginosa*. Paris: Garnier, 1911.

ROCHA, Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto. João Havelange, uma vida extraordinária? Ideologia e ação política na formação de um patrimônio social-esportivo, 1916-1958. **FuLiA/UFMG**, v. 5, n. 3, p. 75-97, 2020.

RODRIGUES, Antônio Edmilson Martins. “Em Algum Lugar do Passado”. In: AZEVEDO, André Nunes de (org.). **Anais do seminário Rio de Janeiro: capital e capitalidade**. UERJ, 2002.

SALIBA, Elias Thomé. Cultura / As apostas na República. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (coord.). **A abertura para o mundo (1889-1930)**. Coleção História do Brasil Nação: Vol. 3, Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 239-294.

SARMENTO, Carlos Eduardo. **A regra do jogo: uma história institucional da CBF/Coordenação Adelina Maria Novaes Cruz, Carlos Eduardo Sarmento e Juliana Lage Rodrigues; Texto Carlos Eduardo Sarmento**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006. 176 p.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. População e Sociedade. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (coord.). **A abertura para o mundo (1889-1930)**. Coleção História do Brasil Nação: Vol. 3, Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 35-83.

SEIDL, Ernesto. Estudar os poderosos: a sociologia do poder e das elites. In: SEIDL, Ernesto e GRILL, Igor Gastal (orgs.). **As ciências sociais e os espaços da política no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013. 333 p.

SOUZA, Glauco J. C. “Cá em casa é só por amor” O Profissionalismo Marrom nos Subúrbios Cariocas”. **XXIX Simpósio Nacional da Anpuh**, Brasília, 24-28 de julho de 2017.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. Em buscas das origens da História Global: aula inaugural proferida no Collège de France em 28 de novembro de 2013. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 30, nº 60, p. 219-240, Jan/Abr 2017.

THOMPSON. E.P. A Economia Moral da multidão. In: THOMPSON. E.P. **Costumes em Comum**. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.

TONINI, Marcel Diego; GIGLIO, Sérgio Settani. A transferência de jogadores no sistema FIFA e a migração de brasileiros para a Europa (1920-1970). **Estudos Históricos (Rio de Janeiro)**, v. 32, p. 609-632, 2019.

TRIVELLATO, Francesca. Is There a Future for Italian Microhistory in the Age of Global History?. **California Italian Studies**, 2. 2011.

VARES, Sidnei Ferreira de. A dominação na República Velha - uma análise sobre os fundamentos políticos do sistema oligárquico e os impactos da Revolução de 1930. **História: Debates e Tendências**, Passo Fundo, v. 11, n.1, janeiro/junho 2011.

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. O federalismo oligárquico brasileiro: uma revisão da “política do café-com-leite”. **Anuario del IEHS**, 2001.

VISCARDI, Cláudia. Direitos políticos e representação no Brasil republicano (1891-1934). **Revista Mundos do Trabalho**, v. 9, n. 18, p. 49-62, 2017.

WISMER, Lacey Elaine. **British American Football: National Identity, Cultural Specificity and Globalization**. Tese (Doutorado em Filosofia) — School of Sport and Education/Brunel University, Londres, Reino Unido, 2011.

**ANEXO A – CONVITE A MARCOS CARNEIRO DE MENDONÇA  
PARA DISPUTAR PARTIDA CONTRA UM SELECIONADO INGLÊS**

Rio de Janeiro, 13 de Setembro de 1911

Ilmo. Sr. Marcos Mendonça

Em nome da comissão de Football tenho a satisfação de vos convidar para jogar no 1º team de Brasileiros, contra os Inglezes, domingo, 17 do corrente no campo do Fluminense F.C. às 3.45 p.m.

Este convite serve de ingresso

[Ilegível]

– Presidente da Liga –

## **ANEXO B – COLEÇÃO DO COFRE: MEDALHAS DESPORTIVAS CONFERIDAS A MARCOS CARNEIRO DE MENDONÇA**

- Medalha de ouro do Campeonato Sul-Americano de 1919
- Medalha de Merito a c Confederação Brasileira de Desportos – C.B.D.
- Liga Metropolitana de Desportos Terrestres – Campeão de Lançamento de Peso – 1º lugar  
Medalha de Ouro oferecida pelo Fluminense Foot-Ball Club.
- Medalha de Prata – 1921  
2º lugar no Pulo de Vara  
Fluminense Foot-Ball Club
- Fluminense Foot-Ball Club  
Cinquentenário de Socio  
1914-1964
- Fluminense F. Club  
Tri-Campeonato de Foot-Ball  
1919  
[...]
- Medalha de ouro  
“Primeira Festa de Sports Athleticos”  
“Rio, 17-9-915”  
S. Christovão A. Club –  
Lançamento do Peso (Camp. Rio-S. Paulo)  
[...]
- Medalha de ouro  
“Primeira Festa de Sports Athleticos”  
“S. Christovão A. Club”  
“Salto de Vara” 17-1-1915

## **ANEXO B – PONTO 11 DO CURRÍCULO DE MARCOS CARNEIRO DE MENDONÇA**

### **11. Vida Esportiva**

#### **11.1 Como Atleta Amador**

11.1.1 1910. Estreou como goleiro no 1º time do Haddock Lobo F.C.

11.1.2 1913. Campeão da cidade do Rio de Janeiro como goleiro do 1º time do América F.C.

11.1.3 1914. Passa a sócio e goleiro do 1º time do Fluminense F.C.

11.1.4 1914. Goleiro da Seleção do Brasil que obteve a 1ª vitória fora do país, contra a Argentina em Buenos Aires.

11.1.5 1917-18-19. Tri-campeão da cidade do Rio de Janeiro como goleiro do Fluminense F.C.

11.1.6 1919. Goleiro da Seleção Brasileira campeã Sul-Americana

11.1.7 1922. Goleiro da Seleção Brasileira campeã Sul-Americana

11.1.8 Atividades em outros esportes, a várias épocas:

Campeão Carioca de Salto com Vara; Vencedor de torneios internos de volleyball na ACM; handicap 9 em golfe.

#### **11.2 Como Dirigente**

11.2.1 1941-3. Presidente do Fluminense F.C. Primeiro presidente do clube que teve atuação como atleta. Atualmente é o sócio nº 1 do clube

11.2.2 1943. Reeleito Presidente do Fluminense F.C.

11.2.3 Integrante do Conselho Diretor, composto por ex-Presidentes do Fluminense F.C.

11.2.4 Sócio Benemérito da Associação Beneficente dos Funcionários do Fluminense F.C.

11.2.5 Criador do 1º quadro de juízes de futebol do Brasil.

11.2.6 Fundador do Esperança F.C., de Itabirito, MG